

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

LUCAS BASSO

**O CADAFALSO DA REALIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
DA DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
NO BRASIL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PATO BRANCO

2023

LUCAS BASSO

**O CADAFALSO DA REALIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA
DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL**

**The Scaffold of Reality: An speech analysis of the Disinformation during the
Covid-19 pandemic in Brazil**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: “Linguagem, Cultura e Sociedade”. Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Trabalho. Orientadora: Prof. Dra. Marcia Andrea dos Santos.

PATO BRANCO

2023



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco



LUCAS BASSO

O CADAVALSO DA REALIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Março de 2023

Dra. Marcia Andrea Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Vanda Mari Trombetta, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Vanderlei Sebastiao De Souza, Doutorado - Universidade Estadual do Centro-Oeste

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 30/03/2023.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço as Instituições em que estudei, a UTFPR – Pato Branco, onde cursei o ensino médio, a graduação em Letras e o Programa de Mestrado em Linguística, e também à UNICENTRO onde cursei a graduação em História e participei do programa de Mestrado em História.

Ambas as Instituições merecem o maior respeito e admiração pela competência, prestatividade e amparo que me ofereceram ao longo de mais de 13 anos de jornada, contando com professores extremamente preparados e eficientes, que me permitiram completar todas as etapas dessa jornada potencializando ao máximo minhas capacidades intelectuais, acadêmicas e científicas.

Faço também um agradecimento à CAPES, órgão responsável pelo fomento à pesquisa do Brasil, sem o qual, a realização da presente investigação seria impossível.

Agradeço aos professores que compõe a minha banca de avaliação. A atenção, o tempo e a dedicação à minha pesquisa é essencial para que eu possa compreender melhor o processo de construção científica, e também aprender as formas arquitetônicas que compõe uma investigação precisa e sólida acerca das temáticas pretendidas.

Um agradecimento especial à minha orientadora Professora Doutora Marcia Andrea dos Santos por toda a dedicação, paciência e empenho para com o meu processo de construção científica, somente com o seu auxílio eu pude completar o longo processo de escrita da dissertação.

Aos meus colegas no Programa de Pós-graduação em Letras, especialmente à Maria Eduarda, que me acompanhou por todas as disciplinas e tornou o processo de aprendizado e construção da pesquisa muito mais divertido e didático.

Aos meus amigos André Felipe, João Pedro, Roberson, Thiago, Rodrigo, Isabela e Eduardo que, em maior ou menor grau, estiveram comigo durante esse período e aliviaram um pouco a pressão conversando e perguntando sobre o meu progresso no mestrado, bem como me distraíndo nos momentos de lazer.

Aos meus familiares, que deram total apoio ao meu projeto de ingressar na pós-graduação e proporcionaram as condições para que eu pudesse obter êxito nessa jornada, dedico um sincero agradecimento. Sem vocês esse mestrado não seria possível.

Por fim, dedico esse agradecimento à Ana Paula, minha namorada, que, sem dúvida, foi a pessoa que participou mais ativamente de todas as etapas que envolveram a

criação desta dissertação. Foi graças aos seus incentivos para o ingresso no programa de pós-graduação e a sua presença em todas as minhas apresentações, e também por todas as vezes que você ouviu meus desabafos e tentou me auxiliar de alguma forma que eu pude finalizar mais essa etapa. Esse trabalho é o resultado da soma das nossas indignações frente ao caos da realidade que enfrentamos.

“É o que querem dizer com o útero do tempo: A agonia e a desesperança dos ossos estendidos, a dura cintura na qual repousam as indignadas entranhas dos fatos.”

Enquanto agonizo – W. Faulkner

RESUMO

BASSO, Lucas. **O Cadafalso da Realidade: Uma análise Discursiva da Desinformação durante a pandemia de Covid-19 no Brasil**. 2023. 154 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2023.

O principal objetivo da presente dissertação é compreender o fenômeno linguístico e discursivo da desinformação durante a pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021 no Brasil, por meio do amparo metodológico do Círculo de Bakhtin, caracterizando as noções acerca da desinformação e da pós-verdade a partir da análise de duas amostras que demonstraram amplo alcance e engajamento no campo social e político brasileiro. Em um primeiro momento, torna-se necessário construir a estrutura que denota a forma como os conceitos que orbitam o Círculo de Bakhtin e também a desinformação e a pós-verdade serão instrumentalizados para conduzir uma análise acerca dos excertos de desinformação veiculados durante a pandemia. Uma vez elucidadas as formas como serão utilizadas as bases teóricas e metodológicas, torna-se necessário utilizar o aparato metodológico ligado ao Círculo de Bakhtin, evidenciando os principais conceitos e fenômenos linguísticos abordados pelos autores como forma de demonstrar o viés adotado na análise, ressaltando o papel da ideologia, dos enunciados, discursos e das vozes sociais no processo analítico da investigação. Posteriormente, a pesquisa busca produzir uma contextualização acerca do conceito de desinformação e pós-verdade como forma de denotar a maneira com que tais ferramentas passaram a integrar o arsenal retórico de grupos políticos e ideológicos na atualidade, e também dimensionar seu impacto na realidade atual. Uma vez estabelecidas as bases conceituais e metodológicas que alicerçam os pressupostos analíticos da investigação, é necessário embasar a pesquisa acerca da consistência das hipóteses que a impulsionam, buscando por meio da descrição, da análise e interpretação das amostras, verificar a presença da voz social da extrema direita brasileira enunciada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em seu interior, bem como descobrir se a desinformação, nesses casos, funciona como uma estratégia discursiva que amplia as dimensões verbais dos pronunciamentos e falas do ex-chefe do executivo, como forma de alargar seus posicionamentos ideológicos e estimular comportamentos responsivos específicos por parte de seu grupo radicalizado. A assertiva que serve de alicerce à pesquisa é que a veiculação de tais informações serviu como estratégia discursiva de disseminação da ideologia dominante, que, conscientemente espalhou informações equivocadas com a intenção de moldar a narrativa e fornecer substrato para a criação de uma percepção da realidade inexistente durante a pandemia, de modo a enquadrá-la em seus próprios interesses.

Palavras Chave: Dialogia; Discurso; Desinformação; Pós-Verdade, Covid-19.

ABSTRACT

BASSO, Lucas. **The Scaffold of Reality: An speech analysis of the Disinformation during the Covid-19 pandemic in Brazil**. 2023. 154 l. Master Thesis. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2023.

This main objective of the present dissertation is to comprehend the linguistic and discursive phenomena of the disinformation during the Covid-19 pandemic in Brazil using the Bakhtin's Circle methodology, trying to characterize the concepts of disinformation and post-truth from the analysis of two samples that showed a broad range and engagement in the Brazilian social and politic field. In the first moment becomes necessary to make the structure that denotes the way the concepts that orbit Bakhtin's Circle and, also the disinformation and the post-truth will be instrumentalized to lead an assertive analysis of the excerpts of disinformation shared during the pandemic. Once elucidated the way that the theoretical and methodologic bases will be used, becomes necessary to deepen the theoretical apparatus connected to Bakhtin's Circle, denoting the main concepts and linguistic phenomena approached by the author's as a way to demonstrate the bias assumed in the analysis, highlighting the role of the ideology, the statements, speeches and the social voices inside the analytic process of the investigation. After, the research seeks to create a dense contextualization of the concept of disinformation and post-truth as a way to denote the manner in which these tools started to integrate into the rhetorical arsenal of political and ideological groups nowadays, and also scale their impact on the current reality. Once established the conceptual and methodological basis that found the analytical assumptions of the investigation, is necessary to base the research on about the consistency of the hypothesis that drives her, seeking through the description, analysis, and interpretation of the samples, verify the presence of the social voice of the extreme right enunciated by Jair Bolsonaro in its interior, as well as find if the disinformation, in this cases works as a rhetorical device that extends the verbal dimensions of the pronouncements and speeches of the chief executive as a way to amplify his ideological positioning and stimulate specific responsive behaviors from his radicalized group. The assertive that serves as a foundation to the research is that the sharing of this information worked as a discursive strategy of dissemination of the dominant ideology, consciously spreading mistaken information with the intention to shape the narrative and provide material to the creation of a nonexistent reality during the pandemic, in a way to frame in their own interests.

Key Words: Dialogic; Speech; Disinformation; Post-Truth; Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Palavras-chaves da coleta de mensagens.....	28
Figura 2: Ocorrência das palavras-chaves nas mensagens.....	29
Figura 3: Evolução da Covid-19 no Brasil.....	30
Figura 4: Amostra 1.....	105
Figura 5: Amostra 2.....	120

SUMÁRIO

CAP 1 – O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	12
1.1 Introdução.....	12
1.2 Contextualização da Pesquisa.....	13
1.3 Objetivos e Justificativa da Pesquisa	18
1.4 Pressupostos Metodológicos.....	21
CAP 2 – LINGUAGEM, IDEOLOGIA E DISCURSO.....	31
2.1 A Concepção de Linguagem de acordo com o Círculo de Bakhtin.....	32
2.2 O conceito de Ideologia.....	37
2.3 O signo Ideológico.....	45
2.4 O enunciado para o Círculo de Bakhtin.....	47
2.5 Vozes Sociais.....	54
CAP 3 – DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE.....	60
3.1 Trajetória histórica da Desinformação.....	61
3.2 Pós-Verdade e o paradigma Anticientífico.....	64
3.3 A Desinformação na Atualidade.....	81
3.4 A Desinformação no Brasil.....	95
3.5 A Desinformação na Pandemia.....	99
CAP 4 – Análise das Amostras.....	104
4.1 Primeira Amostra.....	104
4.2 Segunda Amostra.....	119
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152

Capítulo 1: O Processo De Construção Da Pesquisa

“Essa é uma discussão delirante, esdrúxula, anacrônica e contraproducente. Quando eu disse que um ano atrás nós estávamos na vanguarda da estupidez mundial eu infelizmente ainda mantenho isso em vários aspectos, porque nós ainda estamos aqui discutindo uma coisa que não tem cabimento, é como se a gente estivesse escolhendo de que borda da terra plana a gente vai pular”.

Luana Araújo sobre o “tratamento precoce” em depoimento para a CPI da Covid em 02/06-2021

1.1 Introdução

A inspiração que impulsionou essa pesquisa é fruto da união de dois fatores de extenso interesse do autor, de um lado a investigação linguística, produto direto da curiosidade científica que move o pesquisador rumo a seu objeto de interesse e que o mantém focado sobre suas amostras, buscando chegar a conclusões que são relevantes para a atualidade. De outro, a necessidade social e científica da temática, que denota fatores singulares dentro do recorte temporal e geográfico, e que possuem amplas capacidades de abordagem e investigação.

Corroborando o referencial bibliográfico adotado, o percurso metodológico e as amostras escolhidas, considera-se que o núcleo da relevância da análise discursiva dentro do campo da Linguística, bem como em todos os demais campos envolvidos, demonstra a necessidade de se compreender a forma como os discursos assumiram protagonismo singular e, por vezes, esquecido nos resultados catastróficos da pandemia de covid-19 no Brasil.

A despeito do caráter recente da temática tratada, a desinformação já demonstrou todo seu potencial destrutivo nas eleições americanas de 2016 e no Brexit, bem como nas eleições brasileiras de 2018. Para além dos exemplos mais paradigmáticos envolvendo o

campo político, a questão foi intensificada com o surgimento de um novo vírus que causou a pandemia mais mortal desde a gripe espanhola.

A proposta central é a de compreender o fenômeno da desinformação pela ótica da análise dialógica do discurso, compreendendo todos os parâmetros teóricos e metodológicos que cercam uma investigação que busca demonstrar o caráter intrínseco entre a informação, os discursos, as vozes sociais, as instituições e a ideologia.

A ideia de enfoque que preza pela análise dialógica discursiva é legitimada pela noção central proposta por cânones na área, de que a linguagem é o produto direto das manifestações, anseios e pensamentos da sociedade. É por meio da linguagem que os indivíduos materializam sua própria realidade, também seria o meio ideológico o motor que propulsiona tais manifestações. Para tanto é necessário reafirmar as assertivas propostas por Bakhtin (2014, p. 42) quando afirma que as palavras e os discursos são resultado direto de posições ideológicas adquiridas no universo social, portanto os discursos a serem analisados consistem em fragmentos da realidade que refletem um estado específico com potencial para demonstrar intencionalidades e projetos de poder institucionalizados no contexto brasileiro.

1.2 Contextualização da Pesquisa

A produção de uma investigação no Programa de Pós-Graduação em Letras da UTFPR-PB deve-se ao encontro dos interesses da pesquisa com os objetivos do programa, dado que, a análise da desinformação constitui uma excelente via de acesso aos processos que ocorrem no campo social, político e cultural brasileiro. Já no que concerne à área de concentração, a produção enquadra-se ao buscar aplicar uma análise sincrônica do processo de desinformação durante a pandemia de covid-19 no ano de 2020 e 2021, essa investigação observa a relação dialógica estabelecida entre os sujeitos e a disseminação de discursos, bem como a forma como as vozes sociais foram apreendidas pelo discurso da desinformação, fato esse que contempla a linha de pesquisa pretendida ao propor uma imersão contextual na relação entre a subjetividade, a linguagem e a ideologia.

Para a definição da temática torna-se necessário ressaltar alguns aspectos essenciais que orbitam os parâmetros teóricos e bibliográficos da pesquisa. Primeiramente o fator que dá condição de existência à pesquisa é o desenvolvimento tecnológico da sociedade atual, que permitiu não somente a criação da Internet, mas também o seu desenvolvimento como uma rede de comunicação com ampla difusão. Fato esse que possibilitou a prática da livre expressão por praticamente qualquer indivíduo. O maior problema envolvendo o processo de criação dessa rede de acordo com Paula, Silva e Blanco; (2018, p.6) é a sua perspectiva não dialógica que acaba por reforçar uma segregação de ideias e opiniões em bolhas específicas.

O resultado direto desse processo é um descrédito geral, seja nas informações disseminadas online, seja no jornalismo factual, e até mesmo na comunidade científica. Esse desdobramento criou o melhor cenário possível para a difusão em massa de desinformação, e também a legitimação imediata do fenômeno da pós-verdade. De acordo com Otavio Frias Filho:

A imprensa profissional, que adota critérios rigorosos para apurar e publicar notícias, continua sendo o farol a iluminar as fronteiras, sempre fluidas, entre o falso e o verdadeiro. Mas a maioria das pessoas ainda tem pouco acesso a esse tipo de jornalismo (mesmo que a era digital tenha multiplicado em várias vezes o público que desfruta desse acesso) e nem sempre se mostra capaz de distingui-lo de outras fontes suspeitas ou simplesmente mentirosas. (FRIAS FILHO, 2018, p. 44)

A gravidade desse problema foi acentuada com o surgimento de um novo vírus que causou grande mortalidade pelo mundo. A covid-19 foi descoberta na cidade chinesa de Wuhan no fim de 2019 e até o presente momento protagonizou a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. Somado a isso criou-se uma infodemia responsável por influenciar diretamente o comportamento de milhões de indivíduos no mundo todo, levando inúmeras pessoas direta ou indiretamente ao óbito. De acordo com Souza (2020, p. 2) a desinformação apresenta impacto direto na atuação dos órgãos responsáveis pela saúde e segurança pública, causando problemas de variadas ordens que podem colocar em risco toda a população.

A contextualização acerca da desinformação e da pandemia servem como amparo para as escolhas temáticas da investigação, na medida em que, o principal objetivo é compreender o fenômeno linguístico e discursivo da desinformação durante a pandemia de covid-19 em 2020 e 2021 no Brasil, um dos países que mais fomentou o discurso anticientífico e negacionista em relação ao vírus. Nesse sentido Souza aponta que:

No Brasil, alguns aspectos neste momento da pandemia têm se revelado como agravante da situação. O próprio presidente da república, Jair Bolsonaro, emite notícias falsas no que concerne à prevenção e ao isolamento, além de incitar aglomerações, como passeios e presença em manifestações, o que vai de contramão às recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde). (SOUZA, 2020, p. 7)

Ainda nesse aspecto, é preciso salientar o caráter de extrema importância da função social da pesquisa, uma vez que, a desinformação se tornou parte integrante tanto do discurso institucionalizado pelo poder executivo no Brasil, quanto da narrativa social entre uma considerável parcela da população brasileira, que acaba tomando decisões baseadas em informações equivocadas, ou propositalmente distorcidas.

Como forma de introduzir inicialmente os conceitos a serem utilizados, a investigação busca amparo em obras que demonstraram expressiva importância atualmente. A obra: *“Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making (2017)”* publicada por Claire Wardle e Hossein Derakhshan traz os conceitos essenciais necessários para a fundamentação teórica básica.

De acordo com os pesquisadores, o nosso cenário atual, que leva em consideração a união entre a desinformação e o avanço tecnológico, formou algo novo batizado como “desordem informacional”¹. Esse fenômeno é o resultado direto da progressão tecnológica que afeta diretamente a desinformação, posto que, assim como seu alcance, sua disseminação foi drasticamente aumentada. Também o volume de produção desse tipo de conteúdo sofreu um crescimento exponencial dentro de um curto intervalo de tempo, de acordo com os autores:

...nós argumentamos que a tecnologia social contemporânea significa que estamos testemunhando algo novo: poluição informacional a nível global; uma complexa rede de motivações para criação, disseminação e consumo dessas mensagens “poluídas”; uma miríade de conteúdos e técnicas para ampliação de alcance; inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo esses conteúdos; e a velocidade altíssima em que essa comunicação ocorre entre dois locais verificados. (Derakhshan; Wardle, 2017, p. 4, tradução minha).

Esse processo extrapola os limites por quais as fake News são convencionalmente conhecidas, dado que, o formato notícia nem sempre é seguido à risca. De acordo com Wardle (2017, p. 8) esse termo, apesar de representar uma parte do fenômeno da desordem informacional, não dá conta de reproduzir sua significação, dado que, parte do

¹ Informational disorder no original.

conteúdo não é completamente falso, e somente usado fora de seu contexto correto com a intenção de confundir. Além disso, esse conceito abarca uma gama de conteúdos que extrapolam os parâmetros de uma determinada temática como sendo jornalística, incluindo memes, vídeos editados e mesmo boatos repassados por aplicativos de mensagens.

Nesse sentido, fica evidente a necessidade de se compreender a desinformação como um processo maior do que simplesmente aquilo que é associado às “notícias falsas”, com isso os autores propõem uma divisão em três tipos essenciais de conteúdo que compõe a desinformação como um todo.

Inicialmente, existe o que os autores (Derakhshan; Wardle, 2017, p. 4,) definem como Mis-Information, ou mesinformação em sua versão traduzida, que consiste no compartilhamento de informações falsas sem a intenção evidente de causar danos ou de desinformar. Esse tipo de conteúdo é usualmente associado a grupos de pessoas que possuem pouca literacia digital e que, podem ser usados por agentes mal-intencionados com o propósito de disseminar informações falsas em um curto período de tempo.

Posteriormente os autores (Derakhshan; Wardle, 2017, p. 4,) expõe o conceito de desinformação, definindo o processo pelo qual a informação falsa é disseminada com o conhecimento de sua inautenticidade por parte dos agentes, que possuem intenção de desinformar e confundir. Esse tipo é normalmente associado a campanhas difamatórias promovidas por organizações políticas ou econômicas com a dupla intenção, não somente de propagar falsidades como também de bombardear os consumidores com uma avalanche de informação falsa e duvidosa que consiga colocar a própria crença nas instituições e no jornalismo factual em cheque. Nas palavras de Caroline Jack:

A distinção entre mesinformação e desinformação pode ser posicionada na diferença entre as intenções. Enquanto os dois termos se referem a informações enganosas, mesinformação normalmente é utilizada para implicar que não houve intenção direta de enganar, enquanto desinformação implica a intenção de enganar. Normalmente é difícil provar a intenção dos autores. No discurso público, mesinformação é utilizada com mais frequência do que desinformação – uma tendência que os agentes por trás da desinformação podem explorar para tentar manter a credibilidade. (JACK, 2017, p. 15, Tradução Minha)

Por fim, temos a Mal-Information, traduzida como Malinformação, é definida pelos autores (Derakhshan; Wardle, 2017, p. 4,) como o compartilhamento de informações verdadeiras com o propósito de prejudicar e desinformar, isso pode ser

relacionado ao ato de retirar imagens, textos e vídeos de seu contexto, esconder datas ou mesmo ser relacionado ao ato de tornar públicas informações privadas ou confidenciais, que podem tanto ser fotos, como perfis de pessoas reais, números de documentos e outras informações sigilosas. Essa é uma prática muito comum entre organizações políticas e privadas que usam sua força nas redes sociais para promover linchamentos virtuais contra opositores, jornalistas ou acadêmicos.

Também é preciso ressaltar uma questão relativa à etimologia e a escolha de termos como marcos teóricos para a elaboração da pesquisa. É muito comum que, ao tratar da veiculação de informações falsas e da desinformação, se utilize o termo Fake News ou sua forma traduzida Notícias Falsas, entretanto existem razões que impõe o abandono deste termo.

Em primeiro lugar, existe o caráter contraditório do termo em si, uma vez que notícia remete ao latim *notitia* que é relacionado à ideia de conhecer; ou que diz respeito a saber algo, portanto a noção de notícia pressupõe a veracidade da informação ou ao menos o seu caráter informativo, o que consistiria em uma divergência com o termo falsa. Em segundo lugar é preciso evidenciar que o termo em si, após ser popularizado pelo meio jornalístico como forma de expressar as diversas formas de desinformação, foi raptado por políticos e intelectuais da extrema direita que buscam estabelecer uma ressignificação que transcende o escopo da realidade objetiva e passa a simbolizar tudo o que o ouvinte não concorda. Com isso, políticos pouco afeitos à liberdade de expressão se utilizam desse termo, em seu arsenal retórico, como maneira de desacreditar o trabalho jornalístico, ou mesmo científico, e aprofundar a crise social e informativa da atualidade. De acordo com Caroline Jack:

As palavras que usamos importam. Elas podem moldar a forma como entendemos problemas sociais e suas potenciais soluções. A controvérsia recente com relação às “fake news” propôs muitas conversas sobre informações problemáticas, imprecisas ou enganosas que circulam de formas a gerar desorientação. Nos esforços de agarrar esse assunto multifacetado e escorregadio, jornalistas, educadores, advogados e outros influenciadores precisam ser cuidadosos para não produzir mais informações problemáticas no curso de suas discussões. (JACK, 2017, p. 14, Tradução Minha)

Considerando o fato de que a pesquisa se insere no campo da Linguística e da análise dialógica do discurso, a atenção em relação aos termos a serem escolhidos deve ser redobrada, levando em conta também problemas relacionados à estrangeirismos e

anglicismos, de acordo com Caroline Jack (2017, p. 10) a conceituação de problemas sociais do porte da desinformação com termos estrangeiros como fake news pode levar a outros problemas relacionados à uma contextualização errada e mesmo à interpretações enganosas a respeito do termo.

1.3 Objetivos e justificativa da pesquisa

A problemática central que serve como propulsor à temática e à investigação orbita os questionamentos acerca da presença do fenômeno da bivocalidade dentro de determinadas amostras de desinformação que demonstraram amplo alcance no cenário político e social brasileiro, buscando a presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro como uma figura de autoridade nas amostras e também nos trechos de pronunciamentos e *lives* analisados.

A hipótese que impulsiona a pesquisa está fundamentada na noção de que setores da política nacional e das elites econômicas se utilizam dos meios de comunicação digital para disseminar desinformação e legitimar sua concepção ideológica e seus interesses sociais, políticos e econômicos. Esse fato se deu por meio de discursos em formato de informações falsas, que foram amplamente espalhados nas mídias sociais brasileiras.

É preciso ressaltar que essa hipótese considera que os discursos presentes na grande maioria das desinformações encontradas online a respeito da pandemia são parciais, ou seja, são consideradas, pelo viés da análise, como uma parte do discurso total que somente pode ser acessado por meio da combinação entre a desinformação e os discursos do líder do executivo e o grupo social que ele representa. Dessa maneira a análise privilegia o conceito de bivocalidade presente nos escritos do Círculo de Bakhtin como instrumento metodológico de investigação que possibilita a compreensão acerca da presença da voz social da extrema direita enunciada pelo ex-líder do executivo nas amostras de desinformação analisadas.

A inspiração que impulsionou essa pesquisa é um produto direto do contexto histórico vivenciado pelo autor. Em 2020 com o início da pandemia de covid-19 iniciou-se também uma infodemia sem precedentes na história da humanidade. Apesar de a desinformação já constituir uma temática de extremo interesse para o autor, o fato de

milhares de pessoas terem perdido a vida (e continuarem perdendo) por conta do extenso compartilhamento de informações inverídicas online, até mesmo por figuras de autoridade foi o propulsor da escolha temática a ser abordada.

O Brasil é o segundo país com mais mortes registradas em decorrência da Covid-19 e ocupa o 12º lugar quando se leva em consideração o número de mortes por percentual de habitantes, tais números evidenciam a discrepância que existe entre o país com um dos mais robustos sistemas de saúde pública, e que foi exemplo na imunização da população em campanhas anteriores como a da H1N1 em 2009, e o contexto vivenciado pela população durante a pandemia de covid-19.

Como objetivo específico, deve-se buscar compreender o papel das mídias e a influência dos novos meios digitais no processo de construção de realidade individual, dado que, tal processo ainda carece de análises que permitam uma compreensão menos singularizada e mais total do real impacto que a desinformação tem no meio social de maneira geral.

O principal objetivo vinculado a ideia de criação de um referencial teórico acerca da desinformação é uma resposta direta às problemáticas apresentadas pela temática. A perspectiva de que se pode acessar e analisar o fenômeno da desinformação considerando apenas um campo de conhecimento é permeado pelo equívoco de que, para além de a temática ser algo recente e ainda pouco explorada, sua formação é intrínseca à várias áreas do conhecimento.

Portanto, a presente investigação utiliza um referencial teórico que permite, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, compreender a desinformação para além das fronteiras estabelecidas pelos campos do conhecimento, dessa maneira utilizam-se teóricos e pesquisadores que abordam esse fenômeno a partir da perspectiva linguística, histórica, sociológica, informacional, filosófica e médica.

A perspectiva de se utilizar os pressupostos metodológicos de análise pelo viés do Círculo de Bakhtin busca produzir uma análise acerca do fenômeno da desinformação, e sua ligação com um determinado grupo ideológico no Brasil, dentro do recorte temporal pretendido.

A assertiva que legitima a proposição do uso do Círculo de Bakhtin como principal alicerce metodológico não demonstra uma contradição com relação à proposta

de uma abordagem multidisciplinar, posto que, essa premissa é embasada por uma série de fatores que ultrapassam o fator de o foco da análise ser discursiva.

Primeiramente é necessário ressaltar que, conforme citado anteriormente, a desinformação consiste em uma temática muito recente, ainda mais se for considerado a desinformação na pandemia, um evento histórico que continua em curso durante a realização da investigação. Portanto, considera-se o paradigma histórico do distanciamento que propõe a noção de que, para uma análise e compreensão de um determinado evento, é necessário assumir um ponto que permita a compreensão do todo pretendido.

Esse distanciamento pode oferecer algumas seguranças ao que concerne à qualidade do arcabouço metodológico pretendido, na medida em que, previne o uso de teorias e proposições que não possuam caráter valorativo dentro da análise. Apesar de o foco não ser histórico, a lição que pode ser aprendida a partir disso é que, uma possível adição de vários teóricos como forma de embasar a metodologia pode resultar em erros como por exemplo o de lançar mão de uma metodologia comparativa que busque semelhanças entre a desinformação e a verdade com o contexto que colocava Sócrates contra sofistas².

Também essa singularização do referencial metodológico figura como um objetivo específico da investigação, por propor um método que permita a compreensão do fenômeno da desinformação por meio do prisma do Círculo de Bakhtin. O êxito nessa empreitada significaria mais uma conquista no processo de uma forma de análise que já vem sendo explorado por diversos pesquisadores na área da Linguística³.

² Variados textos foram encontrados no processo de levantamento do referencial teórico em que teorias discrepantes e contraditórias eram aplicadas de maneira a “forçar” o encaixe de determinado teórico dentro dos parâmetros requeridos para a análise da desinformação.

³ Durante o processo de levantamento do referencial teórico e metodológico uma série de pesquisas sólidas e bem construídas foram encontradas utilizando somente Bakhtin como aparato metodológico, entre elas podemos citar a dissertação de mestrado realizada por Clara Moreira Molinari para o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unesp com o título: Pandemia De (des)informações: um estudo discursivo das fake news sobre a COVID-19 (2021) e a dissertação feita por Jonathan Bernardo Menger para o programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS intitulada: O Impacto Da Desinformação Em Discursos De Pós-Verdade (2019).

1.4 Pressupostos Metodológicos

A desinformação como forma de atuar no campo político e social não consiste em uma inovação do século XXI, mas sim, em uma longa cadeia de acontecimentos que acompanham o próprio desenvolvimento da comunicação e da linguagem humana. Entretanto, é preciso ressaltar que nunca o tecido da realidade objetiva havia sofrido uma ruptura desse porte. Existem uma série de acontecimentos que levaram a esse ponto, entre eles, o mais significativo é o desenvolvimento da internet, seja como forma de consumo de informação, seja como de difusão.

Com o volume de informação criadas e difundidas a todo momento por meio da internet o jornalismo está vivendo uma crise sem precedentes em sua história, de acordo com Paula; Silva e Blanco (2018, p.6-7) essa crise é ocasionada pela união entre o considerável aumento de práticas pseudojornalísticas e a desconfiança generalizada com que boa parte da população encara a mídia como um todo na atualidade.

O teor dessa crise é algo que requer um extenso debate, uma vez que, o profissionalismo, o senso crítico e a capacidade técnica sozinhas não parecem constituir um adversário suficiente à desinformação em si. De acordo com Derakhshan e Wardle, o maior problema nesse quesito é uma questão de método:

Um aspecto deprimente do pânico recente em relação às ‘fake News’ é que, enquanto isso resultou em um surpreendente número de artigos, livros, conferências e eventos, produziu pouco além da abertura de oportunidade para pesquisa e desenvolvimento de ferramentas. Uma razão chave para essa estagnação, nós argumentamos, é a ausência de um rigor de definição, o que resultou em uma falha em reconhecer a diversidade de mis e desinformação, tanto de forma, motivação ou disseminação. (Derakhshan; Wardle, 2017, p. 6, Tradução minha).

Torna-se indispensável acrescentar que, a perspectiva adotada nos remete às assertivas de Volochinov (2013, p. 197), o qual afirma que a análise não considera a veracidade ou mesmo a qualidade das palavras de acordo com juízos pessoais de valor, mas sim, em sua relação com o contexto abordado e, principalmente, em relação à realidade objetiva.

A pesquisa aqui apresentada passou por algumas fases como: leitura de materiais referentes à desinformação, seu contexto e significações na atualidade, e, de outro, a leitura e interpretação do método da análise discursiva seguindo os parâmetros

estabelecidos pelo Círculo de Bakhtin. O intuito da construção teórica ao longo do referencial teórico, foi aproximar os conceitos para possibilitar a análise pretendida.

Para iniciar a contextualização acerca dos pressupostos metodológicos que norteiam a análise é necessário, inicialmente, evidenciar o fato de que os substratos teóricos estabelecidos pelo Círculo de Bakhtin não consistem em um regimento imutável e muito menos um receituário mecânico que precisa ser seguido à risca. O processo metodológico nesse caso é uma construção singular do pesquisador que, ao utilizar tais conceitos como parâmetros à análise, produz uma investigação com resultados que dependem diretamente das amostras escolhidas, da maneira de usar o referencial teórico-metodológico e também da forma de abordar a temática de maneira geral.

Também deve-se considerar o fato de que, ao usar a teoria do Círculo de Bakhtin, irreversivelmente se aplica à ideia da comunicação dialógica como parâmetro estruturante à análise, método esse que permite situar as desinformações analisadas dentro da cadeia dialógica da comunicação. Posto que, para o Círculo de Bakhtin, o discurso se utiliza da linguagem para produzir enunciados e textos, e tais textos somente podem ser compreendidos e analisados se pudermos situar o contexto de sua produção. Nas palavras de Sobral e Giacomelli:

Para a ADD, a língua tem significação, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, enquanto o discurso cria sentido, ou seja, faz as palavras e expressões da língua irem além dos significados registrados no dicionário e dizer coisas que somente o contexto mostra (o contexto sempre envolve um dado lugar e um dado momento, assim como um locutor se dirigindo a ao menos um interlocutor). Ninguém usa as mesmas palavras exatamente da mesma maneira em todas as situações, e cada qual, numa mesma situação, pode usá-las de maneira distinta a depender de seu projeto de dizer, aquilo que pretendem realizar ao dizer. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1078)

Essa forma de lançar luz ao fenômeno da desinformação vincula as compreensões de um determinado texto com os sujeitos e os contextos que a acompanham, isso permite uma análise que impõe um lastro de valoração entre a desinformação e os discursos proferidos. Nesse aspecto, os sujeitos representam suas visões e experiências com relação à realidade por meio dos enunciados que produzem. A capacidade de se analisar tais enunciados e produzir tais associações é o paradigma que dá condição de existência à presente pesquisa.

Portanto, para se chegar nos objetivos propostos, é necessário inserir a desinformação na cadeia dialógica do discurso, que situa esse fenômeno em um recorte

temporal, espacial e temático. Esse ato permite situar as amostras no contexto histórico abordado, compreendendo as suas relações intrínsecas com o processo discursivo que as formou. De acordo com Sobral e Giacomelli (2016, p. 1078) é a partir da produção do enunciado que se cria a relação intrínseca entre a significação das palavras e seu uso no discurso, situado em um contexto que dá a condição de existência para os sentidos pretendidos. Os autores afirmam ainda que:

O locutor usa enunciados na interação (o contato com interlocutores), e a interação acontece em um contexto. É sempre bom ter em mente que o contexto inclui especialmente um tempo, um lugar (que não é só o ambiente físico, podendo ser a situação de produção, como, por exemplo, um bate papo, uma aula, depoimento), quem são os interlocutores envolvidos e quais as relações entre eles. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1079)

Essa premissa ressoa os postulados de Bakhtin por considerar que os enunciados, apesar de estarem estritamente ligados com seus predecessores, e abrir caminho para seus sucessores, ainda assim possuem um lugar bem definido dentro da cadeia discursiva e, portanto, conseguem refletir e refratar as posições sociais e ideológicas de seus enunciadoreis. É nesse contexto que se insere a concepção de vozes sociais, a ser abordada no segundo capítulo.

Por conseguinte, a ADD postula que os enunciados possuem três componentes essenciais, a referencialidade, a expressividade e a endereçabilidade (Sobral e Giacomelli, 2016). O primeiro diz respeito à ligação intrínseca entre o enunciado e a parcela da realidade que ele visa a representar, o segundo é relativo à valoração dada pelo locutor sobre a temática que visa representar e o último diz respeito ao fato de o enunciado sempre ser formulado com a preconcepção de quem será o seu receptor. Nesse sentido os enunciados sempre levam em consideração o nível de intercâmbio verbal dos interlocutores, de acordo com Sobral e Giacomelli:

O nível do intercâmbio verbal no aqui e agora da presença dos interlocutores na interação é mais elementar, pois são apenas duas ou mais pessoas interagindo. Mas não sabemos quem são essas pessoas. Por isso, a ADD propõe o nível do contexto imediato, em que se conhecem os lugares (ou papéis) sociais dos interlocutores e a posição de um(ns) em relação ao(s) outro(s). Temos, depois, o nível do contexto social mediato, que envolve o domínio mais amplo das esferas de atividade (ambientes em que agimos socialmente), do tipo de lugar em que ocorre a interação (escola, “balada”, etc.) e das exigências que o lugar faz, num dado momento, aos participantes da interação. Trata-se do plano da organização social e histórica de uma dada sociedade, de suas subdivisões e de suas instituições formais (como a justiça ou a escola) ou informais (como a “balada” ou as redes sociais). (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1082)

Dessa maneira, também é preciso assinalar que, a despeito de os enunciados estarem inseridos em uma cadeia infinita de comunicação dialógica, eles possuem um caráter singular e irrepetível, por mais que outro enunciado realize uma reconstrução exata dos signos, ainda assim o contexto da enunciação possui caráter valorativo único dentro da cadeia de significados. Nesse aspecto pode-se recorrer às assertivas de Leandro Konder em sua obra *O que é Dialética* (1981):

A visão de conjunto - ressalve-se - é sempre provisória e nunca pode pretender esgotar a realidade a que ele se refere. A realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que temos dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses; isso, porém, não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses, se quisermos entender melhor a nossa realidade. A síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta, numa situação dada. E é essa estrutura significativa - que a visão de conjunto proporciona - que é chamada de totalidade. (KONDER, 2008, p. 36)

A visão de Konder auxilia para a compreensão da importância de se adotar a perspectiva dialógica na análise da desinformação, ao considerar que a dialética é o motor que impulsiona o processo histórico, seu uso permite uma compreensão acerca dos campos permeados por esse fenômeno. Bakhtin⁴, portanto, fornece o substrato metodológico necessário para instrumentalizar uma análise que ressalta a perspectiva de que a linguagem é a arena principal onde o embate dialético ocorre, e que é partir desse embate que as visões de realidade que permeiam o campo social surgem.

Portanto, a metodologia busca criar uma relação intrínseca entre a linguagem, os sujeitos, o processo histórico e a ideologia, associando aspectos linguísticos e contextuais para analisar a materialidade discursiva das amostras e também dos pronunciamentos e *lives* analisados, levando em consideração o dialogismo como paradigma de análise. De acordo com Sobral e Giacomelli:

Para a ADD, os signos são ideológicos. Ideologia aqui não significa falsa consciência. Significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1083)

Nesse sentido, percebe-se os signos e enunciados que formam o discurso da desinformação durante a pandemia de covid-19 no Brasil possuem uma valoração

⁴ É preciso ressaltar que, a despeito de Bakhtin e o Círculo possuírem uma visão marxista acerca do conceito de dialética, os autores propõem um desdobramento que visa superar acepções mecânicas relacionadas à síntese, situando-a dentro do processo ininterrupto da comunicação humana e, com isso, passível de gerar novos embates, evidenciando o papel essencial da linguagem no processo histórico.

ideológica específica, que reflete e refrata a posição de determinados agentes no campo político brasileiro. Neste arcabouço metodológico, torna-se preciso ressaltar o papel contextual do discurso para que se possibilite o ato de situar as amostras no momento específico em que se inserem. De acordo com Sobral e Giacomelli:

Nenhum dizer é inocente, ingênuo, gratuito, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz (mesmo que a pessoa nem saiba que interesses são esses). Logo, nenhum enunciado é neutro no sentido de que todo enunciado é interessado, ou seja, é algo com que o locutor deseja realizar seu projeto de dizer, aquilo que ele quer que o outro aceite como bom, verdadeiro, correto, etc., a fim de fazer valer seus interesses. Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1083)

A delimitação dos critérios para a escolha das amostras apresenta várias dificuldades de diferentes ordens. Em um primeiro plano pode-se destacar a quantidade massiva de desinformação que circulou nas redes sociais, a isso pode-se somar a falta de ferramentas eficientes na verificação de quais dessas desinformações constituem o maior dano à saúde pública no Brasil.

Ao considerar tais aspectos é preciso ressaltar que as amostras escolhidas foram retiradas de um relatório produzido pela UFMG como um desdobramento do projeto Eleições sem Fake organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Esse projeto visa trazer mais transparência para as mídias sociais e os aplicativos de mensagens. O relatório privilegia o aplicativo de mensagens WhatsApp como parâmetro para coleta de material⁵.

A escolha do relatório como substrato para criação da investigação é legitimada pela premissa de que, para além do fato de o WhatsApp ser um dos principais canais utilizados pelo ex-líder do executivo como forma de veicular desinformação, também esse aplicativo já possui conexões com Jair Bolsonaro desde as eleições de 2018. De acordo com reportagem da BBC Brasil ⁶ a campanha do ex-presidente utilizou programas capazes de coletar o número de telefone de milhares de usuários do Facebook com a intenção de enviar conteúdo desinformativo em larga escala por meio da criação de grupos e a automatização de disparos em massa.

⁵ Os parâmetros de análise utilizados para a produção do relatório serão analisados a fundo durante o capítulo de análise das amostras.

⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45910249>

O relatório realiza uma busca nos mais de 800 grupos públicos que servem como observatório, pesquisando por palavras chave que possam estar relacionadas à desinformação e à pandemia. Dentro dessa busca, eles listam as cinco mensagens que geraram mais compartilhamentos, ou seja, que apareceram por mais vezes e, conseqüentemente alcançaram mais pessoas.

A presente análise irá privilegiar as duas mensagens com mais compartilhamentos, considerando um relatório que aborda o tratamento precoce. Tal escolha busca criar um recorte de análise possível dentro dos enquadramentos da pesquisa, bem como, reunir informação suficiente para embasar as análises necessárias aos objetivos da investigação.

Tais amostras serão organizadas de maneira linear para a análise, como forma de facilitar a aplicação da metodologia dialógica, o procedimento intenta precisar o momento da produção de cada uma das desinformações analisadas em conjunto com o contexto exato de sua enunciação.

É preciso ressaltar também, que a pesquisa não busca realizar uma checagem de fatos sobre as amostras escolhidas, todas elas são comprovadamente desinformações vinculadas com o contexto da pandemia no Brasil. Esta pesquisa busca compreender as estratégias discursivas utilizadas em sua produção. De acordo com Fiorin:

A análise vai mostrar a que formação discursiva pertence determinado discurso. O sujeito inscrito no discurso é um “efeito de sentido” produzido pelo próprio discurso, isto é, seus temas e figuras é que configuram a “visão de mundo” do sujeito. Se, do ponto de vista genético, as formações ideológicas materializadas nas formações discursivas é que determinam o discurso, do ponto de vista da análise do discurso, é o discurso que vai revelar quem é o sujeito, qual é a sua visão de mundo. (FIORIN, 1998, p. 49).

Seguindo esse raciocínio, a análise busca compreender o sentido das informações falsas veiculadas. De acordo com Giacomelli e Sobral (2016, p. 1078), a análise discursiva entende que a língua possui significação, que é vinculada com as palavras, já o discurso possui sentido, o que faz com que as palavras ultrapassem os conceitos do dicionário e possuam um significado particular diretamente vinculado ao contexto. Essa revelação dos sujeitos e sua visão de mundo busca corroborar a ideia de estilização presente no conceito de Bivocalidade⁷, proposta pelo Círculo de Bakhtin. Este conceito

⁷ O conceito será abordado no decorrer do capítulo 2.

será aqui utilizado para averiguar a materialidade das vozes da extrema direita brasileira, enunciada pela figura de Jair Bolsonaro, nas amostras de Desinformação.

Essa premissa baseia-se nas assertivas expostas por Empoli (2019) e Levitsky e Ziblatt (2018) quando afirmam que a desinformação é uma ferramenta que está sendo amplamente utilizada pela extrema direita a nível internacional, com a intenção de distorcer a realidade e gerar apelo popular a causas estritamente vinculadas com esse espectro político.

A organização das seções do capítulo está dividida de acordo com as amostras, cada amostra possui uma seção específica para sua respectiva análise. A forma como se decidiu dividir o capítulo reflete a necessidade de se analisar de maneira individualizada, entretanto, elementos das duas amostras serão instrumentalizados de maneira a travar um diálogo, uma vez que, somente dessa forma pode-se compreender o *corpus* de análise.

Como forma de organizar e estruturar o capítulo, as análises foram ordenadas em ordem cronológica que considera o momento de sua primeira aparição nos grupos de WhatsApp, analisados pelos pesquisadores da UFMG. A pesquisa opta por tal método organizacional como forma de facilitar o processo de analisar as amostras, na cadeia dialógica do discurso, e situá-las de acordo com seu momento histórico.

O primeiro passo, a partir dessa forma de organização é considerar as duas análises como pontos de suporte essenciais na criação de um percurso dialógico, que visa a compreensão do papel das vozes sociais na construção de sentidos. Cada amostra será perscrutada por três processos essenciais que envolvem a descrição, análise e interpretação. Entretanto, é necessário frisar que tais procedimentos não ocorrem de forma mecânica e engessada, mas sim, sempre dialogando uns com os outros, bem como, com as demais análises e com o referencial exposto nos capítulos anteriores.

De maneira minuciosa, pode-se ressoar as assertivas de Destri e Marchezan (2021, p.14) quando afirmam que a descrição seria a primeira abordagem do pesquisador frente às análises, fazendo um escrutínio minucioso acerca dos elementos que tornam a amostra específica, mas também considerando o caráter responsivo que insere tal amostra na cadeia dialógica do discurso. Posteriormente, passa-se para a análise que busca utilizar o referencial teórico e metodológico de maneira a investigar as particularidades dos enunciados e seu papel na construção geral de sentidos dentro do processo histórico. E, por fim, a interpretação, que permite o posicionamento do pesquisador frente à análise,

discorrendo acerca da forma que as problematizações dos enunciados respondem às hipóteses pretendidas com a investigação e constroem sentidos dentro do recorte temporal, geográfico e temático estabelecido.

Também é essencial ressaltar que a Análise Dialógica do Discurso não pretende ser uma análise mecanicista acerca de um conjunto de amostras, essa forma de investigação pretende produzir os pressupostos metodológicos e os conceitos conforme as necessidades específicas de cada objeto pretendido, fugindo de generalizações e resultados pré-concebidos, e promovendo um diálogo com o objeto de pesquisa.

As amostras foram coletadas do relatório temático produzido pelos pesquisadores⁸ da UFMG⁹. Esse relatório surgiu a partir de um desdobramento do projeto Eleições sem Fake, produzido pelos autores com a intenção de trazer mais transparência e fidelidade aos usuários das mídias sociais e aplicativos de mensagens. Na descrição, os autores trazem uma descrição detalhada acerca dos parâmetros gerais de coleta:

O monitoramento de grupos públicos de WhatsApp realizado neste trabalho contempla desde a criação um total de mais de 800 grupos públicos relacionados a política brasileira, monitorando dentre estes um diversificado espectro político, abrangendo tanto grupos pró-governo como aqueles de oposição e com outras visões políticas. (PHILIPPE et al, 2021, p. 1)

A metodologia utilizada pelos pesquisadores considerou apenas as mensagens veiculadas entre 1 de março de 2020 e 15 de junho de 2021, para selecionar entre as milhares de mensagens enviadas nesses grupos os pesquisadores elaboraram um grupo de palavras¹⁰ específicas que detectava a temática relacionada à pandemia e ao tratamento precoce:

Figura 1: Palavras-chaves da coleta de mensagens

KEYWORDS

("ivermectina") ("cloroquina") ("tratamento precoce") ("kit covid")

⁸ A equipe responsável pela produção do relatório conta com Philipe Melo, Daniel Kansaon, Vitor Mafra, Kaio Sá e Fabrício Benevenuto

⁹ O relatório está disponível em: http://www.monitor-de-whatsapp.dcc.ufmg.br/reports/pdfs/2020_03_a_2021_06_report_tematico_tratamento_precoce.pdf

¹⁰ Os pesquisadores ignoraram a acentuação e as maiúsculas e minúsculas como forma de abranger várias grafias diferentes do mesmo termo.

No total, a análise da UFMG coletou 67.104 mensagens enviadas por 9.667 usuários distintos dentro dos 614 grupos públicos investigados que se mantiveram ativos, também é preciso ressaltar que todos os usuários dos grupos possuem a permissão para enviar mensagens. O relatório informa que, mesmo que a quantidade de usuários seja expressivamente maior que a de grupos, o número de mensagens por usuário é menor que o número de grupos. O formato das mensagens foi considerado no levantamento de dados entre elas: texto, imagem, vídeo e áudio e se chegou à conclusão de que a maioria das mensagens são constituídas por texto.¹¹.

Também foi elaborada uma tabela que ilustra a maneira como as palavras-chaves estão dispostas nas mensagens, a figura resume a quantidade de ocorrências de cada palavra-chave e quantos usuários e grupos publicaram alguma mensagem contendo-as:

Figura 2: Ocorrência das palavras-chaves nas mensagens

Keyword	# Ocorrências	# Grupos	# Usuários
<i>cloroquina</i>	54383	603	8697
<i>tratamento precoce</i>	10718	458	3238
<i>ivermectina</i>	10680	475	3336
<i>kit covid</i>	538	202	290

Em seguida, o relatório traz as cinco mensagens que mais circularam nos grupos dentro do recorte temporal estabelecido, é preciso frisar que apenas as mensagens com mais de 140 caracteres foram consideradas no levantamento.

Como a presente investigação busca respeitar a cronologia com que as mensagens apareceram pela primeira vez nos grupos, a primeira seção de análise irá abordar uma mensagem que foi compartilhada no dia 11 de abril de 2020 e consta como segunda mensagem mais compartilhada nos grupos.

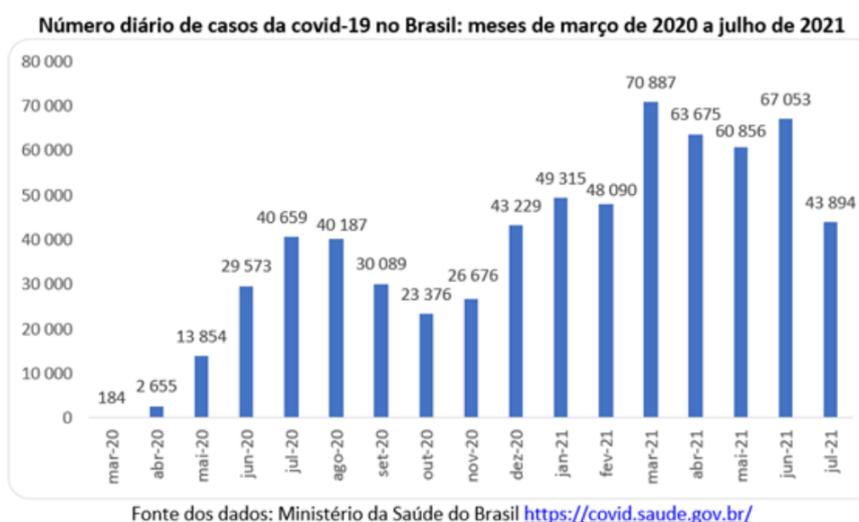
A temática geral da mensagem aborda uma suposta informação acerca da aprovação da hidroxicloroquina como tratamento oficial contra covid-19 feita pela agência reguladora de medicamentos dos Estados Unidos.

¹¹ Esse resultado legitima a escolha da presente investigação em prezar por enunciados verbais vinculados no aplicativo de mensagem em questão.

A segunda seção de análise irá privilegiar uma mensagem que surgiu pela primeira vez nos grupos no dia 9 de maio de 2020, tal mensagem foi a mais compartilhada nos grupos e sua temática orbita a ideia de que existe uma conspiração em curso para derrubar o ex-presidente Jair Bolsonaro por meio do endividamento do Estado com o custeio dos gastos relacionados à pandemia.

Essa breve caracterização do *corpus* visa a descrever algumas características essenciais acerca da disposição dos enunciados no recorte temporal pretendido. Inicialmente, pode-se perceber que as duas seções possuem um curto intervalo de tempo entre si, esse fator evidencia a relação intrínseca entre os enunciados e o momento histórico de sua enunciação, dado que, as duas amostras demonstram a insegurança frente ao início da pandemia, conforme a figura a seguir:

Figura 3: Evolução da Covid-19 no Brasil



Essa figura ajuda a compreender a disposição das amostras bem como suas temáticas uma vez que abril e maio de 2020 foram marcados pelo início da escalada nos óbitos por covid-19. O fato de a pandemia ainda consistir em um fator desconhecido, não somente para parte da população, como também para a comunidade acadêmica engendrava uma atmosfera de medo e insegurança e, abria precedentes para explicações rasas e simplicistas que visavam diminuir a gravidade do vírus ou exacerbar o poder de cura de medicamentos não comprovados, como a cloroquina e ivermectina que acabaram por se tornar a panaceia da direita bolsonarista no Brasil.

Capítulo 2 – Linguagem, ideologia e discurso.

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras.

M. Bakhtin – Marxismo e Filosofia da Linguagem

A proposta do capítulo gira no entorno da ideia de organizar o referencial teórico-metodológico focado no Círculo de Bakhtin, a premissa visa debater os principais conceitos usados na investigação, como forma de definir os parâmetros teóricos que servem como balizas aos objetivos da presente pesquisa.

O primeiro tópico diz respeito à abordagem da Linguagem pelo Círculo de Bakhtin, seu objetivo é o de teorizar a maneira como o Círculo encara a Linguagem como um fenômeno essencialmente social pautado pelo dialogismo. Essa teoria ressoa os pressupostos visados pela pesquisa por considerar que a linguagem é a forma de mediação entre os indivíduos e a realidade e, por conta disso, possuir caráter valorativo como um fragmento da realidade social de um determinado momento histórico, possibilitando sua análise e compreensão.

O segundo tópico se refere à concepção de Ideologia, em um momento inicial, o conceito é problematizado a partir dos escritos da filósofa brasileira Marilena Chauí, essa problematização visa compreender a historicidade do termo, e seu uso a partir da ótica do marxismo, tal pressuposto é essencial haja visto que, a noção de ideologia para o Círculo de Bakhtin é advinda da perspectiva marxista. Posteriormente, o tópico visa a esclarecer a forma como os autores do Círculo compreendem a linguagem como um fenômeno embebido de carga ideológica, e, fortemente influenciada por ela.

O terceiro tópico diz respeito aos signos ideológicos, conceito do Círculo de Bakhtin que complementa a noção anterior focada na ideologia, buscando descrever a forma como as unidades do discurso sempre possuem uma significação e um sentido estritamente vinculado com os espectros ideológicos que os produzem.

O quarto tópico diz respeito aos enunciados, nesse tópico, o objetivo central é demonstrar a maneira como os enunciados são vistos como integrantes da cadeia dialógica, sempre como produto da interação entre dois indivíduos, e também, como o enunciado é uma forma de expressão da comunicação real, sempre refletindo a consciência interior do seu enunciador, pautado pelo momento histórico que vive.

O quinto e último tópico diz respeito às vozes sociais, conceito esse essencial aos objetivos da presente pesquisa por considerar que as vozes sociais podem ser percebidas dentro do discurso da desinformação. A principal chave de entendimento do tópico é a problematização acerca do conceito de vozes sociais e o seu impacto na formação dos enunciados e na cadeia de comunicação dialógica.

2.1 A concepção de linguagem de acordo com o Círculo de Bakhtin

O subtítulo da obra *Marxismo e filosofia da linguagem: Tentativa de aplicação do método sociológico em linguística* traz propostas específicas acerca das relações entre o campo social e a linguagem, propostas essas que conseguem sintetizar a forma com que a presente dissertação compreende a linguagem, dado que, da mesma maneira com que o autor russo trata essa questão, também a análise visa a compreender a relação dialógica entre a linguagem e a sociedade, pensando essencialmente nas hierarquias sociais e no impacto das ideologias sobre essa relação.

Como forma de introduzir o referencial teórico-metodológico a ser utilizado, é interessante denotar que o chamado Círculo de Bakhtin era formado por um grupo de intelectuais que, entre os anos de 1919 e 1929 se reuniam para pensar questões acerca das relações entre a linguagem e o meio social. Entre todos os diversos intelectuais que integravam esse grupo três serão privilegiados na presente análise: Mikhail Bakhtin, Valentin Volochinov e Pavel Medvedev.

Também é preciso ressaltar que, as concepções acerca da linguagem e de todos os fenômenos dela derivados não estão destacadas de forma coesa dentro de uma única obra. Essa concepção foi sendo construída por todo o tempo de existência do Círculo de uma forma dialógica, que perpassa vários escritos desses autores de maneira intrínseca, e continuou mesmo após o fim do grupo, com os escritos posteriores de Bakhtin. De uma forma geral pode-se ressoar as asserções de Volochinov (2013, p. 158) acerca da temática:

“Assim, chegamos a nossa última conclusão: a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações”.

De acordo com Faraco (2009), existiam dois grandes projetos dentro do Círculo de Bakhtin. O primeiro diz respeito à intenção de Bakhtin em construir um projeto filosófico que consiga se distanciar de teorias por demais abstratas e que não possam explicar os fenômenos da realidade, fora de situações hipoteticamente construídas, para então consolidar uma abordagem filosófica intrínseca ao processo de apreensão da realidade. Já o segundo projeto, diz respeito a criação de um aparato teórico de compreensão acerca da criação ideológica, pensando essencialmente a relação entre as superestruturas e a linguagem.

Nesse quesito, é preciso ressaltar que os pensadores do Círculo buscavam criar uma teoria que conseguisse transcender as acepções estruturalistas do marxismo tradicional, que via o meio econômico como único fator determinante do processo histórico. A forma encontrada por esses pensadores para alcançar esse objetivo foi o de inserir a linguagem dentro do processo da dialética marxista, dessa maneira a síntese, que antes era considerada como um produto final acabado e intocável foi inserida dentro da cadeia dialógica da comunicação humana como um resultado que trazia consigo as contradições internas do processo histórico e abria espaço para diálogo com os embates presentes e futuros. Dessa forma o processo histórico é visto pelo Círculo como o resultado incessantes das tomadas de decisão pelos indivíduos que geram atitudes responsivas e são manifestas por meio da linguagem. Nas palavras de Paula, Figueiredo e Paula:

A concepção nodal do Círculo de Bakhtin é o diálogo. A partir dessa noção é que podemos traçar um paralelo entre a dialética marxista e a dialógica bakhtiniana. Apesar da polêmica entre diversos estudiosos da linguagem, de áreas diferentes, quanto à questão do método no Círculo de Bakhtin, partimos do pressuposto de que o diálogo é o seu método, muito próximo da dialética hegeliana e marxista, ainda que modificada, pois manifestada pela linguagem e sem qualquer proposta de superação. O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialética/dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão. (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2013, p. 7)

Assim, o Círculo passa a conceituar a linguagem como atividade e o enunciado como ato singular, irrepetível e historicamente situado, sendo formado a partir de uma atitude responsiva do enunciador frente à realidade, dentro de seu horizonte social e ideológico. De acordo com Faraco, a relação do Círculo com o marxismo pode ser definida a partir do fato de que:

Seus textos- quer ao formularem críticas, quer ao darem corpo a suas próprias propostas - estão sempre atravessados por duas linhas argumentativas complementares: um compromisso com a cientificidade do discurso (o que estava claramente em questão era a construção de teorias de natureza científica para os problemas sob enfrentamento- atitude plenamente coincidente com as pretensões científicas do próprio marxismo) e uma cobrança de rigor metodológico de qualquer proposta que se apresentasse como de inspiração marxista. Segundo eles, eram incompatíveis com o pensamento marxista quaisquer propostas que não respeitassem suas premissas de base: o materialismo, o monismo metodológico, o caráter social e histórico de todas as questões humanas. (FARACO, 2009, p. 28)

Após pensar essa relação do Círculo com os pressupostos marxistas, assunto esse que será aprofundado no segundo tópico deste capítulo, é preciso iniciar a representação dos contornos das concepções do Círculo acerca da linguagem. De acordo com Faraco (2009), após a virada linguística vivida pelos autores a partir de 1925 e 1926 o diálogo vai sendo gradualmente adotado como o paradigma que norteia as suas noções acerca da linguagem e sobre a ideologia como um todo.

Essa ideia do diálogo como parâmetro geral é o alicerce sobre o qual será construída a noção da compreensão responsiva, essa ideia é essencial para o entendimento da percepção do Círculo acerca da linguagem, uma vez que, possibilita a compreensão acerca do papel central do receptor, não como mero decodificador passivo das mensagens, mas como participante ativo da cadeia comunicativa, que transcende a ideia de mera recepção para uma noção de responsividade ativa. Fiorin reforça essa compreensão ao afirmar que:

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, 2006, p. 15)

Essa premissa, revela a amplitude que a ideia de linguagem possui no Círculo, percebe-se que a comunicação é o ponto chave que cria as representações acerca da realidade em si, dessa forma, tudo que existe no universo cultural e social dos indivíduos é perpassado pelos discursos que os conceituam e moldam sua forma.

Para fundar a perspectiva acerca da linguagem, o Círculo de Bakhtin buscou consolidar sua forma de compreensão contrapondo-se à autores que o precederam, enfatizando duas principais correntes que buscam distanciar-se: o subjetivismo idealista de Vossler e Humboldt e também o objetivismo abstrato de Saussure. A premissa que serve como alicerce para os argumentos de Bakhtin foi a de buscar transcender o escopo de análise que buscava criar tendências redutoras para sistematizar a língua e considerá-la apenas no plano hipotético. Dessa maneira, a linguagem apenas poderia ser considerada dentro de seu contexto de uso real, pois, de acordo com o autor, é no plano real que a comunicação discursiva ocorre, não na psicologia individual e nem em situações hipotéticas.

Dessa forma, as proposições do Círculo visam transformar o campo dos estudos da linguagem, pois inoculam novas perspectivas que, mesmo partindo de um ponto próximo dos estudos de Saussure, criam uma cisão com a ideia de que a língua é o modelo real e irretocável, para compreender que os mecanismos de comunicação estão sujeitos às intempéries do mundo social. Fator esse observável empiricamente no real, e aqui evocamos as ideias propostas por George Orwell em sua obra *1984*, no livro o autor propõe a noção de Novafala, um idioma criado por um governo autoritário que visava diminuir a capacidade de pensamento dos seus cidadãos a partir da redução e abreviação da linguagem.

Dessa maneira, a dicotomia língua versus fala criada por Saussure é problematizada, pois já não se pode teorizar uma diferença evidente que demonstre o caráter totalizante da língua, da mesma forma também se torna inviável condicionar a ideia de que a fala seja individual, visto que todas as suas manifestações estão indissolivelmente presas ao contexto social em que são proferidas.

Em sequência, se tomarmos a noção da coletividade dos usos da língua, conseqüentemente, temos a ideia de que a fala, longe de figurar como manifestação individualizada, consiste no palco onde se encerram os embates da sociedade, a luta pela

significação, o combate pelo monopólio dos sentidos, tudo isso ocorre de maneira refratária às relações sociais.

Essa conclusão leva a mais uma dedução, que é a do caráter ideológico do signo, sendo a ideologia um produto das estruturas sociais, e, considerando que tais estruturas possuem uma intrincada rede de relações com todos os aspectos ligados à sociedade, obviamente, que a mudança de um aspecto irá acarretar em uma miríade de transformações ao longo de seus processos. Logo as transformações ideológicas refletem diretamente na língua, exemplos disso são as mudanças de governos que buscam minar ou destruir a taxonomia do governo anterior ou mesmo a ressignificação de palavras, que se transformam conforme a passagem do tempo e as mudanças na sociedade.

Ao considerar tais aspectos percebemos que Bakhtin descarta ainda outra dicotomia imposta por Saussure, pois se, a evolução da fala é indissolúvelmente ligada às estruturas sociais, então a ideia de se realizar um recorte específico para análise, tal como propõe a sincronia, seria apenas aplicável em nível abstrato, pois o momento estudado na sincronia existe apenas no recorte de quem analisa, portanto seria mais uma metodologia de análise do que uma dimensão social da comunicação humana. Dessa forma o autor russo entende que:

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (BAKHTIN, 2014, p. 111)

Portanto, dentro da presente investigação, a perspectiva de linguagem pode ser compreendida como: “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (BAKHTIN, 2011, p. 17). Essa relação dialógica é considerada a propulsora do processo histórico, e pode ser compreendida como pano de fundo que permite a coleta e a análise de amostras específicas, que possibilitem denotar certos processos ideológicos, seus reflexos diretos nos discursos e também o resultado desses discursos no campo social brasileiro. Uma vez que, conforme aponta Faraco:

Por outro lado, os eventos interacionais- sejam aqueles das esferas do cotidiano, sejam aqueles das esferas mais especializadas da criação socioideológica - são sempre compreendidos como situados num complexo quadro de relações socioculturais. Os eventos estão, portanto, sempre correlacionados com a situação social mais imediata e com o meio social mais

amplo, ambos se entrecruzando em cada evento e tendo aí papel condicionador dos atos de dizer e de sua significação. (FARACO, 2009, p. 120)

Dessa forma, pode-se afirmar que a linguagem é um fator inerente e intrínseco à prática social humana, e, justamente por isso, a linguagem está sempre carregada com os valores e vínculos ideológicos de seus enunciadores, que podem ser percebidas por meio da análise das vozes sociais presentes nos discursos, premissa essa que dá condição de existência à pesquisa.

2.2 O conceito de ideologia

Para iniciar o tópico que tem como objetivo realizar a contextualização do conceito de ideologia para o Círculo de Bakhtin é necessário, inicialmente, trazer o conceito de ideologia na acepção marxista do termo. Para tanto, a investigação busca alicerçar-se nos escritos de Marilena Chauí em sua obra *O que é Ideologia?* (1980).

O início da contextualização proposta pela autora (2004, p. 8) busca traçar os parâmetros da realidade e do processo histórico, afirmando que não se pode considerá-la somente constituída por ideias, pois, se assim fosse, nossa experiência seria somente uma mediação da nossa consciência ou intelecto, o que consistiria em ideologia pura. Nem somente das ideias que formamos a partir de nossa realidade palpável como o considerava o empirismo grego. Mas sim, da relação intrínseca entre os indivíduos e o seu meio social mediada pela consciência coletiva. Nas palavras da autora:

E, portanto, das relações sociais que precisamos partir para compreender o que, como e por que os homens agem e pensam de maneiras determinadas, sendo capazes de atribuir sentido a tais relações, de conservá-las ou de transformá-las. Porém, novamente, não se trata de tomar essas relações como um dado ou como um fato observável, pois neste caso estaríamos em plena ideologia. Trata-se, pelo contrário, de compreender a própria origem das relações sociais, de suas diferenças temporais, em uma palavra, de encará-las como processos históricos. Mas, ainda uma vez, não se trata de tomar a história como sucessão de acontecimentos factuais, nem como evolução temporal das coisas e dos homens, nem como um progresso de suas ideias e realizações, nem como formas sucessivas e cada vez melhores das relações sociais. A história não é sucessão de fatos no tempo, não é progresso das ideias, mas o modo como homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural. (CHAUÍ, 2004, p. 8)

Essa forma de definir a realidade situa as relações dialéticas entre os seres humanos como o propulsor do processo histórico. Dessa forma, a maneira como os indivíduos organizam suas relações sociais e seus processos hierarquizantes são reflexos diretos da maneira como interagem entre si, sempre pensando a maneira como esses indivíduos criam instituições que cristalizam tais convenções no imaginário coletivo e legitimam as formas de hierarquia criadas.

Essa estratégia de consolidação das relações de hierarquia de uma sociedade por meio de discursos, e da própria institucionalização oficial, denota a maneira como as classes mais privilegiadas buscam formas de legitimar a organização social como se fosse natural e inerente ao processo histórico. Dessa forma, de acordo com Chauí (2004, p. 25), quando uma nova forma de divisão social do trabalho se consolida em alguma sociedade, cada indivíduo passa a ocupar um lugar social específico na cadeia da hierarquia, entretanto, esse processo passa a ser percebido de maneira invertida pelos indivíduos, que enxergam tal divisão como um resultado direto da sociedade em que vivem, como se a sociedade fosse um corpo abstrato e superior que cria os ditames que organizam a sociedade daquela forma, e não um resultado direto da ação coletiva de todos os indivíduos presentes nela.

Assim, a forma inicial da consciência é constituída pela alienação, é somente esse fator que dá condição de existência à ideologia. Essa noção de que as ideias são entidades superiores e possuem o dom organizacional necessário para dar ordem ao caos humano, e que o processo histórico é mero resultado da forma como tais ideias organizam a sociedade. De acordo com a autora (2004), é dessa forma que surge a ideologia em sua forma plena, sendo entendida como um sistema de ideias que está inexoravelmente separada do mundo material. Essa concepção surge da ideia de que os teóricos que formulam tais sistemas não possuem uma ligação direta com as condições materiais e produtivas, e, ao invés de isso evidenciar o problema de se criar teorias e ideias desconexas da materialidade da realidade, isso é visto como uma descoberta científica, como se tais teóricos estivessem descobrindo as formas organizacionais naturais da sociedade em si. Nas palavras da autora:

As ideias podem parecer estar em contradição com as relações sociais existentes, com o mundo material dado, porém essa contradição não se estabelece realmente entre as ideias e o mundo, mas é uma consequência do fato de que o mundo social é contraditório. Porém, como as contradições reais permanecem ocultas (são as contradições entre as relações de produção ou as forças produtivas e as relações sociais), parece que a contradição real é aquela

entre as ideias e o mundo. Assim, por exemplo, faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educação é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isto não ocorre. Nossa tendência, então, será a de dizer que há uma contradição entre a ideia de educação e a realidade. Na verdade, porém, essa contradição existe porque simplesmente exprime, sem saber, uma outra: a contradição entre os que produzem a riqueza material e cultural com seu trabalho e aqueles que usufruem dessas riquezas, excluindo delas os produtores. Porque estes se encontram excluídos do direito de usufruir os bens que produzem, estão excluídos da educação, que é um desses bens. Em geral, o pedreiro que faz a escola; o marceneiro que faz as carteiras, mesas e lousas, são analfabetos e não têm condições de enviar seus filhos para a escola que foi por eles produzida. (CHAUÍ, 2004, p. 26)

Dessa maneira, pode-se supor que a ideologia não pode ser definida apenas como um resultado subjetivo dos embates sociais e das formas organizacionais das sociedades humanas, mas sim, de acordo com Chauí (2004, p. 30) como “um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos”. É exatamente essa configuração que impede os ocupantes das classes mais baixas de perceber que a organização social é, antes de mais nada, uma organização humana, criada e imposta por indivíduos que visam a sua legitimação e manutenção. De acordo com Chauí:

A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida. O que ocorre, porém, é o seguinte processo: as diferentes classes sociais representam para si mesmas o seu modo de existência tal como é vivido diretamente por elas, de sorte que as representações ou ideias (todas elas invertidas) diferem segundo as classes e segundo as experiências que cada uma delas tem de sua existência nas relações de produção. No entanto, as ideias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as ideias existentes nessa sociedade, mas serão apenas as ideias da classe dominante dessa sociedade nessa época. Ou seja, a maneira pela qual a classe dominante representa a si mesma (sua ideia a respeito de si mesma), representa sua relação com a Natureza, com os demais homens, com a sobre-natureza (deuses), com o Estado, etc., tornar-se-á a maneira pela qual todos os membros dessa sociedade irão pensar. (CHAUÍ, 2004, p. 35)

Essa hegemonia do pensamento da classe dominante, bem como sua imposição forçada as demais classes, é a função essencial da ideologia, é somente por meio dela que as ideias da classe dominante são transformadas em verdades absolutas e totais que precisam, forçosamente, serem seguidas por toda uma sociedade.

Uma vez contextualizada a maneira como a investigação compreende o conceito de ideologia, é preciso ressaltar a forma como o Círculo de Bakhtin significa e faz uso desse conceito. Na obra *A construção da enunciação e outros ensaios* (1927) Volochinov

(2013, p. 138) conceitua ideologia como “o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas.” A partir disso, pode-se notar que, para o Círculo, a ideologia é vista como algo inerente aos enunciados, e que tais características ideológicas deixam marcas que tornam possível sua análise e interpretação, considerando sempre o recorte temporal, geográfico e temático a que pertence o enunciado. Premissa essa também reforçada por Medviédev quando afirma que:

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes, e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 49).

Essa associação entre a ideologia com a ideia de superestrutura denota que o Círculo busca se distanciar de certas concepções de vertentes marxistas que consideram a ideologia como meramente sendo uma falseação da realidade. Essa distância pode ser concebida, de acordo com Faraco (2009, p. 47) como um resultado direto da concepção acerca da dimensão ideológica dos enunciados, que sempre demonstram, não somente o posicionamento do enunciador, como também o local social ocupado por ele. Nas palavras do autor:

Nesse processo, lembra, de saída, que todos os produtos da criação ideológica são objetos dotados de materialidade, isto é, são parte concreta e totalmente objetiva da realidade prática dos seres humanos (não se podendo estudá-los, portanto, desconectados dessa realidade). (FARACO, 2009, p. 48)

A base da teoria marxista que perpassa toda a criação ideológica está intrinsecamente ligada aos problemas da filosofia da linguagem. Os produtos ideológicos, conforme aponta Bakhtin (2014, p. 31), são parte integrante da realidade, da mesma forma que outros fatores palpáveis, entretanto, possuem uma realidade espelhada que provém de um significado amplificado:

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (BAKHTIN, 2014, p. 31)

O signo, dentro dessa concepção, representa o entre lugar, pois nunca pode ser assimilado dentro de um único horizonte de compreensão, sempre pode ultrapassar suas próprias características, pois um signo nunca está fixado dentro de uma só realidade, sua real capacidade está na representação do real.

Todo signo é avaliado pelo critério ideológico, portanto, os domínios ideológicos são os mesmos que o dos signos. De acordo com Bakhtin (2014, p. 32-33) a relação entre signo e ideologia é intrinsecamente ligada pelos mesmos princípios de avaliação e mesmo, de existência.

Dentro do universo dos signos, citado pelo autor anteriormente, cada ponto de vista específico cria uma realidade própria, que compreende e apreende o real por um ângulo específico. De acordo com Bakhtin:

Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN, 2014, p. 33)

Essa assertiva do autor permite a compreensão da realidade social como um todo a partir de um prisma mais plural, pois, se cada campo ideológico possui sua própria forma de compreender o real, tornam-se evidentes as motivações dos processos que criam divisões bem definidas acerca dos parâmetros ideológicos que representam a realidade de cada grupo social. De acordo com Bakhtin:

Cada signo ideológico é não apenas reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer (BAKHTIN, 2014, p. 33)

Esse fator reafirma as noções de que o próprio processo de compreensão humana depende em grande medida da maneira como dotamos a realidade de significado, isso demonstra que a forma com que a consciência compreende a junção da materialidade com a significação dos signos é a estrutura que dita os parâmetros da apreensão da realidade. Bakhtin compreende que isso gera um processo em cadeia, que somente permite a compreensão dos signos dentro de seu próprio universo, dessa maneira um signo ganha valor somente quando colocado em relação aos demais. De acordo com Bakhtin:

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2014, p. 34)

Para o autor, situar a ideologia somente como consciência, ou somente como fenômeno fisiológico, são ambos equívocos que custam a compreensão total dos problemas. O lugar da ideologia, segundo Bakhtin (2014, p. 35) é o material social particular dos signos, sendo assim a matéria-prima da comunicação humana.

A consciência individual não representa nada no singular, sua significação somente se inicia com a coletivização e a noção de organização social:

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido de sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 2014, p. 36)

Portanto, Bakhtin preza pelo estudo da ideologia, pois, de acordo com o autor é a ideologia que rege os fenômenos psicológicos e comunicativos da humanidade. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (Bakhtin, 2014, P. 36), assim o autor impõe a diferenciação entre palavra e signo:

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 2014, p. 36)

Essa dicotomia imposta por Bakhtin correspondendo à palavra e o signo expressa muito bem as características particulares de cada um dos conceitos para o autor, o signo, por ser preso a uma significação específica, somente pode ser aplicado a um número limitado de contextos, já a palavra, possui uma maior flexibilização na relação com a

significação, portanto seu sentido semiótico pode ser transformando dependendo do contexto.

A ideia geral é de que os usos da palavra são estritamente livres e podem significar quaisquer coisas desejadas na enunciação, o que se contrapõe a noção de signo, unidade fixa e rígida que somente possui significado dentro de um contexto específico. Por exemplo, os Estados Unidos jamais colocariam a foice e o martelo em sua bandeira, a não ser que ocorresse uma transformação social potente a ponto de transformar o contexto social, já a palavra, sempre está refém do contexto, a palavra governo por exemplo, para a situação significa algo bom a ser defendido, já para a oposição, significa algo a ser combatido. A palavra, portanto, é o material essencial para o discurso interior, a consciência não poderia se desenvolver sem um material que pudesse ser utilizado para satisfazê-la, esse material é a palavra.

A palavra é essencial para a criação ideológica, pois ela é a manifestação real da ideologia, é o seu meio de formulação e transmissão e, por estar presente em todos os atos de compreensão e de interação pode ser considerada como objeto fundamental para o estudo das ideologias. Nas palavras de Bakhtin:

A palavra participa literalmente de toda interação e todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. [...] A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (BAKHTIN, 2014, p. 106).

Já o signo, para o Círculo de Bakhtin, está sempre em constante mudança, a ideia objetiva de fixar o conceito ao seu significado de forma estável foge às concepções criadas pelos autores russos ao propor a ideia de que a plasticidade do signo é correlata à própria plasticidade da realidade humana, o arcabouço de significados de um signo, portanto, é completamente dependente da estrutura social que o utiliza, e principalmente, das relações de força empregadas dentro da hierarquia dessa estrutura.

Como forma de finalizar o tópico acerca da ideologia é necessário denotar a maneira como o Círculo percebia a chamada ideologia do cotidiano e como tal processo é considerado responsável pela cristalização da chamada ideologia superior, composta por outro nível das atividades humanas. Nas palavras de Bakhtin:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez

sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente, um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano. Esta coloca, a obra numa situação social determinada. A obra estabelece assim vínculos com o conteúdo total da consciência dos indivíduos receptores e só é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (dos indivíduos receptores) e recebe dela uma nova luz. É nisso que reside a vida da obra ideológica. Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz um tal vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nessa época (é claro, nos limites de um grupo social determinado). Rompido esse vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significativa. (BAKHTIN, 2014, p. 123-124)

Fica claro a via de mão de dupla que existe entre a ideologia do cotidiano e a formação dos sistemas sociais que estruturam a realidade, de um lado existem os sistemas e de outro a ideologia do cotidiano, a mudança em um afeta diretamente o outro. Portanto, a realidade é construída a partir de um processo intrínseco entre a consciência e o meio social. Para o Círculo as relações dialógicas entre níveis da ideologia podem ser descritas como:

Os níveis superiores da ideologia do cotidiano que estão em contato direto com os sistemas ideológicos, são substanciais e têm um caráter de responsabilidade e de criatividade. São mais móveis e sensíveis que as ideologias constituídas. São capazes de repercutir as mudanças da infra-estrutura socioeconômica mais rápida e mais distintamente. Aí justamente é que se acumulam as energias criadoras com cujo auxílio se efetuam as revisões parciais ou totais dos sistemas ideológicos. Logo que aparecem, as novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica nesses níveis superiores da ideologia do cotidiano, antes que consigam invadir a arena da ideologia oficial constituída. É claro, no decorrer da luta, no curso do processo de infiltração progressiva nas instituições ideológicas (a imprensa, a literatura, a ciência), essas novas correntes da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam submetem-se à influência dos sistemas ideológicos estabelecidos, e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens ideológicas neles acumulados. (BAKHTIN, 2014, p. 125)

A ideologia do cotidiano, de acordo com o autor, divide-se em dois polos, o inferior, pouco creditado de importância e que não representa mudanças significativas na realidade por não possuir forma ou substância suficiente. Essa atividade inferior é constituída pelo universo da atividade mental individual e, portanto, sua perenidade está diretamente à capacidade articulatória de comunicação de um indivíduo, os chamados

“abortos da orientação social” (BAKHTIN, 2014, p. 124). E os níveis superiores, que são aqueles que possuem um impacto direto na realidade, responsáveis pelas revisões e transformações dos sistemas ideológicos e por influenciar diretamente a infraestrutura. Também é necessário ressaltar o caráter dialético com que a ideologia do cotidiano se insere nas instituições ideológicas, trazendo novos ideais e novas perspectivas, essa relação sempre ocorre em duas vias, a ideologia traz novidades, mas também se adequa ao padrão da ideologia vigente.

2.3 O Signo Ideológico

A importância da temática deve-se ao caráter dialógico do signo que traz diferentes valores e sentidos de acordo com as situações comunicativas que os enunciam. Tais características valorativas são indícios presentes nos signos acerca da ideologia e do contexto histórico do enunciador. De acordo com Bakhtin:

Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva, e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e os novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem. (BAKHTIN, 1995, p. 33).

Essa assertiva reforça a ideia que o signo é uma parte integrante da realidade, com características valorativas que o permitem refletir e refratar essa realidade. Tais características são exatamente o substrato que fornece a capacidade do signo em distorcer ou representar fielmente a realidade e as ideias de uma determinada época. Para tanto, o signo ideológico precisa constar dentro do universo social de uma determinada classe, seja ele pertencente àquela classe ou inoculado por uma classe dominante, para isso, é necessário que exista uma relação intrínseca de associação entre o signo e os indivíduos. De acordo com Volochinov (2013, p. 195) para que um objeto possa adentrar o horizonte social de um grupo de indivíduos é preciso que esse objeto consiga refletir os parâmetros socioeconômicos desse grupo em uma relação intrínseca com a “base da realização material do grupo”. Essa proposição demonstra que os juízos de valor acerca dos objetos (e dos signos) depende inteiramente da maneira como são abordados dentro de cada classe em específico, nas palavras de Volochinov:

Quando dizíamos que as palavras são verdadeiras ou falsas, parciais ou imparciais, inteligentes ou estúpidas, profundas ou superficiais, não referimos nosso juízo sobre as próprias palavras, mas sobre a realidade objetiva que elas refletem e refratam enquanto palavras-signo. Por este motivo, uma mesma palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vista distintos, mostra relações diferentes com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de realidade que constitui o tema daquela palavra. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 197)

A noção de que cada signo refrata uma determinada parcela da realidade ocorre em consequência da singularidade da realidade para cada indivíduo, pois cada um apreende o real a partir de um determinado ponto de vista. A real problemática da pesquisa insere-se exatamente nessa ambivalência entre a percepção dos signos e sua capacidade de compreensão objetiva, e o lastro valorativo de verdade que tais signos representam ante a realidade objetiva. Pois, como foi visto, a classe dominante busca criar noções hegemônicas a partir de seus signos, tornando-os superiores aos embates que ocorrem no meio social, e cristalizando seu sentido como imutável e perene. Nas palavras de Volochinov:

No discurso vivo, qualquer ofensa pode se tornar elogio, qualquer verdade soa para muitos, inevitavelmente, como uma enorme mentira. Esta dialeticidade interna do signo se revela completamente só em épocas de crise social e de movimentos revolucionários. Nas condições habituais da vida social, essa contradição, contida no signo ideológico, não pode ser aclarada em profundidade, porque o signo ideológico da ideologia dominante que já tomou forma fixa é sempre um tanto reacionário e busca em certo sentido fechar, fixar e imobilizar o momento precedente do fluxo dialético do processo de formação social, ou seja, dar relevo e reforçar a verdade de ontem, fazendo-a passar pela verdade de hoje. Isto determina a característica interpretante e deformante do signo ideológico no âmbito da ideologia dominante. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 200)

Em sua obra de análise acerca do Círculo de Bakhtin, Faraco (2009, p. 49) reforça essa ideia ao acrescentar que o entendimento dado ao signo ideológico pelos autores é intrínseco ao meio social, e não pode ser deduzido à mera operação fisiológica ou psicológica dos indivíduos, tal premissa legítima a ideia do dialogismo ao propor que os signos somente adquirem materialidade e sentido ao se endereçarem a um “outro”. Essa ideia é legitimada pela noção com que o Círculo compreende que a linguagem, considerando-a como uma ferramenta essencial que opera a mediação da realidade pelos seres humanos, dessa forma, todas as nossas relações com a realidade objetiva passam pela ótica da linguagem e da compreensão, o que nos deixa imersos em um “mundo de linguagens, signos e significações” (FARACO, 2009, p. 49). Nas palavras do autor:

A relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas. Essa relação palavra/coisas, diz este autor, é complicada pela interação dialógica das várias inteligibilidades socio verbais que conceitualizam as coisas (FARACO, 2009, p. 49-50)

Essa complicação da interação dialógica deve-se à característica primordial do signo ideológico de refletir e refratar a realidade. Dado que, o signo não somente cria um sentido exterior a si mesmo, em direção à essa realidade, mas também participa ativamente dessa realidade ao descrevê-la. E é exatamente essa característica refratária que forma o pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin, na medida em que, a significação e os sentidos dos signos não consistem em leis naturais sagradas e externas à humanidade, mas sim, um sistema criado e desenvolvido pelos seres humanos e que se encontra em constante transformação decorrente dos embates sociais protagonizados no processo histórico.

A despeito desse caráter vivo e móvel dos signos, é necessário frisar que as classes dominantes sempre buscam criar categorias totalizantes que deem um fim ao discurso, para que possam dar a última palavra e encerrar o embate pelo significado, cristalizando sua percepção acerca do sentido dos signos como sendo o último e único correto.

2.4 O enunciado para o Círculo de Bakhtin

Para iniciar a caracterização do que constitui o enunciado para o Círculo de Bakhtin é necessário, inicialmente, compreender que tal perspectiva é um resultado do processo que o autor define como (BAKHTIN, 2014, p. 115) “a exteriorização de uma formulação psíquica que foi codificada pelo sistema de signos com a intenção de transmitir uma mensagem a outros sujeitos”.

Essa afirmativa expõe que a expressão comporta duas faces, uma interna que concerne ao seu conteúdo e uma externa, que diz respeito manifestação exterior, seguindo de acordo com o código linguístico. Esse dualismo entre interno e externo é o alicerce para o estudo da teoria da expressão, pois, de acordo com o autor, se essa diferença não existisse ou, em outras palavras, se a expressão fosse uma entre o pensamento e sua materialidade linguística toda a teoria seria inútil. Nas palavras do autor:

É verdade que, exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior. No curso do processo de dominar o material, de submetê-lo, de transformá-lo em meio obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso. (BAKHTIN, 2014, p. 115)

Esse processo, incisivamente perscrutado por Bakhtin, revela a dicotomia que coloca em polos o interior e o exterior pelo mesmo mecanismo que, por vezes, nos impede de expressar o que sentimos de maneira adequada, sendo esse problema relacionado com a nossa capacidade de articular o sistema linguístico e dobrá-lo a nosso favor.

A ideia central do autor é expor a noção de que o pensamento não pode ser considerado como um impulso meramente fisiológico de nosso corpo que, adquire consistência linguística somente a partir de sua exteriorização, dessa forma a própria manifestação interior é resultado de um conjunto de processos intrínsecos à linguagem. De acordo com Bakhtin (2014, p. 116) “Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata”.

Tais assertivas são reforçadas pela perspectiva de Fiorin em sua obra de análise acerca dos escritos de Bakhtin, nela o autor afirma que (2011, p. 16) existe uma distinção entre as unidades da língua e as unidades reais de comunicação, as unidades da língua são repetíveis e são formadas pelos sons, pelas palavras e pelas orações, enquanto a única unidade real de comunicação é o enunciado, essa dicotomia entre repetíveis e irrepitíveis se dá pelo fator de que os sons, palavras e orações podem ser feitos e refeitos de maneira infinita e é somente quando entram na categoria dos enunciados que se tornam únicas, uma vez que os enunciados estão intrinsecamente vinculados com o momento histórico de sua enunciação e são inseparáveis dele. Nas palavras de Fiorin:

Não é a dimensão que distingue uma unidade da língua de um enunciado, pois este pode ir desde uma réplica constituída de uma única palavra (por exemplo, “não”) até uma obra em vários volumes. O que os diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema. (FIORIN, 2006, p. 17)

Outro fator essencial para ser destacado acerca dos enunciados é a questão da autoria, os enunciados sempre estão vinculados com um indivíduo responsável pela sua enunciação. As unidades da língua não possuem relações diretas de autoria com nenhum indivíduo, já os enunciados, quando formulados, consistem em um posicionamento específico do enunciador ante sua condição histórica e sua posição social, exprimindo com exatidão sua perspectiva acerca da realidade.

Também é preciso ressaltar o caráter de responsividade presente nos enunciados, as unidades da língua, apesar de completas, não possuem as características intrínsecas com os indivíduos para que possam gerar respostas, já os enunciados são formulados a partir da premissa de que o indivíduo responsável por sua formulação adentra a cadeia dialógica da comunicação com o ato enunciativo. De acordo com Fiorin:

... todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso. Por exemplo, quando se afirma “Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual”, esse enunciado só faz sentido porque ele se constitui em contraposição a um enunciado racista, que preconiza a superioridade intelectual dos brancos em relação a outras etnias. Essa declaração deixa ver seu direito, a afirmação da igualdade intelectual de brancos e negros, e seu avesso, a superioridade intelectual dos brancos. Numa sociedade em que não houvesse racismo, não faria sentido, por ser absolutamente desnecessária, a asseveração de igualdade acima mencionada. (FIORIN, 2006, p. 18)

Isso aprofunda ainda mais a ideia de que o pensamento age, não somente de acordo com o código linguístico estabelecido, como também com as condições sociais do indivíduo que o produz, dessa maneira, o exterior exerce sua profunda influência no interior e, com isso, motiva a organização mental dos sujeitos. Nas palavras de Bakhtin:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. (BAKHTIN, 2014, p. 116)

Essa teoria que pressupõe um prognóstico responsivo por parte dos enunciadores no momento de formulação e criação da enunciação mostra-se uma ferramenta essencial para compreender o fenômeno da desinformação pelo prisma do Círculo, posto que, compreende que todos os enunciados são formulados considerando aspectos como a

classe social, a época a localização e a vinculação ideológica dos destinatários. Para Bakhtin:

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem-definidas. (BAKHTIN, 2014, p. 117)

De acordo com Bakhtin, existem dois polos distintos quando se trata do processo de tomada de consciência e elaboração ideológica para a enunciação, a atividade do eu e do nós. A atividade mental do eu é associada a um processo fisiológico, anterior à formação do pensamento, e da cadeia linguística e ideológica, e seria um traço de uma consciência que falhou em socializar.

Entretanto é preciso diferenciar a atividade mental do eu da atividade mental para si, é diferente a noção de estar isolado e impossibilitado de comunicar-se com a ideia de estar prezando sua individualidade, aspecto recorrente dentro da sociedade burguesa, tal ideia ressalta a relação intrínseca entre a consciência e a ideologia, bem como a materialização dessa consciência com fundo ideológico por meio da enunciação:

Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa. (BAKHTIN, 2014, p. 122)

Essa ideia de contrapor a individualidade do pensamento, antes de sua realização material com a força adquirida após essa realização é o paradigma que guia a concepção de enunciado para Bakhtin, dado que, a própria forma de criação do pensamento seria uma atividade coletiva. De acordo com o autor (2014, p. 123) não é o horizonte social que é condicionado pela nossa consciência, mas sim a nossa consciência que respeita os limites desse horizonte, essas fronteiras foram definidas pelo autor como: “ideologia do cotidiano”, como forma de distinguir entre campos estabelecidos do conhecimento com o plano social puro em que as relações discursivas ocorrem. Essa ideologia é definida por Bakhtin como:

A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um de nossos atos

ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. (BAKHTIN, 2014, p. 123)

O essencial a ser compreendido neste ponto é a assertiva do autor que propõe o caráter falho de uma pretensa separação entre o domínio da consciência e o domínio social, pois, de acordo com o autor, tal limite é inalcançável ou mesmo inexistente pois ambos os processos ocorrem de maneira intrínseca e simultânea. A consciência, de acordo com Bakhtin, é completamente determinada pela ideologia, privando o individual e o biológico da participação nesse processo. Nas palavras do autor:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constituiu o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2014, p. 126)

O tema central é o de possibilitar a compreensão do caráter social da comunicação, de acordo com o autor a enunciação é um produto completamente social, formulado, articulado e realizado dentro da relação existente entre o indivíduo e seu meio social. Tal distinção é feita entre o humano e o animal, onde apenas os sons emitidos pelos animais podem ser considerados de maneira individual, uma vez que são respostas aos impulsos e instintos animais e não funcionam de forma orientada por um meio social pré-determinado. De acordo com Bakhtin:

A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda dinâmica da sua evolução. (BAKHTIN, 2014, p. 126)

Nesse ponto o autor alicerça a realidade da língua na interação verbal, ou seja, na relação dialógica que existe na língua e sua função comunicativa e não somente expressiva, com isso o propósito da língua desloca-se da ideia de exprimir o universo interior do indivíduo para o ponto de estabelecer e manter comunicação com os demais indivíduos do meio social.

É importante considerar que a ideia do diálogo como protagonista na interação verbal considera que seu conceito ultrapassa a noção de comunicação entre dois ou mais indivíduos para compreender tudo que seja expresso de um indivíduo a outro, como livros, jornais, revistas, em suma, tudo que é criado por alguém e, espera uma atitude responsiva (mesmo que de si mesmo) é englobado dentro do paradigma dialógico. De acordo com Bakhtin:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 2014, p. 128)

Fica evidente o ponto do autor aqui em afirmar que os contextos de produção e a comunicação formam um todo intrínseco que não pode ser dividido sem que se corra o risco de ser obrigado a preencher lacunas essenciais com a imaginação ou com pressuposições, dessa maneira a única maneira de buscar compreender a interação verbal é encaixando-a sobre seu contexto de produção.

Essa relação intrínseca entre o enunciador e seu contexto social possuem ainda outra característica valorativa no processo de formação do enunciado. Se, por um lado, o enunciador se utiliza da sua apreensão da realidade para formular o enunciado, também a maneira como as condições sociais irão receber tal enunciado também são essenciais para essa formulação. Nesse quesito, Bakhtin (2014, p. 129) afirma que a situação social e o auditório que recebe o enunciado obrigam o enunciador a interiorizar certos parâmetros no momento de formulação dos enunciados. Dessa maneira os enunciados são formulados de maneira a antecipar as atitudes responsivas de um mesmo grupo social, tal premissa evidencia o caráter valorativo de tais pressupostos metodológicos dentro da análise dado que, o enunciado sempre é formulado para algum interlocutor, figurando como um projeto comunicativo de uma pessoa para outra, sempre carregado de sentidos e conteúdo ideológico. Nas palavras de Bakhtin:

Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente um certo repertório de pequenas fórmulas correntes. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. (BAKHTIN, 2014, p. 130)

Essa fórmula é adotada para direcionar o enunciado ao auditório visado pelo enunciador. Isso ocorre porque, para o Círculo de Bakhtin não existe enunciado neutro, todo enunciado é formulado com a intenção de adentrar um horizonte social onde ocorrem embates políticos, ideológicos e culturais. E é a partir da relação do enunciador com esse auditório que são escolhidas as características gramaticais, lexicais e temáticas desse enunciado, fator esse que deve ser considerado concomitantemente com os discursos já produzidos acerca da mesma temática, uma vez que, esse conjunto possibilita a compreensão plena acerca do endereçamento dos enunciados para um auditório particular. Esse conjunto de significações que perpassa o enunciado é definido por Bakhtin (2014, p. 134) como seu “tema”, nas palavras do autor o tema pode ser conceituado como:

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tampouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entender por tema da enunciação. (BAKHTIN, 2014, p. 134)

O tema é vinculado com o que se quer comunicar, portanto sua existência carece da presença do momento histórico específico, pois uma mesma expressão pode adquirir significados distintos conforme seu momento de realização, já a significação é o código utilizado para essa comunicação, a significação é invariável, uma mesma expressão sempre irá possuir a mesma significação, sendo o momento histórico de sua realização o único fator que permite a total compreensão de sua intencionalidade.

É exatamente esse processo simbiótico entre o enunciado e o momento histórico que faz com que os enunciadores considerem inúmeras características de seu auditório ao formular seus enunciados, tais como as crenças, os preconceitos, a vinculação ideológica e o local social ocupado. Uma que vez, para dotar esse enunciado de responsividade, o enunciador precisa considerar a capacidade de compreensão do seu auditório com relação às temáticas expostas pelo enunciado.

Assim, pode-se afirmar que o próprio ato de enunciação é imbricado com a relação dialógica que antecipa a ação responsiva dos interlocutores a quem foi endereçado tal enunciado. Essa característica é essencial para a compreensão do fenômeno da

desinformação posto que, são as atitudes responsivas dos consumidores desse tipo de conteúdo que permitem sua circulação e a não interrupção da cadeia dialógica que retroalimenta o discurso anticientífico e negacionista durante a pandemia. Nesse aspecto, Bakhtin reforça a ideia de que o ato responsivo de compreender um enunciado e reagir a ele é uma forma ativa de diálogo:

Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra. (BAKHTIN, 2014, p. 137)

Essa forma de compreensão dialógica é uma maneira de criar relações contratuais com os enunciados, a forma como os interlocutores os recebem, interpretam e respondem denota sua vinculação ideológica e mesmo o grupo social a que pertencem. Portanto, os enunciados são sempre a arena de disputa pelas narrativas e pela própria forma de apreensão da realidade, na medida em que, a totalidade de vozes que ressoa os enunciados nos meios sociais parte de perspectivas diferentes acerca dessa mesma realidade.

A ideia de que os enunciados são reflexos de tomadas de posições acerca de formas de apreender o real representa de maneira evidente a forma como o Círculo de Bakhtin transformou o paradigma da dialética marxista ao inserir a linguagem como forma de mediação do real, dessa forma os embates sociais e a própria forma com que o processo histórico ocorre são perpassadas pela linguagem como um todo, criando um universo de enunciados, signos e sentidos.

2.5 Vozes sociais

O último tópico a ser abordado acerca do arcabouço teórico-metodológico embasado no Círculo de Bakhtin diz respeito às vozes sociais, tal conceito está relacionado à noção da comunicação dialógica que possui a linguagem como mediador da relação entre os indivíduos e a realidade. Dessa forma a escrita pode ser compreendida como uma forma de transcrever de maneira codificada as vozes sociais que habitam a consciência dos indivíduos.

Essa temática é inserida dentro nos estudos do Círculo de Bakhtin por meio da percepção do fenômeno da refração, que é debatida a partir da perspectiva dialógica e multidiscursiva que recobre os objetos e enunciados possíveis. Dessa maneira o fenômeno da refração de Bakhtin é conceituado a partir de Faraco (2009, p. 56) como sendo “o emaranhado de milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência socioideológica em torno de cada objeto”. E é exatamente a partir dessa infinidade de refrações acerca de um objeto que Faraco formula o conceito de vozes sociais a partir dos postulados de Bakhtin, compreendendo-as como “complexos semiótico axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo” (Faraco, 2009, p. 56).

Portanto, o conceito de vozes sociais é central para a compreensão acerca da percepção do fenômeno da comunicação dialógica do Círculo de Bakhtin, uma vez que, consegue dar conta de conceituar a reciprocidade entre os indivíduos e o processo histórico. Isso ocorre porque são as vozes sociais que protagonizam a maneira valorativa com que tais indivíduos apreendem a realidade objetiva, assim, a língua seria constituída pelo aglomerado heterogêneo de vozes sociais que a compõe, em relações de assonância e dissonância, mediando os embates sociais e a própria relação entre os indivíduos e seu meio. Nas palavras de Faraco:

Tal metáfora parece bem adequada para representar a dinamicidade do universo da cultura (para fundar uma filosofia da cultura), se considerarmos que o Círculo vê as vozes sociais como estando numa intrincada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito ("não há uma palavra que seja a primeira ou a última"), provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações etc. - "não há limites para o contexto dialógico"). O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo. (FARACO, 2009, p. 58-59)

Por conseguinte, o diálogo apresenta uma nova face valorativa dentro do Círculo de Bakhtin, para além da perspectiva ligada à Filosofia da Linguagem em que aparece como elo na cadeia discursiva, aparecendo como fragmento dialógico do processo histórico e abrigando o processo de interação das vozes sociais. Tal fator revela que o Círculo não analisa o diálogo em si, como categoria de investigação, mas sim as forças sociais e ideológicas que o mobilizam e condicionam os sentidos e significados ali produzidos.

Essa perspectiva guia a investigação rumo ao processo de incorporação de vozes pelos enunciadores, esse foco analítico é essencial, para a compreensão acerca dos

contornos do fenômeno da bivocalidade, bem como as formas de investigação. Fiorin (2011, p. 23) afirma que tal fenômeno de incorporação torna visíveis e evidentes as outras vozes dentro do discurso. De acordo com Fiorin:

Isso é o que Bakhtin chama concepção estreita de dialogismo. Estreita não significa menos importante. Com esse adjetivo, o que o filósofo pretende mostrar é que o dialogismo vai além dessas formas composicionais, ele é o modo de funcionamento real da linguagem, é o próprio modo de constituição do enunciado. Essas formas de absorver o discurso alheio no próprio enunciado são a maneira de tornar visível esse princípio de funcionamento da linguagem na comunicação real. Há duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado:

- a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado;
- b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado. (FIORIN, 2006, p. 23)

A presente análise busca enfatizar a instrumentalização do conceito de bivocalidade a partir do item b, dado que, esse item corrobora com os objetivos aqui citados, denotando que tal fenômeno ocorre a partir do que Fiorin conceitua como estilização:

É a imitação de um texto ou estilo, sem a intenção de negar o que está sendo imitado, de ridicularizá-lo, de desqualificá-lo. Diferentemente da paródia, na estilização as vozes são convergentes na direção do sentido, as duas apresentam a mesma posição significante. Também para perceber a estilização é necessário recorrer a nosso conhecimento textual. (FIORIN, 2006, p. 28)

Estilo, nesse sentido, seria constituído pelos parâmetros discursivos e textuais utilizados para a formulação de um enunciado, considerando os recursos linguísticos, “os traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais e enunciativos” (FIORIN, 2006, p. 30), como forma de dotar o enunciado de sentido e individualidade. Fiorin afirma (2011, p. 30-31) que o estilo é a representação direta de uma determinada visão de mundo e de uma maneira de apreender o real. De acordo com Fiorin:

No entanto, se Bakhtin parasse por aqui, estaria negando o fato de que o dialogismo é elemento constitutivo do enunciado. Para o filósofo russo, o estilo define-se dialogicamente, o que quer dizer que ele depende dos parceiros da comunicação verbal, dos discursos do outro. O estilo constitui-se em oposição a outros estilos. (FIORIN, 2006, p. 30)

Dentro do espectro da palavra, o fenômeno da bivocalidade pode tanto evocar um antagonismo entre as vozes quanto uma coalisão, a amplitude dessa variação é infinita e possibilita desde um acordo completo até uma recusa total entre as vozes.

Dentro dessa arena do embate entre as vozes sociais, são os enunciados que permitem a entrada de um determinado material linguístico na esfera do discurso, é somente a partir do momento que esse material adquire uma autoria e é fixado no universo cultural, social e histórico que ele passa a transmitir sentidos e posicionar-se dentro da sociedade, pois somente dessa maneira ele pode inserir-se na cadeia dialógica comunicativa e adquire a face da responsividade. Tal fenômeno permite uma instrumentalização do enunciado de maneira a melhor posicionar-se dentro da arena discursiva, de acordo com Faraco:

Finalmente, relações dialógicas são também possíveis em relação a seu próprio enunciado como um todo, em relação a suas partes separadas e em relação a uma só palavra em seu interior, se nós de algum modo nos afastamos deles, falamos com uma ressalva interior, se nós os observamos a certa distância, como se estabelecêssemos limites à nossa própria autoria, ou a dividíssemos em duas (FARACO, 2011, p. 184)

É a partir de tais pressupostos acerca das características dialógicas do enunciado envolvendo as vozes sociais que Bakhtin inicia o processo de conceituar o discurso de outros como um discurso sobre o discurso, em sua assertiva fica evidente que a noção de parafrasear alguém funciona não como uma cópia fiel ao primeiro discurso, mas sim uma adaptação desse discurso para a situação atual. De acordo com Bakhtin (2014, p. 151), o processo de integração de uma enunciação por outra envolve uma reelaboração de regras sintáticas, estilísticas e composicionais para que se possa criar uma relação harmônica que consiga dotar o novo enunciado com o sentido pretendido, embora precise manter traços do discurso anterior, permitindo que possa compreender a referencialidade dentro do novo enunciado. Nas palavras do autor russo:

Nas línguas modernas, certas variantes do discurso indireto, em particular o discurso indireto livre, têm uma tendência inerente a transferir a enunciação citada no domínio da construção linguística ao plano temático, de conteúdo. Entretanto, mesmo assim, a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se efetua, e não poderia efetuar-se, completamente: não somente o conteúdo semântico, mas também a estrutura da enunciação citada permanece relativamente estável, de tal forma que a substância do discurso do outro permanece palpável, como um todo autossuficiente. Manifesta-se assim, nas formas de transmissão do discurso de outrem, uma relação ativa de uma enunciação a outra, e isso não no plano temático, mas através de construções estáveis da própria língua. (BAKHTIN, 2014, p. 151)

Entretanto, é preciso evidenciar que, entre essa recepção ativa e a reformulação dos enunciados de outrem ocorrem mudanças essenciais. Essas mudanças ocorrem justamente porque essa reformulação está carregada com a intencionalidade do enunciador, que visa impor um projeto discursivo específico a partir da apreensão do enunciado alheio, sempre considerando o auditório que se busca alcançar com esse novo enunciado. Esse fato ocorre porque, como aponta Bakhtin (2013, p. 153-154), o indivíduo que apreende esse enunciado não é um mero retransmissor que dissemina o discurso apreendido, mas sim um integrante ativo da cadeia dialógica do discurso, que possui participação ativa no processo de reformular esse enunciado conforme seus próprios paradigmas ideológicos, culturais, sociais e linguísticos. De acordo com Bakhtin:

Essas duas operações, a réplica interior e o comentário efetivo são, naturalmente, organicamente fundidos na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis senão de maneira abstrata. Os dois planos de apreensão exprimem-se, objetivam-se no contexto narrativo que engloba o discurso citado. Qualquer que seja a orientação funcional de um determinado contexto – quer se trate de uma obra literária, de um artigo polêmico, da defesa de um advogado, etc. – nele discernimos claramente essas duas tendências: o comentário efetivo, de um lado, e a réplica, de outro. Habitualmente, um dos dois é dominante, O discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levá-las em conta. (BAKHTIN, 2014, p. 154)

Esse conjunto de fatores precisa ser analisado sempre levando em consideração o que Bakhtin define como (2014, p. 156) “o grau de firmeza ideológica, o grau de autoritarismo e de dogmatismo que acompanha a apreensão do discurso”. Dessa forma, quanto mais autoritário for um discurso, e o meio ideológico que o cerca, mais maniqueísta será sua abordagem, sempre criando abismos entre as características valorativas como bem e mal e verdadeiro e falso. Nas palavras do autor russo:

O mundo interior é a dialogização da heterogeneidade de vozes sociais. Os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas. Por isso, eles nunca são expressão de uma consciência individual, descolada da realidade social, uma vez que ela é formada pela incorporação das vozes sociais em circulação na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito não é completamente assujeitado, pois ele participa do diálogo de vozes de uma forma particular, porque a história da constituição de sua consciência é singular. O sujeito é integralmente social e integralmente singular. Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único. A realidade é centrífuga, o que significa que ela permite a constituição de sujeitos distintos, porque organizados em torno de um centro único. (FIORIN, 2006, p. 37)

Essa premissa evidencia o fator de historicidade dos enunciados, dessa forma pode-se compreender que são as vozes sociais as responsáveis pelos fios ideológicos que formam os enunciados e a própria cadeia discurso, e, portanto, a sua materialidade consiste num fragmento material dessa realidade que a criou e pode servir ao propósito de análise de uma determinada função discursiva e um determinado momento histórico. De acordo com Faraco (2009, p. 52) o processo histórico é responsável por “recobrir o mundo com diferentes axiologias”, por conseguinte, pode-se entender que são os embates que ocorrem no campo social, mediados pela linguagem que movem o processo histórico.

Capítulo 3 – Desinformação e pós-verdade

Pode-se, às vezes, ver mais claro em quem mente do que em quem fala a verdade. A verdade, como a luz, cega. A mentira, ao contrário, é um belo crepúsculo, que valoriza cada objeto.

Albert Camus – A queda.

A proposta do terceiro capítulo é reunir e contextualizar um arcabouço teórico que consiga dar conta de aprofundar todos os conceitos e temáticas voltadas para a análise e compreensão da desinformação. Dessa forma, é preciso ir além da simples contextualização geral do fenômeno da desinformação e criar um referencial que consiga explicar, não somente tal fenômeno, como também sua ligação com o contexto político, ideológico, cultural e social brasileiro dentro do recorte temporal pretendido.

O primeiro tópico a ser abordado concerne à uma contextualização da desinformação em si, tratando da trajetória desse fenômeno e de suas diversas implicações ao longo do tempo. O objetivo geral de trazer essa contextualização, ainda que de forma breve, é demonstrar que a desinformação sempre foi uma ferramenta com alto poder destrutivo dentro do campo social e político. Outra proposta essencial desse tópico inicial é a de construir uma separação entre a desinformação antes e depois da popularização da internet, essa assertiva funciona de forma de denotar o protagonismo que essa invenção assumiu na transformação ocorrida e no impacto causado pela desinformação, de maneira geral.

O tópico seguinte, foge um pouco da temática específica acerca da desinformação e busca contextualizar o paradigma anticientífico que ganhou força na última década e impulsionou o surgimento do fenômeno da pós-verdade, ambas as definições são centrais para a compreensão da desinformação, na medida em que, são os alicerces que, não somente motivam sua produção, como também são a razão da popularidade de sua disseminação.

Posto que, o conceito de desinformação na atualidade foi estabelecido, é necessário demonstrar sua força de atuação no contexto atual. Tal assertiva, gira no

entorno da ideia de demonstrar o que torna esse fenômeno um fator essencial para a compreensão da realidade atual. Para construir esse alicerce teórico é necessário elencar alguns momentos principais que deram destaque à desinformação, bem como demonstrar que o seu poder destrutivo tem capacidade suficiente para aniquilar governos e mesmo causar conflitos armados.

3.1 Trajetória histórica da desinformação

Muito antes das eleições americanas de 2016, o Brexit e as eleições brasileiras de 2018, a desinformação já protagonizava acontecimentos históricos de grande magnitude, a ideia de distorcer a realidade para alcançar objetivos políticos, sociais e culturais é quase tão antiga quanto à própria humanidade.

Otávio Augusto¹² conquistou o título de primeiro imperador romano em partes graças à uma ampla campanha difamatória que conseguiu levar seu oponente, Marco Antonio ao suicídio, essa campanha foi empreendida com a intenção de criar a imagem de um alcoólatra inveterado que havia sucumbido ao amor por Cleópatra e que se tornara meramente seu fantoche. O mais impressionante em toda a história foi a maneira como Otávio encontrou para veicular essa mensagem em uma época anterior à imprensa, ele mandou cunhar moedas que continham mensagens negativas à respeito do oponente, garantindo que toda transação comercial contasse com a participação involuntária das difamações acerca de Marco Antonio, a manobra não somente garantiu a vitória de Otávio Augusto como também permitiu ao imperador que tomasse o poder de maneira definitiva iniciando o período imperial romano.

Essa contextualização intenta ilustrar a premissa de que, a desinformação está longe de figurar como uma invenção do século XXI, e que, conforme aponta o historiador Robert Darnton em seu texto publicado pelo jornal El País¹³, é uma ferramenta que acompanha a própria história das civilizações. Das confabulações envolvendo religião, papas e imperadores até a decapitação de Maria Antonieta durante a revolução francesa, o paradigma de mudança em relação ao evento envolvendo os atores mais importantes da

¹² Informações retiradas do relatório: A short guide to the history of 'fake news' and disinformation produzido por Julie Posetti and Alice Matthews.

¹³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html

política romana não consiste na desinformação em si, em todos os casos citados uma campanha difamatória foi utilizada como arma para virar o jogo político e conseguir vantagens, sempre focados em distorcer ou exagerar a realidade para influenciar a opinião pública, o fator de mudança é meramente tecnológico.

As moedas de Otávio, a despeito do seu caráter eficiente quanto à circulação, possuíam um limite fixado de palavras, que impedia a veiculação de uma mensagem mais completa e assertiva, essa limitação foi ultrapassada com a invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg em 1453, com a prensa era possível veicular uma quantidade maior de material com um esforço muito reduzido. A transição das moedas difamatórias para os pasquins franceses que incitavam o ódio à monarquia demonstra como o nível tecnológico envolvido no processo de criação, produção e disseminação da desinformação é essencial para seu êxito. Tal ideia é amparada pelo historiador Bruno Leal em um artigo presente na obra *Novos Combates pela História*, nela o autor afirma que:

Se as notícias falsas já existiam no passado, foi em nosso tempo presente que elas adquiriram maior notoriedade, poder e influência. Com a ascensão das redes sociais on-line, no início da década de 2010, as fake news se converteram em um problema incontornável para as maiores democracias do planeta. Notícias falsas, afinal de contas, são hábeis em desestabilizar instituições democráticas, tendem a gerar o efeito colateral da exigência de censura prévia e de cerceamento das liberdades, servem para justificar quebras de sigilo e deixam os atingidos desorientados na busca por justiça e reparação. (LEAL, 2021, p. 160)

Essa concepção permite compreender a proposta central da pesquisa, que envolve a ideia de que a desinformação somente alcançou os níveis estratosféricos atingidos atualmente graças ao desenvolvimento tecnológico, essencialmente a internet, que permite a livre veiculação de conteúdo em tempo real, e que, somado a outros adventos tecnológicos possibilita a criação de materiais cada mais convincentes no campo da desinformação. De acordo Julie Posetti e Alice Matthews (2018, p. 1-2), tal desenvolvimento pode trazer consequências catastróficas para o meio social:

Como vários meios de comunicação se desenvolveram no século XX, especialmente com o advento do rádio e da televisão, notícias satíricas evoluíram, as vezes sendo confundidas com notícias reais na percepção dos leitores. Finalmente, com a chegada da internet no final do século XX, seguido do surgimento das mídias sociais no século XXI, aumentou de maneira drástica os riscos relacionados à desinformação, mesinformação, propaganda e boatos. Tanto erros quanto conteúdos fraudulentos podem se tornar virais graças a comunicação integrada em tempo real, enquanto notícias satíricas são regularmente mal interpretadas e compartilhadas como verdade por usuários menos atentos das redes sociais. Nós agora habitamos um mundo com propaganda computacional, perfis falsos financiados por governos, exércitos

de trolls, e tecnologia que consegue imitar sites confiáveis de notícias e manipular áudio e vídeo de maneira perfeita para criar representações sintéticas de várias fontes. Nesse ambiente, onde a confiança fica polarizada entre quais notícias se adequam a determinada visão de mundo, muitos leitores se sentem aptos em escolher ou criar seus próprios fatos. Combinadas, essas invenções criam uma ameaça sem precedentes que pode afogar o jornalismo, e também criar a falsa impressão de que nada mais é verdadeiro de maneira geral. (Matthews, Posetti, 2018, p. 1-2, tradução minha)

As concepções demonstradas pelas autoras vêm de encontro aos objetivos gerais da pesquisa ao reafirmar o potencial catastrófico alcançado pela desinformação nesse momento histórico, a união dos métodos de distorção da realidade com o avanço tecnológico permitiu a criação de realidades individualizadas que conseguem selecionar um aglomerado de fatos como explicação para a realidade, estilhaçando assim o tecido da realidade objetiva¹⁴ e criando uma realidade particular a cada indivíduo. Esse processo pode se mostrar desastroso, não somente para o jogo democrático e social atual, como também para o processo evolutivo da humanidade como um todo. De acordo com Bruno Leal:

As mídias digitais do século XXI, notadamente as sociais e aplicativos de mensagens, como o WhatsApp, ampliaram o poder do espalhamento de conteúdo inverídico e calunioso. Valendo-se de uma ampla penetração em todas as classes sociais, esses aplicativos e programas são frequente e maliciosamente programados para disparar mensagens em massa. Hoje, é possível ter a sensação de que há tantas notícias falsas quanto verdadeiras circulando na internet. E como o aparato tecnológico avança num ritmo muito maior do que o aparato jurídico, nossa capacidade para regular, coibir, punir ou apenas mitigar, no plano legal, as notícias falsas é muito limitada. (LEAL, 2021, p. 160)

Esse panorama acerca das mudanças ocorridas na forma de criação, produção, disseminação e consumo da desinformação constituem o Norte que pretende guiar a investigação e embasar a análise das amostras.

¹⁴ Percebe-se na pesquisa que, assim como a verdade objetiva, a realidade objetiva não consiste em um conceito imóvel e inalterável, entretanto, ao mencionar realidade objetiva a intenção é demonstrar que antes desse período específico existiam consensos mais ou menos gerais acerca de conceitos e fatos, o que se encontra ameaçado por essa individualização da realidade.

3.2 Pós-verdade e o paradigma anticientífico

Em 2016, alguns meses antes da eleição para presidente dos Estados Unidos, começou a circular no ambiente online dos estadunidenses um conteúdo que afirmava que, em 2017, finalmente as “preces seriam atendidas” e Hillary Clinton finalmente seria investigada pelo FBI pelos crimes envolvendo sua caixa de e-mails, juntamente com essa notícia bombástica outras igualmente questionáveis povoavam o site WorldPoliticus.com, tais postagens tiveram resultados extremamente positivos em termos de alcance, algumas chegando à marca 480.000 compartilhamentos, curtidas, comentários e reações no facebook¹⁵.

Obviamente que, qualquer cidadão minimamente informado e que não estivesse preso dentro de uma bolha ideológica, consideraria checar a veracidade dessa informação que, pelo seu caráter drástico é no mínimo duvidosa, então qual seria a real explicação para um engajamento desse porte em um conteúdo escandalosamente falso? O mais interessante a ser percebido é que, como protagonistas no processo de criação dessa notícia estavam adolescentes da Macedônia e demais localidades espalhadas pelo leste europeu.

O fato de o conteúdo produzido por esses adolescentes ter influenciado diretamente nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 escancarou uma faceta até então desconhecida das redes e dos tempos em que vivemos, não por acaso a palavra pós-verdade foi escolhida como palavra do ano pelo dicionário Oxford, a descrição dada pelo dicionário é a seguinte: “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal” (Pós-Verdade, Oxford, 2016).

A ideia de uma opinião ou um fato paralelo possuir mais valor do que a realidade factual abriu toda uma infinidade de debates acerca do papel das redes na formação da opinião pública, e no possível desaparecimento da realidade objetiva/factual como a conhecemos, entretanto, o termo já havia sido empregado nesse mesmo sentido muito anos antes.

¹⁵ Informações disponíveis em: <https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo>

O primeiro autor a utilizar o termo pós-verdade foi Steve Tesich,¹⁶ no ano de 1992, em um artigo para a revista *The Nation*, nesse artigo ele comenta que, após o caso Watergate nos Estados Unidos, tornou-se comum que o presidente e demais líderes da nação mentissem como forma de preservar a população de verdades indigestas, as pessoas passaram a preferir as mentiras do que enfrentar a realidade dos fatos, tanto o caso Watergate como o caso Irã-Contras criava um contexto demasiado desagradável para que se pudesse conviver com isso, portanto tornou-se normal que o presidente optasse pela mentira, alegando sua falta de memória como álibi aos horrores cometidos.

Com isso, o campo político acabou naturalizando a mentira, demonstrando que sabem que as mentiras conseguem uma adesão popular e uma aceitação maior do que as intempéries da verdade, isso demonstra um problema gigantesco pois contrapõe a narrativa política à verdade, como se o desgosto causado pela realidade não valesse o esforço de se viver nela:

As implicações são ainda mais assustadoras que isso. Nós estamos rapidamente nos tornando protótipos de pessoas que monstros totalitários podiam apenas desejar em seus sonhos. Todos os ditadores até agora tiveram um árduo trabalho para suprimir a verdade. Nós, pelas nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que nós adquirimos um mecanismo que pode desnudar a verdade de qualquer significância. De uma forma fundamental nós, como pessoas livres, decidimos livremente que desejamos viver no mundo da pós-verdade. (TESICH, 1992, s/p. tradução minha)

As projeções mais escatológicas propostas por Tesich acabaram por encontrar suas condições essenciais de surgimento e proliferação na última década, quando o avanço tecnológico associado com uma ampla gama de processos manipulativos empurrou a humanidade para a era da pós-verdade.

A ideia de pós-verdade em si é intrínseca ao ato ideológico e político, assim como nas projeções de Tesich a nossa pós-verdade também assume a forma de um comportamento de negação em relação à realidade factual, onde a sociedade preza pelo seu bem-estar em detrimento do que os fatos objetivos demonstram. Esse direcionamento ideológico serve como uma bússola moral, que permite ao indivíduo personalizar a sua

¹⁶ O texto integral passou a ser de leitura exclusiva por assinantes do site após a leitura realizada para a pesquisa, entretanto, uma versão comentada está disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>

realidade a ponto de escolher quais fatos serão utilizados para formar sua visão de mundo, criando assim um universo particular que concerne e faz sentido somente ao seu criador.

Esse conceito, portanto, propõe duas problemáticas gerais aos campos científicos estudados. Inicialmente o problema proposto é histórico, pois, se a realidade agora é formada pela simples escolha de fatos de maneira arbitrária por cada indivíduo, o resultado direto é a destruição sumária de todos os alicerces que sustentam a ciência histórica, pois, todo o processo histórico da humanidade, as subjetividades e os debates que movimentaram as sociedades de maneira dialética perdem seu caráter canônico, e passam a ser apenas “mais” uma chave de interpretação da realidade.

Por outro lado, o campo da linguagem é afetado diretamente pelo fenômeno da pós-verdade, esse viés ocorre devido a uma consequência direta do impacto no processo histórico citado anteriormente. Na medida em que, a realidade passa a ser um cheque em branco a ser preenchido de forma aleatória, a ideia dialógica de linguagem proposta por Bakhtin e abordada nessa investigação, perde seu caráter valorativo uma vez que, de acordo com a nova proposta de interpretação da realidade o enunciador se torna efetivamente o adão bíblico que profere as primeiras palavras e forma os primeiros enunciados. A cadeia dialógica da linguagem é, inerentemente um processo atrelado ao desenvolvimento histórico das sociedades, o apagamento do passado em si, condiz com a premissa de que que agora o ditador ou o político demagogo inauguram os discursos, tomam para si o protagonismo e o ineditismo que, invariavelmente pertencia à humanidade como um todo.

Epistemologicamente falando, a pós-verdade pode ser compreendida como o grande paradoxo do século XXI, isso porque a factualidade ligada à opinião pública e a própria formação da realidade a partir da justaposição da visão da maioria perde seu protagonismo como fator de explicação, mesmo que a verdade objetiva fosse um fator inalcançável, as dimensões éticas e racionais que norteavam o processo histórico agora tremulam sobre as águas de um mar de incertezas e opiniões.

A primeira chave para a compreensão do fenômeno da pós-verdade reside na análise do momento histórico que, com suficiente desenvolvimento tecnológico, permitiu a proliferação de um fenômeno discursivo conhecido desde a época dos sofistas e suas técnicas de persuasão. De acordo com Siebert e Pereira:

Ao analisarmos tais enunciados, o uso do termo pós-verdade também passa a significar um momento histórico com expressivo aumento na velocidade da comunicação que, entre outras coisas, multiplica a quantidade de informações com as quais precisamos lidar diariamente. O termo passa a ser usado para nomear esse viver imerso em novas condições de produção de sentido. Nessa perspectiva, acreditar na informação ou classificá-la como mentirosa de imediato representa um reforço de posicionamento possibilitado pelo caráter ideológico do processo de interpretação. (SIEBERT, PEREIRA, 2020, p. 242)

O que efetivamente muda, não é a posição de busca pela manipulação ou distorção da realidade por agentes mal-intencionados, mas sim a possibilidade de se criar uma torrente de informações que inundem as mídias sociais e os aplicativos de mensagens de maneira a sobrecarregar os indivíduos com uma miríade infinita de posições acerca da realidade. Esse fenômeno amplia o arcabouço disponível às ideologias para se alicerçarem, dessa forma, as explicações acerca do real se multiplicam aos milhares, na maioria dos casos embasando-se em opiniões e fatos alternativos.

Obviamente que, a pós-verdade pôde firmar-se como um paradigma de compreensão da realidade por meio da transição ocorrida nos últimos dez anos, que mudou de maneira agressiva a maneira como apreendemos a realidade, e a ordenação desse caos é um anseio da maior parte da população mundial no momento. De acordo com Siebert e Pereira:

Em um primeiro momento, poderíamos argumentar que a pós-verdade ganha força sempre que há certa urgência em linearizar, homogeneizar e dar sentido às inúmeras informações e acontecimentos com os quais convivemos diariamente. Entendemos que informações podem ser inventadas ou manipuladas pelos veículos de mídia, por exemplo, desde que satisfaçam certas peculiaridades de um dado conjunto ideológico de crenças. Adotar a realidade como referência – uma referência inconstante, que sob a lógica discursiva ganha múltiplas leituras possíveis – se torna menos importante do que criar uma realidade particular, em que a interpretação se lineariza porque o acontecimento não existe fora de um contingente ideológico qualquer, sem espaço para a dúvida. (SIEBERT, PEREIRA, 2020, p. 244)

Portanto, como a realidade agora é um espelho que reflete as crenças e convicções dos sujeitos individualmente, fica evidente que, o caráter de verdade ou factualidade fica relegado à revelia dos paradigmas ideológicos que formam o reflexo imediato de cada um. Entretanto, esse reflexo esmaece os defeitos e as possíveis falhas, apagando tudo aquilo que possa ser desagradável ao observador, que busca forjar sua própria realidade em perfeita harmonia. Nesse aspecto Siebert e Pereira argumentam que essa é a maneira como os indivíduos conseguem dar conta de compreender seu próprio real:

Na pós-verdade, mais do que interpretar e significar o acontecimento, cria-se uma versão que o sujeito tende a interpretar como verdadeira ou não, independente de investigações científicas quaisquer. Tal gesto interpretativo é possível devido à fluidez da informação, por sua instabilidade, por retratar um mundo tão farto de acontecimentos, tão amplo em dimensões planetárias e contraditório nos dizeres. Em função dessas grandezas, buscamos estabilidade para os sentidos. Por isso, aderimos ao que nos convém como verdade através da ideologia, que atua como dispositivo ordenador de informação, rendendo-lhe sentidos. (SIEBERT, PEREIRA, 2020, p. 244)

Esse fator demonstra que a pós-verdade não funciona apenas como um caleidoscópio que apresenta diversas projeções do real, mas sim, um constructo ideológico que norteia as posições e as decisões de maneira total, de acordo com Siebert e Pereira (2020, p. 244) a pós-verdade cria fronteiras no entorno dos indivíduos e produz efeitos de sentido que dizem em que acreditar, em quem confiar e mesmo a quem atacar.

Christian Dunker em seu ensaio no livro *Ética e pós-verdade* (2017) assevera que, o processo histórico que trouxe a humanidade até a era da pós-verdade passou por inúmeros pontos de inflexão e de mudanças, onde paradigmas estabelecidos foram questionados e, por fim, derrubados. Entretanto, a factualidade e a realidade permaneciam sagradas em seu pedestal, um ícone que fora louvado durante toda a modernidade e que, repentinamente, sofre a corrosão quase que instantânea promovida pela era da informação. De acordo com o autor:

Uma longa jornada filosófica e cultural foi necessária para que primeiro aposentássemos a noção de sujeito, depois nos apaixonássemos pelo Real, para finalmente chegar ao estado presente no qual a verdade é apenas mais uma participante do jogo, sem privilégios ou prerrogativas. (DUNKER, 2017, p. 4)

A chave de compreensão empreendida pelo autor busca situar o fenômeno dentro da história das ciências, tentando compreender como a pós-verdade pode ser entendida (DUNKER, 2017, p. 6) como um desdobramento do pós-modernismo, se esse movimento aparece como uma chave de compreensão para o sujeito moderno, a pós-verdade põe em cheque não somente a realidade, mas os supostos discursos que a legitimam.

Tais discursos, de acordo com o autor (2017, p. 6), possuem a perenidade do sistema que o perpetua, dado que, cada versão particular da realidade possui um caráter contextual que acaba por aprisioná-la ao momento de sua enunciação, qualquer tentativa de enquadrá-la em outro momento destrói sua significação, uma vez que, seu sentido é atrelado às condições específicas de momento e local.

Já o pesquisador Jean Carlos Hochsprung Miguel, em seu ensaio sobre a produção de ignorância, busca criar duas chaves de entendimento distintas a respeito da compreensão da pós-verdade, sua estratégia é a de ilustrar a forma como a pós-verdade ultrapassou o paradigma político e acabou se tornando uma espécie de Leviatã tecnológico, que força os indivíduos a abrir mão de sua liberdade de interpretação, para basear-se então em cliques, compartilhamentos e engajamento geral. De acordo com o autor, a primeira chave de entendimento pode ser criada a partir de uma suposta realização das projeções criadas por George Orwell em sua obra *1984* (1948):

A primeira interpretação a respeito da pós-verdade pode ser enquadrada no que eu irei chamar de “diagnóstico Orwelliano”. A pós-verdade equivale, nessa interpretação, à construção de uma situação na qual não existe a clara diferença entre o fato e a ficção e a diferença entre o verdadeiro e o falso. (MIGUEL, 2021, p. 4)

A equivalência proposta pelo autor em relação à obra de Orwell baseia-se na premissa de que, a união entre pós-verdade e política encontra ali sua previsão mais assustadora, entretanto, a realidade é muito mais preocupante, posto que, conforme aponta o ensaio de Tesich, é como se a revolução imposta pelo Big Brother nunca tivesse ocorrido, como se a humanidade em seu atual estágio de desenvolvimento tivesse chegado ao sujeito proposto por Dostoievski em suas obras, onde a privação da liberdade é a única liberdade possível, onde todos nós, em comum acordo, permitimos que algum tirano nos lidere e elenque os fatos que compõe a realidade. Não é por acaso que Tesich usa o verbo “drool” para descrever o sentimento dos tiranos em relação à essa sociedade que assiste sua realidade ser estilhada com a passividade de quem assiste a uma sitcom particularmente entediante, os tiranos literalmente babam na simples perspectiva de poder moldar as narrativas, os discursos e a própria realidade à sua imagem e semelhança. De acordo com Miguel:

...percebemos a ideia de que se nos afastarmos da ciência e da história como bases comuns de informação e de objetividade, tendemos a nos refugiar em algum tipo de ficção coletiva que nos conduz ao fim da pluralidade. Há, portanto, uma relação estreita entre a política de pós-verdade e o autoritarismo típico dos regimes totalitários que constroem seu regime de verdade por meio de práticas de anulação da história, destituindo formas consolidadas de produção de fatos objetivos. Nesse sentido, a distopia Orwelliana, na qual os fatos são escritos e reescritos em um movimento no qual a diferença entre falso e o verdadeiro já não pode mais ser reconhecida, serve como analogia à atual circunstância de pós-verdade para estes autores. (MIGUEL, 2021, p. 4)

A segunda chave de entendimento proposta pelo autor, parte da premissa de que, vivemos em um período de transição entre o mundo que já existia, norteado pela factualidade que constituía um monopólio jornalístico-editorial, para a lógica imagética dominada pelas redes sociais, nesse ponto (MIGUEL, 2021, p. 5) assevera que a formação da realidade é baseada no engajamento gerado pela momentaneidade das imagens vistas online, os chamados “pedaços de informação” são os recortes que formam as visões de mundo e que embasam a compreensão da realidade, tais pedaços variam desde chamadas de notícias que se alinham ideologicamente a nós, até memes e sátiras que complementam as lacunas deixadas pela fugacidade das informações consumidas. Nesse momento, o que vale não é a relação entre a factualidade e a informação, mas a sua “aderência” e o seu engajamento.

Nesse ponto, o autor Eli Borges Júnior (2019, p. 526) ressoa as assertivas de Miguel ao apontar em seu artigo intitulado *O que é a Pós-Verdade?* Que esse momento histórico específico conseguiu deslocar a arena onde ocorrem os embates pelo domínio do discurso, da esfera argumentativa, pautada pelo conhecimento científico para a esfera da “imagem midiática” que sobrepõe o imagético-estético ao racional.

Essa ideia reforça a assertiva de que a pós-verdade se retroalimenta de uma sociedade que se viciou em um consumo estético desenfreado, ironicamente, a era da informação parece tender a uma programação imagética esvaziada de informação no sentido técnico/científico da palavra. Dessa forma, Borges Júnior afirma que a pós-verdade precisa ser compreendida como muito mais do que a simples antítese da verdade e da racionalidade, uma vez que:

Por isso, pode ser um caminho precipitado equivaler a dita “pós-verdade” à mentira. Isso porque a imagem midiática, pelo simples fato de apresentar-se como “imagem midiática” (destaque para as aspas), talvez adquira já aí uma certa aura de verossímil, uma espécie de efeito mágico atribuído pelas funcionalidades e facilidades, à distância de um clique, dos dispositivos tecnológicos. É a própria “exposição” da imagem midiática o lastro mínimo exigido pela crença. A imagem passa a ser crível simplesmente porque é vista. (BORGES JUNIOR, 2019, p. 537)

Retornando aos paradigmas citados por Miguel para a compreensão da pós-verdade, é essencial destacar o que o autor chama de “desintegração das hierarquias da produção de conhecimento”, tal processo é descrito como (2021, p. 7) a transição dos mecanismos de organização tradicionais para a uma democratização total, permitindo

assim que a ciência moderna se veja obrigada a disputar território com a opinião individual em termos de igualdade total.

Essa ideia é muito similar à assertiva defendida por Bruno Leal em seu artigo na obra *Novos Combates pela História* (2021), nele, o historiador destaca que o processo da pós-verdade é intrínseco ao deslocamento da noção de autoridade. De acordo com o autor: (2021, p. 162) a pós-verdade inverte o ritmo das narrativas, pois permite a criação de conteúdo inverídico com franca intenção de desinformar justamente para funcionar como elemento de legitimação de um determinado tipo de discurso.

Esse fator, de acordo com Leal (2021, p. 162-163) diz respeito ao movimento gradual com que, a característica intrínseca que existia entre uma informação e o indivíduo que a veicula é fragmentada e, conseqüentemente, dilui-se a relação direta que existia entre a confiabilidade de uma informação com o seu autor. Com a crescente sobrecarga de informação, somada ao acesso irrestrito aos meios de divulgação, todos passam a criar e compartilhar conteúdo, esse fator permite que a qualidade das informações seja afetada de maneira dramática. Nas palavras do autor:

Há casos, no presente, de notícias falsas que reverberam mesmo quando a fonte é anônima, e isso é possível porque, dentro do atual quadro de deslocamento da autoridade, o domínio da técnica (neste caso, saber utilizar a linguagem de cada mídia a favor de sua mensagem) e a amplitude da audiência (o número de compartilhamentos) angariam credibilidade. (LEAL, 2021, p. 162-163)

Esse deslocamento da autoridade, combinado com o anonimato, gera o que Miguel (2021, p. 7) destaca como uma fragmentação da produção de informação, essa fragmentação resulta em uma conseqüente capitalização de um chamado “mercado de verdades”, onde cada indivíduo pode optar pela realidade que mais convém ao seu referencial ideológico, tudo isso gerando um lucro astronômico em cliques e engajamento para os seus produtores. Tal lógica é essencial para a compreensão da investigação, na medida em que, o paradigma jornalístico que guia a sociedade desde a invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg era assegurado pela certeza de que, a informação era baseada na factualidade (ao menos dentro dos grandes veículos de mídia), obviamente, que cada jornal possui seu próprio pendor ideológico, mas antes, eram as massas que deveriam se adequar ao pendor do jornal, agora, a informação é feita sob medida para os grupos ideológicos, por isso seu caráter prescinde da objetividade e da realidade pois o lucro não mais está em narrar os fatos escolhidos para arrebanhar o maior grupo possível

de pessoas, mas sim, em ficcionalizar ao máximo os fatos e mesmo fabricá-los para reforçar os paradigmas ideológicos de determinados grupos de indivíduos.

Por fim, recorre-se a pesquisadora Ana Paula El-Jaick, que realiza uma reiteração das assertivas propostas previamente, de acordo com a autora (2019, p. 54), o fio condutor para se compreender a pós-verdade está situado na relação intrínseca entre o avanço tecnológico, a capitalização da mentira, o sensacionalismo imposto pela mídia tradicional nos últimos anos e o lucro envolvido no setor tecnológico e de mídias sociais que movimento bilhões a partir do engajamento gerado online.

De acordo com a autora (2020, p.294), o fato de um indivíduo poder realizar uma seleção de fatos e conceitos que norteia sua própria realidade acabou por criar um universo “ultranarcísico” que:

Enfim, a tese defendida será a de que, nesta era em que multilinguagens viajam de forma quase que instantânea pelas teias da internet, nesta (dita) era da informação em que nos informamos por plataformas regidas por algoritmos que nos dão aquilo que queremos ouvir/ver/ler nestes tempos ultranarcísicos, então notícias não apenas falsas, mas que espelham esse ultranarcisismo parecem ficções mais verdadeiras do que histórias reais – sobretudo quando viralizam nas redes sociais. (EL-JAICK, 2020, p. 294)

Essa ideia impõe consequências diretas ao processo, não somente de apreensão de realidade, como também de socialização em si, dado que, as pessoas passam a viver em uma bolha particular que financia o lucro de grandes corporações que vivem de forma parasitária da crença dos indivíduos em suas ficções personalizadas.

Uma vez debatidos os principais aspectos que norteiam a compreensão acerca do fenômeno da pós-verdade em si, a investigação traça um rumo em direção à própria concepção de verdade, e a forma como é entendida dentro da presente análise. Essa investigação privilegia os escritos de Hannah Arendt, com ênfase para seu ensaio: *Verdade e Política* (1967), que, apesar de datado, apresenta conceitos e debates essenciais para a compreensão da falsificação da realidade em prol de interesses políticos.

De acordo com a autora (1967, p. 2-3), a mentira sempre ocupou um papel legítimo dentro do campo político e mesmo social, a premissa válida o engano e a distorção em prol do jogo político e da própria estrutura da sociedade. Nesse aspecto é interessante denotar o abismo existente entre a verdade racional e a verdade factual, tal abismo é constituído essencialmente pelo fato de a factualidade estar atrelada, não

somente à realidade como também a percepção dessa realidade por parte dos indivíduos, isso denota seu caráter mais frágil do que os consensos científicos criados por especialistas dentro dos laboratórios e das universidades. Nas palavras da autora:

E se pensamos agora em verdades de facto – e verdades tão modestas como o papel, durante a revolução russa, de um homem de nome Trotsky que não surge em nenhum dos livros da história da revolução soviética vemos imediatamente como elas são mais vulneráveis que todas as espécies de verdades racionais tomados no seu conjunto. Além disso, como os factos e os acontecimentos - que são sempre engendrados pelos homens vivendo e agindo e conjunto - constituem a própria textura do domínio político, é, naturalmente, a verdade de facto que nos interessa mais aqui. (ARENDR, 1967, p. 5-6)

O interesse geral é sempre maior no entorno da realidade e sua formação, controlar a narrativa que molda o presente é a maior dádiva que pode ser dada ao agente político, com esse controle eventos paradigmáticos perdem suas cores e dão lugar, muitas vezes à outros eventos, relegados como figurantes e coadjuvantes pela factualidade mas que, interessam mais ao campo político do que os reais protagonistas.

A verdade racional diz respeito ao estudo e ao desenvolvimento humano dentro do campo da ciência, enquanto a verdade factual diz respeito à concatenação de acontecimentos que formam a realidade humana. De acordo com a autora (ARENDR, 1967, p. 6), ao contrário da verdade racional, que serve como alicerce ao desenvolvimento humano, a verdade factual sofre com os desmandos da subjetividade individual de cada um e pode, conseqüentemente, sofrer dissimulações que aumentam em grau e intensidade tanto quanto maior seja o poder do indivíduo que intenta transformá-la. De acordo com a autora:

Os factos e os acontecimentos são coisas infinitamente mais frágeis que os axiomas, as descobertas e as teorias - mesmo as mais loucamente especulativas - produzidas pelo espírito humano; ocorrem no campo perpetuamente modificável dos assuntos humanos, no seu fluxo em que nada é mais permanente que a permanência, relativa, como se sabe, da estrutura do espírito humano. Uma vez perdidos, nenhum esforço racional poderá fazê-los voltar. Talvez as possibilidades de que as matemáticas euclidianas ou a teoria da relatividade de Einstein - já para não falar da filosofia de Platão - fossem reproduzidas com o tempo se os seus autores tivessem sido impedidos de as transmitir à posteridade, também não fossem muito boas. Mas mesmo assim são infinitamente melhores que as possibilidades de um facto de importância esquecido ou, mais verossimilmente, apagado, ser um dia redescoberto. (ARENDR, 1967, p. 6)

De acordo com a autora (ARENDR, 1967, p. 6), é muito interessante pensar que, ao longo da trajetória da História das Ciências, e da intelectualidade como um todo, sempre o maior inimigo da razão e da inteligência foi o erro, dos antigos gregos aos

filósofos do iluminismo, o erro e a ignorância sempre pareceram incomodar mais do que a mentira e a enganação, de toda forma, aparentemente, a mentira nunca pareceu ocupar um papel de grande ameaça à verdade ou a factualidade, o que demonstra a maneira como o desenvolvimento da mentira alçou novos voos e alcançou novos patamares com o desenvolvimento da sociedade e da tecnologia, e isso, mesmo considerando-se que a autora produziu tais conclusões quarenta anos antes da explosão das mídias sociais e da democratização do ambiente online, conforme suas concepções:

Ainda que as verdades politicamente mais importantes sejam verdades de facto, o conflito entre a verdade e a política foi descoberto e articulado pela primeira vez relativamente à verdade racional. O contrário de uma afirmação racionalmente verdadeira é, ou o erro e a ignorância, nas ciências, ou a ilusão e a opinião, em filosofia. A falsidade deliberada, a vulgar mentira, desempenha apenas o seu papel no domínio dos enunciados de facto, e parece significativo, ou melhor, bizarro que no longo debate que incide sobre o antagonismo da verdade e da política, de Platão a Hobbes, aparentemente ninguém tenha acreditado que a mentira organizada, tal como hoje a conhecemos, pudesse ser uma arma apropriada contra a verdade. Em Platão aquele que diz a verdade põe a sua vida em perigo, e em Hobbes onde ele se tornou autor, é ameaçado de ver os seus livros lançados à fogueira; a mentira pura e simples não é um problema. O sofista e o ignorante ocupam mais o pensamento de Platão que o mentiroso, e quando ele distingue entre o erro e a mentira - quer dizer, entre o « involuntário e voluntário » - é, de modo significativo, mais duro em relação àqueles que « chafurdam na ignorância de porcos », que em relação aos mentirosos (1). (ARENDDT, 1967, p. 6)

É interessante pensar a maneira como a autora propõe que o paradigma vigente desde a filosofia grega não tomava em conta a mentira como um fator relevante para o desenvolvimento humano, sua assertiva orbita a noção de que a maioria dos pensadores via na ignorância um agente muito mais destruidor do que a falsificação da realidade de maneira intencional.

Esse paradigma da irrelevância do engodo e da distorção somente começa a sofrer uma alteração, de acordo com Arendt (1967, p. 7), com o surgimento da moral puritana, que estabelece a verdade e a sinceridade como valores irreduzíveis e associa à mentira com a pura falta de caráter. Entretanto, anteriormente a isso, a dicotomia verdade e política já podia ser percebida nos gregos antigos que contrapunham a vida do filósofo que buscava uma conduta estoica em relação à factualidade e a verdade, com a vida do cidadão comum, norteadada pela opinião e que possuía uma flexibilidade muito maior em relação à interpretação dos fatos e da realidade em si.

A dicotomia aqui apresentada representa a ideia de que o real embate do campo social se impõe entre a verdade racional exposta por cientistas, e que serve para parâmetro

durável à interpretação da realidade, e o ponto de vista dos sujeitos ordinários que, têm como característica principal sua constante mutabilidade. Portanto, contrapõe-se assim a verdade à opinião, sendo esta última a manifestação da verdade perene constatada pelos indivíduos comuns.

A derivação direta desse processo é a apropriação desse embate pelos agentes políticos, dessa forma, a opinião embasada, defendida pelos cientistas, e também a própria interpretação da realidade seguindo critérios fiéis à factualidade é comparada à mera opinião por esses agentes, que visam, por meio desse processo, equivaler interpretações tendenciosas dos fatos com as mais criteriosas. Nesse aspecto pode-se notar uma gênese do que posteriormente viria a ser a pós-verdade do século XXI, alimentada pela ideia geral de que todas as opiniões acerca dos fatos são igualmente válidas. Para ressaltar esse aspecto a autora cita o exemplo de como funcionavam as normas sociais aceitáveis na Alemanha Nazista:

Mesmo na Alemanha hitleriana e na Rússia estalinista, era mais perigoso falar de campos de concentração e de extermínio, cuja existência não era um segredo, do que exprimir pontos de vista «heréticos» sobre o antisemitismo, o racismo e o comunismo.) O que parece ainda mais perturbante é que as verdades de facto incômodas são toleradas nos países livres, mas ao preço de serem muitas vezes, consciente ou inconscientemente, transformadas em opiniões - como se factos como o apoio de Hitler pela Alemanha ou o desmoroamento da França diante dos exércitos alemães em 1940, ou a política do Vaticano durante a segunda guerra mundial, não fossem da ordem da história, mas da ordem da opinião. (ARENDR, 1967, p. 10)

A ideia de opinião possuir um caráter valorativo equivalente à da verdade de fato, ressalta o fio condutor da investigação, uma vez que, todo o caráter da pós-verdade é associado não à mentira em sua totalidade, mas à pretensa equivalência entre todas as opiniões possíveis acerca de um fato, ao contrapor uma interpretação dos fatos alicerçada sobre o universo da factualidade com uma opinião inculcada em uma interpretação livre e, geralmente, guiada por um eixo ideológico, o resultado é que a verdade de fato perde seu lastro de confiabilidade em relação ao real por ser sufocada pela torrente criada pelas opiniões. A autora propõe tal concepção da seguinte forma:

E dado que a verdade de facto, ainda que se preste muito menos à discussão do que a verdade filosófica e seja tão manifestamente algo que a todos pertence, parece muitas vezes sofrer um destino similar quando é exposta na praça pública - quer dizer ser contraditada não através de mentiras e de falsificações deliberadas, mas pela opinião - vale talvez a pena reabrir a antiga e aparentemente antiquada questão da relação entre a verdade e a opinião. (ARENDR, 1967, p. 10)

Esse debate nos remete ao mito da caverna de Platão, nesse momento Arendt (1967, p. 10) associa o momento em que o viajante retorna à caverna com informações baseadas na factualidade de seu exterior e vê, sua versão dos fatos se perder ante as opiniões contrárias dos indivíduos do interior, que, motivados pelo medo e pela falta de compreensão da realidade como um todo, ignoram os fatos propostos, ansiando por ter o controle acerca da própria realidade. O essencial a ser compreendido aqui, é a maneira como o grupo do interior consegue rebaixar a visão de mundo do viajante à mera opinião, com poder valorativo equivalente à opinião embasada pela experiência.

A seguir, a problemática apontada pela autora diz respeito ao fato de as opiniões e os fatos ocuparem o mesmo domínio dentro do universo social, apenas figuram em instancias diferentes da interação humana como um todo, de acordo com Arendt:

A verdade de facto, pelo contrário, é sempre relativa a várias pessoas: ela diz respeito a acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados; é estabelecida por testemunhas e repousa em testemunhos; existe apenas na medida em que se fala dela, mesmo que se passe em privado. É política por natureza. Ainda que se deva distingui-los, os factos e as opiniões não se opõem uns aos outros, pertencem ao mesmo domínio. Os factos são a matéria das opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e diferentes paixões, podem diferir largamente e permanecer legítimas enquanto respeitarem a verdade de facto. A liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os factos não estiver garantida e se não forem os próprios factos o objeto do debate. Por outras palavras, a verdade de facto fornece informações ao pensamento político tal como a verdade racional fornece as suas à especulação filosófica. (ARENDR, 1967, p. 11)

Essa problemática enseja uma discussão ainda maior, posto que que não existe uma forma irreduzível de se separar, e mesmo de se provar, as linhas fronteiriças entre o fato e a opinião, torna-se fácil aos construtores das opiniões, combater os fatos com suas visões acerca da realidade, dessa forma a realidade factual pode sempre ser posta à prova, e acaba por buscar o mesmo caráter de legitimação de que a opinião carece. A falta de uma instancia superior que possa separar os fatos das opiniões é o grande propulsor que move a máquina da pós-verdade, de acordo com a autora:

Por outras palavras, a verdade de facto não é mais evidente que a opinião, e essa é talvez uma das razões pelas quais os detentores de opinião consideram relativamente fácil rejeitar a verdade de facto como se fosse uma outra opinião. A evidência factual, além disso, é estabelecida graças ao testemunho de testemunhas oculares - sujeitas a caução como se sabe - e graças a arquivos, documentos e monumentos - de cuja falsidade pode sempre suspeitar-se. Em casos de contestação, só é possível invocar outros testemunhos, mas não uma terceira e mais alta instância e a decisão é em geral o resultado de uma maioria; quer dizer, o que acontece é o mesmo que para a solução dos conflitos de

opinião - processo totalmente insatisfatório, pois nada impede uma maioria de testemunhos de ser uma maioria de falsos testemunhos. Pelo contrário, em certas circunstâncias o sentimento de pertencer a uma maioria pode até favorecer o falso testemunho. Por outras palavras, na medida em que a verdade de facto está exposta à hostilidade dos detentores de opinião, ela é pelo menos tão vulnerável como a verdade filosófica racional. (ARENDR, 1967, p. 15)

O carácter distintivo apontado pela autora, que serve como embasamento à verdade de fato, é exatamente seu oposto, mesmo que a opinião figure como seu equivalente em termos de aceitação e interpretação pelo público geral, o antônimo de verdade de fato na realidade é a mentira ou a distorção intencional da realidade. Essa característica é essencial para a compreensão do paradigma da verdade conforme se aponta na investigação, uma vez que, a desinformação em si é o inimigo mais poderoso enfrentado atualmente pela verdade de fato e que, esse inimigo possui a exata mesma descrição criada pela autora. Entre outros fatores, a semelhança entre as características distintivas dos tipos de enganação e mentira impostos por Arendt é nitidamente próximo dos conceitos criados atualmente por Wardle e Derakhshan acerca das divisões entre desinformação e mesinformação:

A marca distintiva da verdade de facto está em que o seu contrário não é nem o erro nem a ilusão, nem a opinião, nenhuma delas tendo a ver com a boa-fé pessoal, mas a falsidade deliberada ou a mentira. O erro é evidentemente possível, e mesmo corrente, em relação à verdade de facto, e neste caso esse tipo de verdade não é de modo algum diferente da verdade científica ou racional. Mas o importante é que naquilo que diz respeito aos factos existe uma outra possibilidade, e que esta possibilidade, a falsidade deliberada, não pertence à mesma espécie de proposições que, justas ou erradas, pretendem apenas dizer o que é, ou de como qualquer coisa que é me aparece. (ARENDR, 1967, p. 20)

Esse carácter paradigmático da verdade é o alicerce sobre o qual as sociedades humanas foram construídas, e sobre o qual o próprio processo histórico está fundado, foi através da experiência baseada na realidade e na veracidade dos fatos que evoluímos desde a antiguidade, e é exatamente esse paradigma que se encontra em vias de corrosão por uma nova sociedade tecnológica que subverte a realidade em prol de uma versão paralela dos fatos, que visa prender os indivíduos em bolhas e ilusões. Entretanto, Arendt (1967, p. 20) aponta que o conceito de verdade não pode ser compreendido como algo imutável e completamente estabelecido, sua visão é de que a nossa plasticidade com relação a realidade é o que baseia a premissa da liberdade humana, no entanto, essa plasticidade é utilizada pela mentira e pela distorção como álibi de atuação.

Nesse momento, a autora passa para uma análise mais atual da relação entre a mentira e a política. Aqui a ideia é compreender a forma como agentes políticos buscam reescrever a história e a própria realidade para realizar seus interesses, e de que forma isso representa uma mudança no paradigma que norteava a mentira política até então, que se contentava com a omissão de dados e com o sigilo acerca de grandes segredos:

Devemos agora voltar a nossa atenção para o fenómeno relativamente recente da manipulação de massa do facto e da opinião tal como se tornou evidente na reescrita da história, no fabrico de imagens e na política dos governos. A mentira política tradicional, tão manifesta na história da diplomacia e da habilidade política, incidia habitualmente ou sobre segredos autênticos - dados que nunca tinham sido tornados públicos - ou sobre intenções que, de qualquer modo, não possuem o mesmo grau de certeza que os factos concretizados; como tudo o que se passa apenas no interior de nós mesmos, as intenções, são apenas potencialidades, e aquilo que queria ser uma mentira pode sempre revelar-se finalmente verdade. (ARENDR, 1967, p. 21)

Nesse ponto, as assertivas de Arendt realizam um prognóstico eficaz dos tempos tecnológicos, que protagonizariam eventos que estilhaçariam o tecido da realidade. Essa mudança no paradigma da mentira, busca, não mais esconder ou envolver algo com o sigilo político, mas sim romper completamente com a realidade e fabricar uma versão alternativa dos fatos que possa concretizar as visões políticas dos agentes envolvidos:

Inversamente, as mentiras políticas modernas tratam eficazmente as coisas que não são de modo nenhum segredo, mas são conhecidas praticamente de toda a gente. Isso é evidente no caso da reescrita da história contemporânea sob os olhos daqueles que dela foram testemunhas, mas é igualmente verdadeiro para o fabrico de imagens de todo o género, onde, de novo, todo o facto conhecido e estabelecido pode ser negado ou negligenciado se for susceptível de atentar contra essas imagens; porque à diferença do que se passava com um retrato à moda antiga, não se espera que uma imagem torne mais agradável a realidade, mas que dela ofereça um substituto completo. E esse substituto, devido às técnicas modernas e dos mass-media é, certamente, muito mais acessível do que alguma vez o foi o original. (ARENDR, 1967, p. 21-22)

A característica mais nefasta desse processo, e que protagoniza a presente investigação é de que, esse modo de agir é algo inerentemente violento, Arendt (1967, p. 22) afirma que esse tipo de mentira e distorção possui um caráter de negação assíduo que tende a buscar a destruição de tudo aquilo que tenta negar, nesse aspecto tudo que foge à versão alternativa dos fatos propostos por esses agentes políticos precisa, forçosamente, ser destruído, na medida em que constituem as provas materiais dos crimes cometidos contra realidade. Esse fator leva a outra característica que aprofunda ainda mais a crise social vivida nesse universo de mentiras:

E, finalmente, e de modo talvez ainda mais perturbante, se as mentiras políticas modernas são tão grandes que requerem um completo rearranjo de toda a textura factual - o fabrico de uma outra realidade, por assim dizer na qual se encaixam sem costuras, fendas nem fissuras, exatamente como os factos encaixavam no seu contexto original - o que é que impede estas histórias, imagens e não factos novos de se tornarem um substituto adequado da realidade e da factualidade? (ARENDR, 1967, p. 23)

Em consequência dessa justaposição de várias interpretações da realidade, o resultado mais imediato é a produção de um sentimento de descrença generalizado na população, como existem várias verdades à venda no mercado político e o cânone da realidade objetiva perdeu seu brilho, a resposta imediata do público é a negação total da realidade, nada mais que é informado ou visto pode ser crível, dado que a premissa que norteava a factualidade era exatamente sua unicidade, nas palavras da autora:

Observou-se com frequência que o resultado a longo prazo mais seguro da lavagem do cérebro é um género particular de cinismo - uma recusa absoluta de acreditar na verdade de qualquer coisa, por mais bem estabelecida que possa estar essa verdade. Por outras palavras, o resultado de uma substituição coerente e total de mentiras à verdade de fato não é as mentiras passarem a ser aceites como verdade, nem que a verdade seja difamada como mentira, mas que o sentido através do qual nos orientamos no mundo real - e a categoria da verdade relativamente à falsidade conta-se entre os recursos mentais para prosseguir esse objetivo - fique destruído. (ARENDR, 1967, p. 25)

Ao direcionar suas argumentações acerca da verdade, Arendt segue rumo à conclusão comentando que: (ARENDR, 1967, p. 25-26) esse cenário é realmente desolador, posto que, a própria configuração da realidade e o universo dos acontecimentos humanos ocorre de uma forma particular, mas poderia ocorrer de outra, isso cria possibilidades infinitas para a mentira e “essa ausência de limites vai no sentido da autodestruição”.

Como nota de encerramento, a autora prevê alguns prognósticos favoráveis aos adeptos da realidade factual. Em primeiro lugar porque o ato de distorcer a realidade em si é um ato paralelo que deixa vestígios e sinais que podem ser percebidos por profissionais como os historiadores, de acordo com Arendt (1967, p. 22) o ato de realizar um “buraco no tecido dos fatos” deixa uma marca evidente no processo histórico, portanto, enquanto a maior parte da realidade for mantida intacta, sua tessitura evidencia as falsificações. Por fim a autora afirma que:

E o sinal mais seguro da factualidade dos factos e dos acontecimentos é precisamente esse obstinado estar lá, cuja contingência intrínseca desafia, afinal de contas, todas a tentativas de explicação definitiva. As imagens, pelo

contrário, podem sempre ser explicadas e tornadas plausíveis - o que lhe dá a sua momentânea vantagem sobre a verdade de facto - mas não podem nunca rivalizar em estabilidade com o que é, simplesmente porque acontece que é assim e não de outro modo. E essa a razão por que a mentira coerente, metaforicamente falando, desmorona o solo sob os nossos pés sem fornecer outro sobre o qual seja possível apoiarmo-nos. (Nas palavras de Montaigne: «Se, como acontece com a verdade, a mentira tivesse apenas um rosto, estaríamos em melhor situação. Porque tomaríamos por certo o oposto daquilo que dissesse o mentiroso. Mas o reverso da verdade tem cem mil figuras e um campo indefinido. ») (ARENDETT, 1967, p. 26)

Como forma de finalizar o tópico acerca da pós-verdade e do paradigma anticientífico, recorre-se novamente à Jean Carlos Hochsprung Miguel e seu ensaio acerca da produção intencional de ignorância. Segundo o pesquisador, a era da pós-verdade abriu caminho para um novo tipo de conteúdo, se antes a ignorância escancarada era utilizada apenas nos meios literários e satíricos, agora existe uma toda uma indústria voltada para essa produção:

Dado o exposto, uma das formas de discutir o diagnóstico de uma condição civilizacional da pós-verdade é pensar tal condição como um processo de evolução de sistemas de produção da ignorância, isto é, como objeto de estudo da “Agnotologia”, termo proposto por Robert Proctor e Londa Schiebinger (2008) para designar uma área de estudo da produção cultural da ignorância. A ignorância, para esses estudos, não é simplesmente um “espaço vazio” na mente das pessoas que poderia ser preenchido com informações a respeito de algum assunto. Estes estudos revelaram que a ignorância possui contornos e coerência construídos por processos culturais, tecnicamente mediados, revelando certas regras pelas quais opera. Explorar como a ignorância é produzida ou mantida em diversos cenários requer investigar como ocorre a negligência deliberada, ou inadvertida, de determinados tipos de conhecimento; o sigilo e a supressão da informação; a destruição de documentos e dados; e inúmeras formas de seletividade cultural. (MIGUEL, 2021, p. 9)

Tais assertivas são asseveradas pelos fatos recentes que comprovam que, conforme aponta o autor (2021, p. 10), o crescimento de movimentos conspiracionistas e negacionistas, não somente já foram desmascarados por inúmeros veículos de mídia no mundo todo, como também os próprios agentes políticos por trás desses movimentos assumem sua autoria e reafirmam sua vontade latente de transformar a realidade.

No mesmo universo que gerou a pós-verdade como conhecemos hoje, a pretensa ideia de que cada indivíduo pode moldar a realidade a seu bel-prazer acabou acarretando a necessidade evidente em uma “indústria de ficções” que, em um primeiro olhar serve a esses indivíduos, mas que, em verdade, cumpre interesses políticos e mercadológicos

escusos, e que está cada vez mais comprometendo a realidade e a factualidade como conhecíamos.

3.3 A desinformação na atualidade.

Após as considerações acerca da pós-verdade e da produção intencional de ignorância, norteadas pelo paradigma anticientífico, é preciso adentrar a temática específica da desinformação. Nesse tópico, a ideia essencial é analisar o fenômeno da desinformação, desde as condições para seu surgimento como conhecemos hoje, passando pelos fatores necessários à sua existência para, por fim, realizar uma análise acerca do uso político da desinformação, temática intrínseca ao desenvolvimento da investigação.

Como forma de manter o encadeamento dos conceitos centrais, é necessário retomar de maneira breve a questão da factualidade e da realidade objetiva em si, uma vez que, é exatamente esse conceito o mais ameaçado pela desinformação, de acordo com Barros:

No entanto, nem sempre a veracidade da informação é confirmada por esses usuários antes de compartilhá-las. E, como discutiremos em maior profundidade adiante, tradicionalmente a notícia, por maiores que sejam as distorções ou o viés ideológico que possa vir a sofrer, sempre esteve, pelo menos no senso comum, vinculada à divulgação de fatos e informações considerados relevantes, e em conformidade com o que é visto como “realidade” ou com o que de fato acontece/aconteceu. Em quase todas as definições de “notícia”, há menção a informações sobre “fatos, dados ou acontecimentos”, ou seja, conceitos que se referem a eventos pertencentes à esfera do que é percebido como o “real” (um exemplo: “notícia: a matéria-prima do jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa mídia”⁴). Em outras palavras, atrelado ao conceito de notícia, parece haver um pressuposto de que o fato divulgado é verdadeiro. (BARROS, 2018, p.13)

Conforme já citado no início do capítulo, a premissa de que a realidade pudesse ser distorcida em prol de narrativas políticas e ideológicas não constitui uma novidade, entretanto, a maneira como a desinformação está sendo utilizada atualmente diz respeito ao desenvolvimento tecnológico que permitiu o uso de estratégias para causar uma desordem informacional que, antes eram uma exclusividade do meio militar, a

pesquisadora Caroline Jack em sua obra: “Lexicon of Lies” (2017) aborda essa problemática:

Normalmente, a fonte de uma campanha de publicidade, seja ela voltada para o público, ou para fins diplomáticos é evidente. Mas algumas campanhas de persuasão não possuem fontes evidentes. Operações Informativas é um termo que originalmente se utilizava no meio militar para se referir às estratégias de uso de tecnologia, operacionalidade e recursos psicológicos para atingir as capacidades informativas dos inimigos e proteger as forças aliadas de ataques. Os serviços de redes sociais, mais notavelmente o Facebook, adotaram esse termo para se referir às tentativas de manobrar a opinião pública usando contas ou informações falsas realizadas por agentes anônimos. (JACK, 2017, p. 6, tradução minha)

Entretanto, antes de iniciar uma análise acerca das temáticas que envolvem a desinformação como forma de atuação política e manipulação da opinião pública, é necessário delimitar de maneira clara as percepções gerais acerca da abordagem conceitual desse fenômeno. Como proposta inicial, a assertiva que orbita a noção de desinformação proposta é contrária a uma vertente específica dentro do campo científico, que busca legitimar a desinformação como uma mera falsificação do gênero jornalístico, de acordo com essa proposta, que pode ser encontrada no artigo: “Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter” de Raquel Recuero e Anatoliy Gruzd (2019, p. 32) as “Fake News” ou desinformações seriam uma subversão do gênero jornalístico, que se utilizam de características estruturais, composicionais e de estilo desse gênero para influenciar a opinião pública. Nas palavras dos autores:

Parece-nos, assim, que esses três elementos seriam essenciais para a definição de uma fake news: (1) o componente de uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; (2) o componente da falsidade total ou parcial da narrativa e; (3) a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções através da propagação dessas informações na mídia social. (RECUERO; GRUZD, 2019 p. 33)

A proposta dos autores, apesar de ressoar muito do que a presente investigação busca analisar, ainda assim cria parâmetros limítrofes para o que se entende por desinformação, na medida em que, imagens, memes, áudios e vídeos são apenas mais algumas das categorias consideradas dentro do espectro desse fenômeno, e que, a simples associação entre o gênero jornalístico e a desinformação pode causar uma simplificação do escopo de análise em um nível que impossibilite o avanço do campo científico como um todo na abordagem desse fenômeno.

Uma vez estabelecido o horizonte de perspectiva acerca do conceito de desinformação na investigação, é preciso ressaltar o contexto histórico específico que permitiu o salto evolutivo desse fenômeno, dos parâmetros vistos no início do capítulo, com as formas de manipulação rudimentares, para a grande indústria de falsificação presente na atualidade. Em um relatório da Obercom, escrito por Gustavo Cardoso et al., a perspectiva apresentada é de que a internet é o ingrediente que faltava à mudança paradigmática na criação, produção e disseminação de desinformação:

Com a Internet, foram criadas as condições tecnológicas para o surgimento de uma sociedade em rede e, por sua vez, de uma prática de comunicação em rede, a qual proporcionou um espaço de expressão livre onde praticamente qualquer informação pode ser produzida, transmitida e recebida; (CARDOSO, 2018, et al, p.6)

Essa pretensa democratização, não somente do acesso à informação, mas também de sua produção, acabou por levar à várias consequências, entre as mais graves podemos citar a gradual corrosão da crença da população em verdades, sejam elas científicas ou não, que antes estavam estabelecidas, e agora são postas à prova por essa nova forma de consumo de informações. De acordo com Cardoso et al. (2018, p. 6) o maior problema é a forma como, tanto os mecanismos de busca, quanto as redes sociais funcionam, uma vez que, a própria estrutura do ambiente online acabou criando uma “perspectiva não dialógica” que reforça ideias e opiniões que somente vão de encontro às crenças pré-existentes dos indivíduos. Isso somado ao que os autores chamam (CARDOSO et al, 2018, p. 6-7) de práticas “pseudojornalísticas” que são alicerçadas em distorções da realidade, e que acabam por auxiliar no processo de deslegitimação do jornalismo factual.

Essa discussão acaba por desencadear a necessidade de se abordar o funcionamento dos mecanismos de busca, com especial ênfase para o Google e também o funcionamento das redes sociais, com especial ênfase para o Facebook, e seu papel na disseminação da desinformação. Nesse ponto a análise ampara-se na obra de Eli Pariser: *O Filtro Invisível* (2012), nessa obra o autor busca ilustrar alguns dos principais problemas relacionados ao consumo de informações online. De acordo com Pariser (2012, p.6) a mudança mais paradigmática ocorrida no Google aconteceu em 2009, dado que o PageRank, o famoso algoritmo do Google que servia como mecanismo de hierarquização das páginas na internet, deixou de ser o único filtro que servia como crivo para avaliação das páginas disponíveis, desse momento em diante a internet passou a ser

personalizada para cada usuário, um Google personalizado para atender aos desejos específicos de cada usuário em particular.

O fato de a pesquisa do Google ter deixado de existir como uma constante única e imutável no mundo todo não parece significar uma grande perda ante um primeiro olhar, tal personalização pode transmitir a ideia de um grande salto tecnológico onde os indivíduos e a internet iriam se entender e dialogar melhor, entretanto diversos problemas surgiram a partir dessa mudança, entre os principais, podemos destacar o fato de que o Google sempre fora visto como um mecanismo imparcial para pesquisa e consumo de informação, no artigo de Mulligan e Griffin os autores apontam para os problemas relacionados com o monopólio de poder do Google e a visão que as pessoas possuem acerca do mecanismo de busca:

Mecanismos de busca não mais delineiam o entendimento do público e o acesso aos conteúdos da internet, atualmente eles moldam o entendimento que os indivíduos têm do mundo. Os resultados dos mecanismos de buscas são produzidos em segredo, grandes corporações escolhem os “scripts” de busca de algoritmos que possuem o poder de influenciar sociedades inteiras em seu entendimento do passado e do presente. (MULLIGAN; GRIFFIN, 2018, p. 557)

Esses resultados carregam consigo uma responsabilidade enorme, o ato de moldar a realidade não possui implicações somente no presente, como também no passado e no futuro, a frase paradigmática escrita por George Orwell em sua obra *1984* (1948) define muito bem esse dilema: “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.” (ORWELL, 2009). Ao assumir a responsabilidade de criar uma tecnologia como a do Google, também é necessário assumir o compromisso de não permitir que essa plataforma se torne um trampolim para tiranos que buscam distorcer os fatos e criar uma realidade alternativa. Essa ideia é reforçada pelo artigo de Introna e Nissembaum onde buscam legitimar a ideia de que, essa é uma discussão que ultrapassa o escopo tecnológico e privado, essa discussão deveria ser uma constante no campo político pois, de acordo com os autores (2000, p. 171) o que as pessoas encontram na internet pode ser equiparável ao que as pessoas compreendem como real, e a sociedade como um todo precisa entrar em um consenso acerca do que a internet mostra como real.

Os autores ainda ampliam essa discussão, rebatendo muito do que os entusiastas do mercado definem como a “auto regulação”, reforçando a ideia de que a internet não pode ser deixada à mercê da lógica mercadológica sob o risco de tornar-se, na melhor das

hipóteses, uma gigantesca máquina de promover desigualdades, tais como os estados nacionais ocidentais. Nas palavras dos autores:

Uma virtude frequentemente reivindicada pelos defensores da lógica do mercado é que os participantes são livres para expressar suas preferências por meio de escolhas que realizam em meio às alternativas disponíveis. Por meio dessas escolhas, os fornecedores incompetentes são eliminados em prol dos competentes. Como muitos críticos já apontaram, entretanto, essa lógica só se mostra verdadeira para mercados em que os fornecedores de produtos e mercadorias possuem oportunidades iguais em adentrar o mercado e se comunicar com clientes em potencial, e também naqueles em que a demanda de produtos e serviços é completamente informada e operada de forma racional. Um mercado ideal como esse simplesmente não existe, especialmente no caso dos mecanismos de busca. (INTRONA, NISSENBAUM, 2000, p. 176)

Os autores adentram aqui, em uma das principais discussões a serem debatidas na atualidade, o fato de que a internet, os mecanismos de busca e as redes sociais não podem ser gerenciados somente conforme o paradigma econômico. Sua assertiva considera a ideia de que (2000, p. 176) levar em consideração somente a demanda como fiel da balança para o equilíbrio da internet desconsidera o fato de que a grande maioria dos usuários não possui a formação crítica nem a literacia digital para realizar o processo de discernimento entre uma informação de qualidade de uma falsidade ou distorção. Também é preciso considerar que, somente uma pequena fração da população compreende, ainda que minimamente o processo que rege os mecanismos de busca, e que, a grande maioria dos indivíduos somente busca informações online sem nem mesmo considerar o aspecto geral que estrutura todo esse mecanismo.

Nesse ponto é preciso retomar os escritos de Eli Pariser e as consequências da crescente “personalização” da internet. Na medida em que, como os mecanismos de busca estão cada vez mais particulares, o tecido social sofre uma transformação, uma vez que a noção de realidade como um consenso entre os indivíduos começa a perder seu caráter valorativo em prol de uma nova realidade individual que reflete os anseios e os desejos de cada um individualmente:

Agora que o Google está personalizado para todos, a pesquisa “células tronco” pode gerar resultados diametralmente opostos para cientistas favoráveis à pesquisa com células-tronco e para ativistas opostos a ela. “Provas da mudança climática” pode gerar resultados diferentes para um ambientalista e para um executivo de companhia petrolífera. Segundo pesquisas, a ampla maioria das pessoas imagina que os mecanismos de busca sejam imparciais. Mas essa percepção talvez se deva ao fato de que esses mecanismos são cada vez mais parciais, adequando-se à visão de mundo de cada um. Cada vez mais, o monitor do nosso computador é uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos. (PARISER, 2012, p. 6)

A ideia de que as pessoas percebem os mecanismos de busca como imparciais ser, na realidade, uma controvérsia exposta por um fator diametralmente oposto, revela muito do impacto que esse processo de singularização da realidade pode ter atualmente. De acordo com Pariser (2012, p. 13), essa personalização acaba por oferecer aos usuários não somente uma realidade feita sob medida para cada um, mas também uma bolha que nos insufla com todos nossos desejos e paixões, as controvérsias e os embates do mundo real são substituídos por esse círculo confortável, que literalmente trava as engrenagens do processo dialético que regia o funcionamento do processo histórico e submerge os indivíduos em um oceano de teses, sem mais antíteses e sem mais sínteses.

O grande problema envolvido nesse processo é de que, eram as sínteses que faziam a humanidade progredir, não necessariamente os embates, mas o confronto com opiniões e visões de mundo diferentes, que possibilitavam as mudanças e o próprio progresso, essa imersão nesse conforto absoluto cria o ambiente ideal para uma apatia desinteressada pela realidade. Como disse a socióloga Danah Boyd num discurso na Expo Web 2.0 de 2009:

Nossos corpos estão programados para consumir gorduras e açúcares porque estes são raros na natureza. ... Da mesma forma, somos programados biologicamente para estar atentos às coisas que nos estimulam: qualquer conteúdo grosseiro, violento ou sexual, e fofocas humilhantes, vergonhosas ou ofensivas. Se não tivermos cuidado, vamos acabar contraindo o equivalente psicológico da obesidade. Vamos acabar consumindo um conteúdo nada benéfico para nós mesmos e para a sociedade como um todo. (PARISER Apud BOYD, 2009, s/p)

A ideia de que possamos contrair o “equivalente psicológico da obesidade” podia ser uma perspectiva distópica em 2009, no momento da fala. Entretanto, com as inovações nas redes sociais, cada vez mais vemos que o tempo da interação é reduzido, vídeos de 5 minutos são substituídos por cinco vídeos de 1 minutos, a própria lógica dos aplicativos preza pela manutenção do engajamento por meio da repetição de vários conteúdos curtos. Isso é um resultado direto do que Pariser (2012, p. 15), comenta como a atuação desses filtros de personalização que, acabam nos “doutrinando com as nossas próprias ideias” e que garantem que nunca sairemos do terreno da nossa zona de conforto, nada que extrapole o ser rentável que pode ser bombardeado por anúncios sob medida e caracterizado com exatidão por um conjunto de dados.

Uma vez elucidados os parâmetros que regem a estrutura do ambiente de criação da desinformação, é preciso problematizar a questão do uso da desinformação como arma política por agentes mal-intencionados motivados por questões ideológicas. O principal teórico que serve como amparo nesse ponto da investigação é Giuliano da Empoli, com sua obra: *Engenheiros do Caos* (2019). Nele o autor cria a trajetória histórica do fenômeno da desinformação e seu uso político como conhecemos hoje.

De acordo com o autor, a propaganda política como conhecemos hoje está sendo orquestrada por agentes que intitula “engenheiros do caos”, que são especialistas em campanhas online, marqueteiros, analistas de dados e profissionais do ramo da tecnologia, que norteiam a produção da propaganda política a partir de análises profundas acerca do comportamento online dos indivíduos, considerando o engajamento gerado por publicações e interações, e também as respostas positivas ou negativas colhidas nas redes sociais e em outros ambientes online. Nesse aspecto o autor aponta que surge uma nova forma de populismo focado na propaganda criada de maneira individualizada, focando grupos específicos de pessoas, buscando se aproveitar de todas as falhas apontadas anteriormente no que concerne aos mecanismos de busca e às redes sociais para moldar os candidatos de forma a se encaixar perfeitamente na visão de mundo dos indivíduos. Nas palavras do autor:

Juntos, esses engenheiros do caos estão em vias de reinventar uma propaganda adaptada à era dos selfies e das redes sociais, e, como consequência, transformar a própria natureza do jogo democrático. Sua ação é a tradução política do Facebook e do Google. É naturalmente populista, pois, como as redes sociais, não suporta nenhum tipo de intermediação e situa todo mundo no mesmo plano, com um só parâmetro de avaliação: os likes, ou curtidas. É uma ação indiferente aos conteúdos porque, como as redes sociais, só tem um objetivo: aquilo que os pequenos gênios do Vale do Silício chamam de “engajamento” e que, em política, significa adesão imediata. (EMPOLI, 2019, p. 13)

Os perigos apontados aqui levam em consideração a problemática consideração de que o jogo democrático e político está em vias de perder sua conexão com o conteúdo em si, não mais importam as propostas ou a trajetória política, agora o engajamento é a nova divindade que põe em grilhões os dois lados desse jogo, se os políticos estão acorrentados pelas ideias que precisam defender para manter sua base unida, também os eleitores precisam cada vez mais se adequar as narrativas que mantem esse grupo coeso. Essa coesão ocorre, de acordo com o autor (2019, p. 13), devido à forma como esses engenheiros do caos coordenam suas campanhas e programam seus algoritmos, pois se a

lógica das redes sociais e dos mecanismos de busca é a da manutenção do engajamento dos usuários para mantê-los fixos às suas telas pelo maior tempo possível, os algoritmos dos engenheiros do caos buscam radicalizar as posições dos usuários obrigando-os a sustentar quaisquer paradigmas conceituais e ideológicos propostos “não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica” desde que esses paradigmas deem conta de representar com fidelidade as aspirações e os medos do grupo.

O grande problema de se fazer política baseado na simples interpretação de dados e da ideia de se criar uma realidade paralela que, pretensamente, atende aos anseios de diversos grupos de eleitores, é que todo o universo que guiava a política até então é destruído, não se pode mais fazer da arena política um consenso entre a maioria, essa arena torna-se então um agrupamento de vários grupos opostos entre si, a realidade política que norteava a realidade como um consenso geral dá lugar aos fatos alternativos que legitimam pequenos grupos radicalizados. Essa nova política, portanto, desloca-se do centro para os extremos, agora os grandes líderes populistas precisam manter uma pequena base de apoio extremista e disposta a tudo para defendê-los para que sua ideia distorcida de democracia funcione.

Entretanto, para que esse mecanismo possa funcionar, o autor aponta que (2019, p. 14) o essencial é que se legitime de forma definitiva uma visão maniqueísta da realidade, as inúmeras particularidades que antes compunham um determinado grupo político dão lugar a dicotomias como esquerda x direita, bem x mal, progresso x atraso. Essas dicotomias são essenciais para o funcionamento desse tipo de governo, uma vez que, pelo fato de agruparem vários aglomerados de pessoas radicalizadas e, muitas vezes, opostas entre si, é necessário que se crie um inimigo maior, grande a ponto de forçar uma aliança improvável entre judeus e nazistas, misóginos e mulheres e negros e racistas para criar a ideia de um grupo coeso e que luta por um ideal comum.

Obviamente que a propaganda dos engenheiros do caos é alimentada por emoções negativas, já que esse tipo de emoção é o que garante o maior engajamento possível, portanto tais campanhas incluem difamações de oponentes e distorções da realidade que causem um choque, sempre a ideia de que os inimigos políticos estão constantemente rompendo com os pressupostos do que é aceitável e moral é o combustível que move essa máquina populista. É nessa esteira que surge a necessidade de se alterar os fatos e a realidade em prol dos ideais políticos:

Por trás do aparente absurdo das fake news e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. “Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade”, escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug. (EMPOLI, 2019, p. 15)

Essa ideia é um dos pressupostos que norteiam a investigação, posto que consegue avançar o debate acerca da desinformação e demonstra que, longe desse fenômeno figurar como uma ampla questão ontológica que contraria os alicerces da razão humana, em realidade, a desinformação é uma ferramenta política de coesão, se antes os líderes populistas possuíam uma bandeira, um hino e um uniforme, agora eles possuem fatos que os diferenciam da maioria da população, essa lealdade em abdicar da própria percepção individual da realidade e da verdade factual em prol de um ideal comum é a argamassa que mantém os grupos de base desse líderes unidos e radicalizados. Nas palavras do autor:

Assim, o líder de um movimento que agregue as fake news à construção de sua própria visão de mundo se destaca da manada dos comuns. Não é um burocrata pragmático e fatalista como os outros, mas um homem de ação, que constrói sua própria realidade para responder aos anseios de seus discípulos. Na Europa, como no resto do mundo, as mentiras têm a dianteira, pois são inseridas numa narrativa política que capta os temores e as aspirações de uma massa crescente do eleitorado, enquanto os fatos dos que as combatem inserem-se em um discurso que não é mais tido como crível. Na prática, para os adeptos dos populistas, a verdade dos fatos, tomados um a um, não conta. O que é verdadeiro é a mensagem no seu conjunto, que corresponde a seus sentimentos e suas sensações. (EMPOLI, 2019, p. 15)

Nesse universo, em que a fabricação da realidade é a nova constante, não se pode mais considerar que parte da população enlouqueceu ou é psicologicamente incapaz de apreender a realidade coletiva como um todo, antes de mais nada é preciso compreender que, de acordo com o autor (2019, p.15) esse fenômeno é o resultado direto da união entre a insatisfação popular, principalmente das camadas mais baixas que foram relegadas ao ostracismo por anos em prol de pautas mais populares, com o desenvolvimento tecnológico que transformou a internet na maior estrutura de disseminação política da história.

Outra mudança paradigmática que merece ser denotada é a transformação dentro da hierarquia política, que substituiu a figura do político como força centrípeta que reunia toda a equipe e o eleitorado no seu entorno, agora são técnicos que, com base na análise

de dados e algoritmos decidem qual político melhor se enquadra nos anseios da população e que pode gerar o melhor retorno.

Também é essa a lógica que rege a disseminação de informação pelos populistas, de acordo com o autor (2019, p. 33-34) são as notícias com o maior engajamento que ganham continuidade e desdobramentos. O interesse do público cria uma ilusão que beira ao delírio de uma “democracia direta” onde o público consegue selecionar as informações que causam mais comoção e promove-las de forma a destacar sua importância no debate político. O único problema é que a grande maioria dessas informações possui pouco ou nenhum lastro com a realidade, e que, como são fabricadas sob medida para um grupo radicalizado, somente fazem sentido para esses indivíduos.

Outro grande problema relacionado à essa democratização da seleção de informações é que, de acordo com Empoli (2019, p. 39) ela ocorre de uma forma completamente arbitrária, diferente dos algoritmos dos mecanismos de busca que tentam otimizar a maneira de selecionar as informações para oferecer o melhor serviço possível, o algoritmo dos engenheiros do caos é uma emulação do sentimento de manada em que os maiores consensos são seguidos e abordados, independentemente de seu conteúdo, o único real objetivo é se aproveitar da popularidade de alguns temas para fortalecer a presença de seus representantes online. Toda essa arbitrariedade com relação aos fatos e a realidade em si é a maior força propulsora que conseguiu derreter governos e ameaçar democracias, de acordo com o autor isso ocorre porque:

O problema é que hoje, nas redes sociais, somos todos adolescentes fechados em nossos pequenos quartos, onde aumenta a frustração por causa do crescente abismo entre a mediocridade de nossa vida e todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores e telas de celular. E, exatamente como um adolescente, explicam os psicólogos, temos fortes probabilidades de terminar em dois tipos de sites de internet que alimentam ainda mais nossa frustração: os sites pornográficos e os sites conspiratórios, que exercem um poder de fascinação intenso porque oferecem, enfim, uma explicação plausível para as dificuldades nas quais nos encontramos. É culpa dos outros! nos dizem eles, pois os outros nada fazem senão nos manipular para realizar seus objetivos demoníacos. Nós mostraremos a você a verdade, continuam, e assim você poderá se unir aos outros que, como você, finalmente abriram os olhos! (EMPOLI, 2019, p. 45-46)

É sintomático de nosso momento histórico, portanto, que os indivíduos busquem criar uma ordem racional que possa explicar os abismos criados pela desigualdade e as arbitrariedades cometidas pelos sistemas democráticos, na esteira das mudanças progressistas que o mundo presenciou nos últimos anos se esconde uma massa gigantesca

de pessoas invisibilizadas e que se sentem lesadas por esse processo. Pouco importa às pessoas brancas e pobres que a população negra agora esteja sendo gradualmente inserida na sociedade com dignidade, para eles a única verdade é que o passado parecia melhor, tal processo ocorre com todos os movimentos que visavam aprimorar a vida das minorias e acabam alimentando uma sensação de abandono por parte dos governos e da sociedade como um todo, e é exatamente essa sensação que, segundo Empoli (2019, p. 50) foi transformada em ódio e canalizada pelos engenheiros no caos para dentro da arena política.

O primeiro indício dessa canalização diz respeito à um fator de ordem performática, o primeiro passo foi a naturalização do absurdo e a quebra dos tabus sociais. Repentinamente o racismo, a misoginia e a homofobia tornaram-se a única ferramenta viável para combater a cultura da vitimização que estava castrando psicologicamente os homens do mundo ocidental. Nesse universo em que os fatos podem ser fabricados para explicar a realidade e que os mecanismos de busca podem ser manipulados para trazer os resultados já pretendidos, nada é mais natural do que romper com o progressismo vigente na busca ufanista de um passado glorioso onde os indivíduos podiam ser eles mesmos sem medo do politicamente correto. Nas palavras do autor:

E tudo isso apresentado como uma guerra sacrossanta para a libertação da voz do povo, finalmente desatada dos códigos opressivos das elites globalizadas e politicamente corretas. Essas mesmas elites que provocaram a crise financeira, que causou o empobrecimento das classes populares, e, para coroar o conjunto, conspiraram com as ONGs e o lobby judaico-maçônico para substituir a mão de obra local por imigrantes provenientes dos países do Sul. (EMPOLI, 2019, p. 53)

Tudo isso graças a tecnologia que permitiu, não somente a coleta de dados pessoais de milhões de indivíduos como também sua análise aprofundada, o que acabou gerando uma guinada da política rumo à exatidão matemática do escrutínio de dados, agora esse campo não seria mais guiado pelas incertezas da subjetividade, nesse momento pode-se prever com exatidão os anseios das pessoas e entregar a elas exatamente o que precisam. O autor (2019, p. 88) compara essa inovação no campo da política com a invenção do microscópio para as ciências naturais, se antes o trabalho dos agentes políticos dependia muito da intuição e da repetição de ações que podiam ou não ser efetivas, hoje sabe-se exatamente o que, como e para quem produzir conteúdo.

Essa mudança possui dois desdobramentos diretos que produzem efeitos negativos na sociedade e na política como um todo. Primeiramente, o problema enfrentado é o de que esse material personalizado é veiculado majoritariamente por meio das redes sociais e aplicativos de mensagens, esse ato produz a noção equivocada de uma planificação da política, a informação, a verdade sobre os fatos e sobre os políticos não está mais concentrada no monopólio jornalístico-midiático, agora os políticos conversam diretamente com seus apoiadores, e o ato de cortar esse intermediário garante uma suposta “veracidade” das informações.

Em segundo lugar, essa despersonalização da informação não serve somente ao propósito de criar a ilusão de proximidade com o eleitorado, mas também à ideia de disseminar a informação de maneira anônima, enquanto os jornais possuem sedes físicas e, principalmente, reputações a zelar, as redes sociais e os aplicativos de mensagens permitem que o autor dos conteúdos se mantenha anônimo e inalcançável pela justiça, dessa forma o racismo, o nazismo, a homofobia e a misoginia podem ser livremente disseminadas sob o pretexto de que sua autoria é facilmente negada e dificilmente descoberta.

Todo esse projeto de poder pautado em distorcer a realidade e disseminar fatos alternativos somente pode ser amparado pela lógica como funcionam os mecanismos de busca e as redes sociais, não fosse a primazia pelo aumento desenfreado dos lucros, que possui uma relação simbiótica com a constante coleta de dados dos usuários e da personalização da internet de forma individualizada, jamais seria possível alcançar e unir esses grupos que se tornaram radicalizados. Nas palavras de Empoli o problema com as mídias sociais pode ser descrito da seguinte forma:

A única coisa que lhes interessa é o engajamento – o tempo que cada usuário passa na plataforma. Que esse valor aumente em função de um bombardeio de poemas de Rainer Maria Rilke ou de fake news antissemitas, pouco importa para o Facebook. Ao contrário, considerando que seu business model funda-se no fato de não ser um órgão de informação – se não, teria que responder diante da Justiça pelos conteúdos que publica –, o Facebook deve, a todo preço, permanecer neutro em matéria de conteúdo. Para a plataforma, tanto Rilke quanto os negacionistas são iguais e devem continuar iguais, sem o que todo o edifício sobre o qual se ergue o império de Zuckerberg desmoronaria. (EMPOLI, 2019, p. 90)

Essa relação doentia que existe entre os agentes da desinformação e as diversas formas de explorar a forma como as mídias sociais garantem seu lucro, foi o ingrediente

final que faltava para a realização das projeções distópicas realizadas durante o século XX acerca da união entre política e tecnologia. Fica evidente que, o mesmo mecanismo que gera cifras de 10 dígitos para as corporações de mídias sociais também permite a coleta e venda ilegal de dados de milhões de usuários, processo essencial para o funcionamento da desinformação no espectro político.

A partir disso, o método dos agentes da desinformação passa a ser o de identificar as temáticas que melhor alcançam as pessoas e, a partir disso, iniciar campanhas individualizadas que atinjam o maior número possível de pessoas. De acordo com Empoli (2019, p. 91) essa personalização extrema das campanhas permite aos analistas de dados criar campanhas essencialmente contraditórias para o mesmo lado do espectro político. É dentro desse universo que 22% das mulheres brasileiras declaram voto em Jair Bolsonaro para a eleição de 2022¹⁷, um candidato que fez diversas declarações públicas de caráter controverso em relação às mulheres. Esse cenário somente pode ser real quando se considera que boa parte desse possível eleitorado é bombardeado diariamente com mensagens e publicações que contornam essa característica do ex-presidente ressaltando outras características que podem ser caras às mulheres.

Outro fator desencadeado por essa mudança no ambiente político é a transformação do método de ação dos políticos, se antes a ideia era formar um núcleo ideológico sólido que pudesse guiar o candidato para o maior número possível de eleitores, agora são os algoritmos que impulsionam o comportamento político, numa ação semelhante aos clickbaits, os políticos precisam agora perseguir as ideias que produzam mais engajamento. Empoli ressalta como isso funciona na prática, mencionando a eleição de 2016 nos Estados Unidos:

Baseando-se nesse princípio, o físico de partículas francês Serge Galam foi um dos poucos a prever a eleição de Donald Trump. Enquanto todos os comentaristas repetiam que um candidato como aquele não poderia jamais ganhar e que, em todo caso, uma vez as primárias republicanas vencidas, ele seria obrigado a se moderar para aproximar-se do centro, Galam teorizava o contrário: “A vitória de Trump depende ao mesmo tempo da existência de uma pequena minoria de intolerantes e da existência de uma grande maioria de pessoas tolerantes que repeliram mas conservam os preconceitos que Trump quer ativar com suas declarações provocantes”. Concretamente, segundo Galam, cada vez que Trump causa um escândalo com uma afirmação controversa, ele galvaniza o núcleo dos inflexíveis e envia uma mensagem a todos os outros, fazendo assim baixar o custo da adesão aos princípios dos intolerantes. “Uma dúvida nasce do confronto de argumentos opostos. Nesse instante, um grupo pode escolher seguir Trump, guiado pelo preconceito

¹⁷ Informação retirada do site: <https://www.poder360.com.br/governo/segundo-pesquisa-mulheres-nao-votam-em-mim-diz-bolsonaro/>

inconsciente reativado, mas sem a necessidade de se identificar formalmente com o preconceito.” (EMPOLI, 2019, p. 93)

Essa tática de reunir um grupo radicalizado e completamente leal a um determinado espectro político não consiste em uma variante que se apresenta somente no caso dos eleitores de Donald Trump, mas sim, uma constante em todos os países que possuem políticos populistas aspirando o poder. Na medida em que, de acordo com Empoli (2019, p. 93-94) essa minoria intolerante é o principal alicerce dos populistas, pois é esse grupo que mantém o apoio ao grupo ideológico como uma constante imutável, a força de vontade e a lealdade desse grupo se apresentam aos demais como uma característica positiva e podem servir como argumento para arrebanhar mais eleitores.

Além disso, é exatamente esse grupo que compartilha todos os conteúdos produzidos pelos agentes da desinformação, a circulação da visão alternativa da realidade proposta pelos políticos depende inteiramente da colaboração irrestrita desse grupo em engajar e disseminar todo o conteúdo que receberem online.

Obviamente que, a recompensa oferecida em retorno à essa lealdade irrestrita é uma realidade perfeita onde os indivíduos abandonam a mediocridade de suas vidas para se tornarem paladinos da justiça, ativistas políticos que atuam como o último baluarte ante a corrosão moral do presente. A consequência direta do fato de que parte da população opta por negar a realidade consensual e objetiva, e imergir nas fantasias dos líderes populistas é que a significação geral das coisas perde um pouco do seu tom, iniciando o que Empoli define como “política quântica”, nas palavras do autor:

Com a política quântica, a realidade objetiva não existe. Cada coisa se define, provisoriamente, em relação a uma outra, e, sobretudo, cada observador determina sua própria realidade. No novo mundo, como dizia o ex-presidente do Google, Eric Schmidt, é cada vez mais raro ter acesso a conteúdos que não sejam feitos sob medida. Os algoritmos da Apple, do Facebook ou do próprio Google fazem com que cada um de nós receba informações que nos interessam. E se, como diz Zuckerberg, nos interessamos mais por um esquilo agarrado na árvore em frente à nossa casa do que pela fome na África, o algoritmo dará um jeito de nos bombardear com as últimas notícias sobre os roedores do bairro, eliminando assim toda referência sobre o que se passa do outro lado do Mediterrâneo. (EMPOLI, 2019, p. 101)

Essas considerações do autor demonstram que a raiz do problema está no fato de que, atualmente, passamos muito tempo online, e a realidade online passou a ser singular e particularizada, assim, o universo online de uma pessoa somente existe para ela. Dessa

maneira, fica evidente que, a primeira grande ruptura que essa sociedade tecnológica traria seria com a realidade objetiva. Esse novo modo de compreender o real decreta a morte da empatia, torna-se impossível o menor senso de alteridade que seja, quando se considera que cada pessoa vive presa dentro de uma bolha particular e estilizada especialmente para ela. De acordo com Empoli:

Assim, na política quântica, a versão do mundo que cada um de nós vê é literalmente invisível aos olhos de outros. O que afasta cada vez mais a possibilidade de um entendimento coletivo. Segundo a sabedoria popular, para se entender seria necessário “colocar-se no lugar do outro”, mas na realidade dos algoritmos essa operação se tornou impossível. Cada um marcha dentro de sua própria bolha, no interior da qual certas vezes se fazem ouvir mais do que outras e alguns fatos existem mais do que os outros. E nós não temos nenhuma possibilidade de sair disso, e menos ainda de trocar com outra pessoa. “Nós parecemos loucos uns para os outros”, diz Jaron Lanier, e é verdade. Não são nossas opiniões sobre os fatos que nos dividem, mas os fatos em si. (EMPOLI, 2019, p. 101-102)

Essa morte da empatia justifica a coesão apresentada pelos grupos radicalizados, somente dentro dessa política quântica, é possível criar um grupo com esse senso de união e que, ao mesmo tempo, possui tão pouca empatia, somente a política quântica consegue dar conta de fazer coexistir os extremos mais absurdos e justificar as realidades mais paralelas.

3.4 A desinformação no Brasil

Esse tópico concerne à análise dos dispositivos retóricos utilizados pelo ex-chefe do executivo para criar sua versão alternativa dos fatos. Longe de procurar dissecar todas as desinformações produzidas, disseminadas e defendidas por Jair Bolsonaro e seus apoiadores ao longo do tempo, o propósito aqui é o de demonstrar a maneira como Bolsonaro cristalizou a noção de governo a partir das mídias sociais, pautado em fatos alternativos e distorções da realidade.

O primeiro fator a ser considerado para a estruturação dessa hipótese é legitimado por uma pesquisa realizada pelo Pew Research Center e divulgada pelo noticiário online Piauí¹⁸. A pesquisa aponta que o Brasil está na contramão do mundo quando o assunto é

¹⁸ A versão comentada em português pela revista Piauí pode ser encontrada no site: <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-de-costas-para-ciencia/>; já a versão original em inglês está na página: <https://www.pewresearch.org/science/fact-sheet/public-views-about-science-in-brazil/>

ciência, mesmo tendo sido realizada antes do início da pandemia (2019) e das controvérsias acerca de tratamentos e modos de prevenção da covid-19, os resultados ainda assim apontam um panorama desolador à ciência nacional. Camille Lichotti, repórter da revista Piauí ao analisar os dados da pesquisa afirma que:

Levantamento realizado pelo instituto em vinte países antes da pandemia do novo coronavírus e divulgado hoje indica que, de modo geral, cientistas e a ciência são valorizados ao redor do mundo. Os brasileiros são os que menos acreditam que os cientistas fazem o que é certo para a sociedade – 36% dos entrevistados disseram confiar pouco ou nada neles. Apenas 23% acreditam muito nas atitudes dos cientistas. Isso ajuda a explicar por que o discurso anticiência ganhou tanto espaço nos últimos meses, mesmo com o Brasil chegando a mais de 142 mil mortos pela Covid-19. As atitudes do presidente Bolsonaro em relação à pandemia e seu desprezo pelas orientações científicas não estão descolados da realidade. Os números mostram que boa parte da sociedade brasileira pensa como ele no que diz respeito à ciência. (PIAÚÍ, 2020, s/p)

A relação intrínseca entre a descrença no campo científico e a adesão de uma parcela da população aos discursos e ações propostas por políticos como Jair Bolsonaro consiste em um ponto nevrálgico da presente investigação. É impossível compreender a maneira como este conseguiu legitimar sua visão de mundo, especialmente ao que concerne à pandemia e à desinformação, sem considerar o fato de que o paradigma científico não parece nem chegar próximo de arranhar a superfície do debate político e social brasileiro.

Além do fato de que apenas 8% dos brasileiros acreditam que os cientistas possuem conquistas acima da média mundial, o grande entrave apresentado pela pesquisa é que o conhecimento científico é encarado de maneira dicotômica e mesmo, por vezes, maniqueísta com relação ao senso comum, de acordo com a pesquisa:

Outro problema revelado pela pesquisa é a falta de compreensão sobre assuntos científicos. Para 68% dos brasileiros, o público geral não tem conhecimento suficiente para entender as notícias sobre descobertas científicas – para a maioria, esse é o maior entrave do processo comunicacional. O resultado disso recai sobre a confiança nacional nos cientistas. Apesar de 54% dos brasileiros acreditarem que os cientistas se baseiam estritamente em fatos para aferir sobre um assunto, menos da metade acha que as decisões devem ser tomadas por experts (41%). Para a maioria, as decisões devem depender de pessoas que têm “experiência prática”, mesmo que não sejam consideradas especialistas. (PIAÚÍ, 2020, s/p)

A ideia de contrapor o campo científico a um empirismo irrestrito demonstra a dimensão da falta de estima e apoio que a comunidade científica conta em solo brasileiro. Essa ideia de pensar a experiência prática como a única forma de interpretar a realidade constitui o grande problema abordado na investigação posto que, essa premissa associa o

discurso populista de Jair Bolsonaro com a de um “homem de ação”, passível de erros, mas que vive a realidade prática dos brasileiros, longe dos cientistas que são vistos como incomunicáveis.

O próximo fator a ser abordado diz respeito à eleição de 2018 e as mensagens que foram veiculadas. Em um relatório¹⁹ elaborado pela Agência Lupa de checagem a partir de um pedido da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Minas Gerais (UFMG) chegou-se à conclusão de que apenas 4 das 50 imagens mais compartilhadas nos 347 grupos de WhatsApp analisados durante o recorte são verdadeiras.

Os resultados do projeto refletem dados assustadores quanto à realidade paralela que levou Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto. De acordo com relatório (BECKER; MARÉS, 2018, s/p) 8 dessas imagens são assumidamente falsas, 9 delas são verdadeiras, entretanto, acompanhadas por um texto que distorce seu contexto e sua significação, transformando-a em uma desinformação. Sete são verdadeiras, mas circulam fora do seu contexto original, deturpando seu significado. Quatro foram classificadas como “insustentáveis”, ou seja, não existem dados disponíveis que possam asseverar sua veracidade. Duas imagens foram consideradas verdadeiras. Além disso existiram três imagens foram consideradas sátiras. Seis eram relacionadas à textos opinativos. E três não foram puderam ser completamente checados. Duas dessas foram consideradas verdadeiras nessa checagem parcial e uma foi considerada exagerada .

O *corpus* total soma 4 imagens verdadeiras entre as 50 mais compartilhadas nesses grupos, isso reflete um fato assustador que é endossado por Empoli (2019, p. 69) em sua obra *Engenheiros do Caos*, o maior problema aqui é que, enquanto parte da população vive no pressuposto de que o progresso ocorreu de forma uniforme nas sociedades humanas e que todos são críticos, e conscientes de sua função política, os agentes da desinformação agem para arrebanhar as pessoas que pensam fora dessa ideia de progressismo.

Essa eleição é paradigmática pois inaugurou no Brasil um movimento que está tomando conta do mundo ocidental, e que foi mencionado anteriormente como *ciberpopulismo*. Essa forma de governo é um resultado direto das tecnologias atuais e da internet, e possibilita a criação da ilusão de uma pretensa “democracia direta” onde os

¹⁹ O relatório está disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/10/Relat%C3%B3rio-WhatsApp-1-turno-Lupa-2F-USP-2F-UFMG.pdf>

eleitores possuem poder suficiente, não somente para escolher seus governantes como também de opinar diretamente no plano de governo e realizar críticas sempre que necessário. De acordo com Almeida et al:

Inclusive, foi no discurso de diplomação como Presidente da República do Brasil, em 10 de dezembro de 2018, que Jair Bolsonaro deu indícios do que estava prestes a acontecer: “O poder popular não precisa mais de intermediação. As novas tecnologias permitiram uma relação direta entre o eleitor e seus representantes. Nesse novo ambiente, a crença na liberdade é a melhor garantia de respeito aos altos ideais que balizam nossa Constituição”. (ALMEIDA et al, 2019, p. 2)

A ideia de criar a ilusão de uma relação direta com o governante por meio das mídias sociais é antes de tudo uma estratégia de coesão, para o líder populista, manter esse grupo unido e radicalizado é essencial. Mas, principalmente, o foco aqui é ressaltar o protagonismo de todos nesse processo, se antes a política era algo distante, inalcançável e entediante, agora a política faz parte da vida de todos e é acessível para qualquer um (que compactue com as ideias do grupo). Quanto a esse assunto Almeida et al ressalta que:

O uso massivo do Twitter, plataforma que permite apenas mensagens sucintas em 280 caracteres, é para Jair Bolsonaro uma tentativa de manter contato direto com a base que o elegeu. O teor objetivo das mensagens no Twitter é consonante com o estilo comunicacional simplista de Bolsonaro, que fez uma campanha marcada por frases de efeito e distanciou-se de debates mais aprofundados. Pode-se ver essa perspectiva de forma clara quando, da análise dos tweets do presidente, percebe-se uma extrapolação da divulgação da agenda de políticas públicas do governo na forma de reiteradas postagens exaltando posicionamentos conservadores e de ataque a pessoas e instituições progressistas consideradas “inimigas”. (ALMEIDA et al, 2019, p. 3)

Essa instrumentalização da internet como forma de criação e disseminação de uma realidade paralela tornou-se a marca registrada do governo Bolsonaro. Entretanto, de acordo com Maranhão, Coelho e Dias, (2018. p. 71-72) o uso da desinformação no Brasil já é uma prática que remonta ao início da última década, ali começaram a ser gestadas as ideias reacionárias que serviriam como munição ao arsenal retórico que levou Jair Bolsonaro à presidência da República.

A desinformação como forma essencial de difusão de informação pelo poder institucionalizado está alicerçada sobre a premissa de que, somente a visão de mundo criada pelo líder do executivo é real por parte de seus apoiadores. Essa retórica é definida por Miguel (2021, p. 10-11) como “ dispositivos bolsonaristas de produção de

ignorância”, esses dispositivos atuam em várias frentes para tentar desestabilizar o jogo democrático, demonizar adversários e, principalmente, manter coesa a base de apoiadores do ex-presidente por meio da fabricação de uma realidade que se encaixe perfeitamente na visão de mundo e compreensão da realidade por parte desse grupo. De acordo com Miguel, essa forma de governar resulta invariavelmente em uma polarização extrema da sociedade pois, não mais contrapõe pessoas que pensam diferente, mas sim pessoas que veem a realidade de forma diametralmente oposta, nas palavras do autor:

Não se trata de uma separação baseada apenas em posições político-partidárias, mas, principalmente, na separação entre visões de mundo que, na construção do bolsonarismo, são impossíveis de coexistir. De um lado, o bolsonarismo constrói como inimigo a “esquerda comunista”, “corrupta”, “ateia”, “gayzista”, “marxista cultural”, “globalista”. Como contraste, produz sua comunidade moral, das “pessoas de bem”, cuja unificação se dá no nexos ficcional entre a “pátria, Deus e a família”. O negacionismo é, portanto, um método fundamental para o bolsonarismo construir seu regime de verdade. Ressalta-se que “esse negar” a verdade do outro não significa simplesmente contradizer politicamente a opinião do outro, mas negar a existência do outro. Ou seja, o negacionismo bolsonarista opera em uma lógica de eliminação da diferença, que se dá por dispositivos de produção da ignorância cujo objetivo é o esquecimento da história, a destruição da ciência e do conhecimento e a seletividade cultural com base em crenças conservadoras. (MIGUEL, 2021, p. 13)

A esse fator, soma-se o fato de que a informação agora é disseminada em uma velocidade que permite, não somente a veiculação de fatos alternativos em tempo real pelos agentes da desinformação, como também uma ação responsiva por parte dos usuários, o que permite a esses agentes controlar o discurso e moldá-lo de forma a se adequar perfeitamente aos anseios dos usuários.

3.5 A desinformação na pandemia

Durante o primeiro trimestre de 2020, logo após a OMS declarar a pandemia global de covid-19, cerca de 700 pessoas morreram no Irã²⁰. A causa, ainda que relacionada com a doença, não foi causada diretamente pela covid-19, e sim pela ingestão de metanol, a ingestão do líquido semelhante ao álcool foi induzida por um boato espalhado nas redes sociais de que o álcool seria capaz de curar e prevenir a doença, como a produção e comercialização de álcool é proibida no Irã, as pessoas recorreram à uma

²⁰ Informação disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/falsa-cura-para-coronavirus-mata-mais-de-700-pessoas-no-ira-rv1-1-24397989.html>.

alternativa considerada semelhante, o metanol. Essa substância não é produzida para consumo humano e possui consequências graves para as pessoas que a ingerem, incluindo cegueira e intoxicação severa. Os números oficiais por trás dessas mortes ainda se mantêm incertos, entretanto, a ideia de que quase mil pessoas morreram por conta de uma desinformação que alardeava uma suposta cura para a covid-19 evidencia que toda a problemática abordada até esse ponto no capítulo, cresceu exponencialmente com a decretação da pandemia.

Aqui no Brasil o cenário apresenta características ainda mais catastróficas, de acordo com a reportagem feita pelo site G1²¹, os pacientes que tomaram cloroquina e hidroxicloroquina tiveram uma porcentagem de óbito superior às do que não tomaram. Esse fato estaria em um nível semelhante de gravidade à dos fatos que ocorrem no Irã, todavia, aqui no Brasil essas informações que glorificavam o medicamento não estavam restritas à boatos em redes sociais e aplicativos de mensagens. Aqui esse tipo de tratamento foi institucionalizado pelo ex-Presidente da República que incentivava seu uso e também pelo Ministério da Saúde que criou até um aplicativo²² que receitava de maneira automatizada a droga para quaisquer usuários.

De certa forma, o cenário mundial já dava sinais de que a pandemia traria também uma torrente de informações falsas e enganosas, portanto logo após o decreto da pandemia pela OMS o órgão também decretou que vivíamos em uma infodemia, com a publicação de relatórios e artigos a respeito do cuidado com a qualidade da informação consumida o órgão assevera que:

A pandemia de coronavírus (COVID-19) em 2020 vêm sendo acompanhada por uma massiva “infodemia”. Uma infodemia pode ser conceituada de forma simples como um excesso de informação, boa e ruim. Esse tipo de informação forma um tsunami virtual de dados e conselhos que tornam difícil para as pessoas encontrar mensagens claras, fontes seguras e orientações confiáveis quando necessário. Parte desse tipo de informação é somente confusa, mas parte pode ser prejudicial à saúde. Analisar e compreender uma infodemia como essa é de central importância para combater à pandemia como um todo. (OMS, 2020, p. 1, Tradução Minha)

É interessante denotar o fato de que a OMS coloca os riscos da desinformação quase que equivalentes ao risco da covid-19 em si, essa perspectiva consiste em um

²¹ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/21/estudo-aponta-que-pacientes-que-tomaram-hidroxicloroquina-morreram-mais-que-os-do-grupo-de-controle.ghtml>

²² Informação disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,app-do-ministerio-da-saude-que-recomendava-cloroquina-e-retirado-do-ar,70003589433>

argumento de legitimação para a investigação e demonstra o papel essencial que o consumo de informação possui dentro do campo social. A OMS também reafirma que essa infodemia é um resultado direto do cenário tecnológico em que vivemos:

No contexto da pandemia de COVID-19, a infodemia é exacerbada pela escala de emergência global, e propagada pela forma conectada com que a informação é disseminada e consumida nas mídias sociais e outros canais. Portanto, a infodemia afeta diretamente cidadãos em todos os países. (OMS, 2020, p. 1, Tradução Minha)

É nesse sentido que se embasa a ideia de que a produção e o consumo desenfreado de informações sem critérios e embasamentos reais conseguiram multiplicar os efeitos catastróficos da pandemia de Covid-19. A partir das assertivas propostas pela OMS e por demais órgãos institucionais preocupados com a infodemia relacionada à pandemia que se procura tecer as problemáticas relacionadas à desinformação como um todo, a ideia da tecnologia como propulsor desse fenômeno já foi largamente abordada ao longo do capítulo e ressoa as proposições expostas por Lima et al:

Em 2018, 51% da população tinham acesso à Internet, mas com uma penetração muito desigual, sendo muito maior em países do Norte do que em países do Sul, esses com uma história de colonialismo e neocolonialismo, desigualdade e exclusão que se alastra até os dias de hoje. Nesse contexto desigual, existe uma assimetria de informações, pois os atores sociais têm distintas condições e possibilidades de usar, produzir e disseminar informação. Contudo, a proliferação dos telefones celulares, das plataformas de mídias sociais e das tecnologias digitais de edição de textos e imagens, sofisticadas e ao mesmo tempo simples e acessíveis, têm facilitado um volume cada vez maior de mensagens “poluídas”, uma espiral crescente de desinformação que encontra caldo de cultivo na “era da pós-verdade”, do negacionismo científico e da espetacularização da vida. (LIMA et al, 2020, p. 2-3)

Nesse sentido, o tópico vem com a intenção de legitimar a hipótese de que, a temática da pandemia de covid-19 foi sequestrada por um determinado grupo político que passou a se beneficiar desse acontecimento, criando um espetáculo pautado pelo negacionismo científico. Portanto, essa temática transcendeu os limites do campo médico para ingressar na arena política e social brasileira, criando uma bipolarização da sociedade que se vale do uso de medicamentos e da forma de encarar a pandemia como maneira de demonstrar sua própria visão política. De acordo com Lima et al:

Por outro lado, a pandemia atualiza a discussão sobre a pseudociência, as controvérsias científicas, as teorias conspiratórias (contribuintes para a desinformação) e suas consequências para a adoção e aderência às medidas de contenção e tratamento da doença por parte de políticos e população, assim como o papel da validação discursiva da informação para enfrentar essa desordem informacional. (LIMA et al, 2020, p. 5)

As ações realizadas pelo ex-líder do executivo em relação à pandemia são a tônica que norteia a investigação e motiva a análise da desinformação como parte integrante do discurso institucionalizado do Brasil durante a pandemia. Nesse ponto, considera-se as amostras a serem analisadas no capítulo 4 como base para os principais discursos relacionados à desinformação no Brasil durante a pandemia.

Ao considerar esse fato, pode-se elencar a prescrição de tratamentos alternativos e ineficazes para a covid-19, a recusa e deslegitimação do isolamento social, o negacionismo científico em suas várias faces, desde as problematizações acerca do surgimento do vírus até as dúvidas acerca da vacinação, e, por fim, todas as ideias que minimizam os efeitos da pandemia sobre a sociedade brasileira. Tal perspectiva vai de encontro ao que diz Lima et al ao asseverar que (2020, p. 7) o governo brasileiro possui apenas duas formas de encarar a pandemia, ou pela negação ou pela minimização, endossando que o contato social deveria ser mantido a qualquer custo e mesmo incentivando as pessoas a saírem de suas casas, e também afirmando que a covid-19 era uma mera gripe.

É interessante perceber que, o primeiro cenário ligado à desinformação na pandemia ainda não possuía um caráter completamente polarizado e político, nas primeiras semanas o que mais se encontrava em grupos de mensagens e mídias sociais eram supostas curas naturais para a covid-19. Lima et al percebeu (2020, p. 12) que esse foi um acontecimento em escala global, muitas vezes as receitas que apareciam eram as mesmas em vários países diferentes, variando apenas o “médico” que as apresentava. Entretanto logo o fenômeno passou a se concentrar nas visões de mundo de grupos políticos e ideológicos:

A busca frenética pela cura montada nas ondas da desinformação e das controvérsias teve seu auge na emergência do rumor de que a cloroquina seria um tratamento efetivo para a doença. O rumor aparentemente tomou força logo que o conhecido empresário Elon Musk divulgou em Twitter um documento que apontava a efetividade da droga, criado por não especialistas que usava falsamente as credenciais das Universidades de Stanford, da Alabama e da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos como se elas tivessem participado do estudo (MARTINS, 2020). Seguidamente, um popular show do canal conservador Fox News deu palco para um dos autores do documento, que falou de um 100% de sucesso da cura do COVID-19 por meio da cloroquina. O tuite de Musk foi apoiado irresponsavelmente por Trump, que numa coletiva de imprensa, em 19 de março, falou que a Administração Federal de Medicamentos (FDA, siglas em inglês) tinha aprovado o uso da cloroquina ou hidroxiclороquina para o tratamento da COVID-19, o que não era certo. (LIMA et al, 2020, p. 12)

Após o ex-presidente americano Donald Trump abraçar a ideia do uso da cloroquina como principal recurso contra a pandemia, o ex-presidente do Brasil também passou a defender seu uso e, contrariando todas as evidências científicas disponíveis no momento, começou a fazer propaganda do seu uso, criou incentivos fiscais para a compra do medicamento e mobilizou as forças armadas para fomentar a produção em larga escala da droga. Tudo isso acompanhado por uma ampla campanha de desinformação, que inundou as redes sociais e os aplicativos de mensagens dos brasileiros acerca dos supostos benefícios da cloroquina. De acordo com Lima et al:

A hidroxicloroquina virou uma arma política nas mãos de políticos, como Trump e Bolsonaro, que têm desdenhado abertamente a importância da doença e que, a contramão das autoridades de saúde e da comunidade científica, rejeitam o isolamento social como medida de proteção por estar travando a economia. Afirmar que dispõem de um tratamento barato para a doença, reforça sua tese da exageração do isolamento social. As controvérsias acerca da eficácia do medicamento e a desinformação ao redor do tema têm levado a plataforma Twitter a tomar medidas excepcionais de remover tweets de proeminentes políticos defensores da cloroquina para combater a COVID-19. (LIMA et al, 2020, p. 14)

Após esse panorama geral fica evidente que a pandemia acabou se tornando, além de uma emergência de saúde pública em nível global, uma problemática de ordem política, que aprofundou ainda mais a polarização política e ideológica no cenário social brasileiro.

Capítulo 4 – Análise Das Amostras

Como todas as doenças deste mundo. O que é verdade em relação aos males deste mundo é também verdade em relação à peste. Pode servir para engrandecer alguns. No entanto, quando se vê a miséria e a dor que ela traz, é preciso ser louco, cego ou covarde para se resignar à peste.

Albert Camus – A Peste.

A premissa de criação do capítulo alicerça-se sob a necessidade analítica de se escrutinar as amostras escolhidas de desinformação, bem como os trechos dos pronunciamentos e *lives* do ex-chefe do executivo brasileiro. Nessa empreitada, os conceitos vistos acerca do Círculo de Bakhtin, e também, o aparato teórico acerca da desinformação e da pós-verdade será usado de forma a possibilitar um processo de compreensão acerca das amostras de desinformação, verificando a validade da hipótese utilizada para impulsionar a pesquisa.

4.1 Primeira Amostra

A primeira amostra a ser analisada consiste em uma mensagem enviada 449 vezes, por 338 usuários diferentes, e apareceu em 176 dos grupos analisados, sua primeira aparição foi no dia 11 de abril de 2020. Ela ocupa a segunda posição no ranking de mais compartilhadas do relatório temático acerca do tratamento precoce:

Figura 4: Amostra 1

TOP 2ª MENSAGEM

ACABOUUUUUUUU ACABOU ! Notícia saída agora do forno. Todo mundo torcendo! Jornalista Elisa Robson escreveu: O FDA, a agência americana de regulamentação de remédios, aprovou o uso de hidroxiclороquina em todos os pacientes com o Covid-19. O CEO da Novartis anunciou que já tem em mãos os resultados de pesquisas que comprovam que a hidroxiclороquina mata o vírus. Tanto que a empresa vai doar 130 milhões de doses. O custo médio do medicamento no mundo é de US\$ 4,65 por mês. Ou seja, tudo indica que a solução vai chegar bem antes do que muita gente gostaria. Talvez seja, inclusive, decisiva para reverter o cenário apocalíptico previsto para as próximas semanas e mudar o curso deste rio. O fato é que, desde o começo, o coronavírus foi usado politicamente. Portanto, para muitos agentes políticos (tanto os que militam em partidos, quanto os que estão no comando de instituições como OMS ou nas redações dos jornais) as notícias acima são, na verdade, um desastre. Pois por trás disso, para os que querem continuar lucrando, e enfatizo o politicamente, com o pânico e o desespero, o pensamento que predomina é: "A cura não pode chegar tão rapidamente assim!" Mas, se Deus quiser, já chegou.

DIVULGUE AGORA <https://www.novartis.com/news/media-releases/novartis-commits-donate-130-million-doses-hydroxychloroquine-support-global-covid-19-pandemic-response>

A primeira amostra a ser investigada reflete um posicionamento axiológico com relação à pandemia de covid-19. O objetivo parece ser o de convencer os interlocutores acerca do fim da pandemia, que está próximo graças à confirmação da eficácia da hidroxiclороquina em seu tratamento.

O estilo utilizado para criar o enunciado denota parâmetros comuns na construção gramatical e lexical empregada na veiculação de mensagens em aplicativos como o WhatsApp. Quando se consideram os parâmetros²³ empregados para a escrita de enunciados desinformativos, pode-se elencar alguns aspectos gerais que denotam o caráter desinformativo da amostra, tais como o uso indiscriminado de maiúsculas e minúsculas, pontuação excessiva com intenção de demonstrar a entonação do locutor²⁴, erros básicos de grafia e concordância verbal, supostos argumentos de autoridade embasados em informações duvidosas, maniqueísmo evidente entre o locutor e o grupo ideológico que representa ante um outro grupo antagônico, que é demonizado por meio da narrativa construída, tom apelativo somado a comandos no imperativo que visam a

²³ Tais parâmetros são expostos de forma aprofundada na obra: INFORMATION DISORDER: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making, citada e problematizada no capítulo 3 da investigação.

²⁴ Nesse ponto, entende-se locutor, a partir das proposições do Círculo de Bakhtin como o sujeito ativo do processo comunicacional (BAKHTIN, 2011).

ampliar o alcance da mensagem, e também links externos que buscam legitimar a mensagem veiculada.

É interessante denotar que, a esfera de produção desse enunciado engloba autores que, de maneira espontânea ou incentivada²⁵, teciam narrativas que contrariavam o posicionamento de cientistas e especialistas acerca da pandemia, e encorajavam atitudes contrárias ao consenso mundial acerca das medidas de proteção contra a covid-19.

Essa esfera de produção permanecia sempre salvaguardada pelos argumentos de autoridade expostos por Jair Bolsonaro em seus pronunciamentos, que, como chefe de Estado se utilizava de seu poder e de seu capital simbólico e político para criar uma visão da realidade que melhor se adaptasse aos seus desígnios políticos e ideológicos, tal posicionamento é problemático pois, não é o arcabouço intelectual de Jair Bolsonaro que confere legitimidade aos seus posicionamentos, mas sim, o cargo ocupado por ele.

A esfera de circulação desse enunciado é constituída pelas redes sociais e aplicativos de mensagens, seu alcance somente pode ser estimado posto que, apesar da singularidade de sua enunciação, conforme aponta o Círculo de Bakhtin, sua temática foi reformulada e reutilizada durante a pandemia²⁶, respondendo à enunciados anteriores e possibilitando a criação de enunciados responsivos que o sucederam.

Nesse sentido, é essencial apontar que esse enunciado apareceu em vários formatos, e várias mídias, demonstrando uma estratégia discursiva para a fixação da desinformação no imaginário coletivo da população. Essa repetição constante é instrumentalizada na arena de embate pelos sentidos, como forma de demonstrar que esse posicionamento é enunciado, muitas vezes, por diferentes autores. O enunciado foi veiculado também no facebook em outro formato, mas com informações praticamente idênticas²⁷.

²⁵ A despeito das suspeitas acerca de um suposto gabinete paralelo dentro do próprio gabinete do Ministério da Saúde no Brasil, que produzia e disseminava mensagens que confirmavam o viés político e ideológico do governo brasileiro, é inviável a asseveração de que tais enunciados foram articulados e pagos com dinheiro público, uma vez que, muitas dessas acusações permanecem em trâmite institucional.

²⁶ A discussão no entorno de supostos tratamentos se mantém latente até os dias atuais, mesmo após a exaustiva campanha informativa que assinala sua ineficácia frente à covid-19: <https://www.aosfatos.org/noticias/ivermectina-antiviral-pfizer-nao-agem-mesma-forma-contracoronavirus/>

²⁷ A agência de checagem AosFatos chegou essa informação no dia 13 de abril de 2020, embasando em uma mensagem de WhatsApp com conteúdo idêntico, mas formatação diferente: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-fda-aprovou-uso-da-hidroxicloroquina-para-todos-os-pacientes-com-covid-19/>

A esfera de recepção desses enunciados é composto por uma grande parcela dos brasileiros, na medida em que, o impacto de tais discursos pôde ser sentido por toda a população brasileira²⁸. Em uma descrição geral, percebe-se que a atitude responsiva dos interlocutores esperada pelos locutores do enunciado foi estabelecida, essencialmente, com aqueles que consideravam os posicionamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro frente à pandemia como corretos.

Entretanto, é preciso frisar que, para além daqueles que aceitaram a hidroxicloroquina como uma cura para o vírus, também existe uma considerável parcela da população que se encontrava fragilizada, posto que, a covid-19 criou uma crise sanitária em nível mundial, e esse desespero pode significar uma aceitação à enunciados como esse, que buscavam legitimar formas simplistas e fáceis de se tratar o vírus.

Nesse enunciado também pode-se perceber a forma como o locutor busca criar a ideia de que, sua mensagem seria uma mediação entre o público leigo e discurso jornalístico e científico. O formato empregado, visando ao embasamento de cada informação no discurso de um suposto especialista denota o emprego de uma estilização próxima à do jornalismo factual por meio do uso de termos científicos e acadêmicos, buscando demonstrar aos interlocutores a veracidade das informações trazidas.

As escolhas gramaticais e lexicais demonstram a intenção de uma união entre o discurso simples e acessível, e uma mediação com o discurso jornalístico e científico, trazendo dados e fatos como forma de aprofundar a confiança dos interlocutores na mensagem veiculada.

A ordenação e diagramação da mensagem reflete uma intencionalidade de criação de um enunciado próprio para as mídias sociais e aplicativos de mensagens, a disposição das palavras dentro do enunciado somente pode ser compreendida a partir do momento que mobiliza conceitos e pertencimentos ideológicos em seus interlocutores, premissa essa que ressoa as assertivas do Círculo de Bakhtin ao constatar o caráter de indivisibilidade entre os signos e a ideologia.

A situação comunicacional ideal prevista pelo locutor da amostra, é de alcançar exatamente o auditório pretendido, que irá agir da forma responsiva esperada frente ao enunciado. A forma como a personalização da internet feita pelo Google e Facebook,

²⁸ A esfera de circulação dos enunciados em escala internacional será pormenorizada uma vez que a empreitada transcende o escopo avaliativo e analítico da investigação.

juntamente com a precária segurança de dados da grande maioria da população brasileira, permitiu à agentes maliciosos criar um perfil online de cada cidadão baseado em suas convicções, princípios e vinculação ideológica, e, conseqüentemente, possibilitou a antecipação responsiva dos interlocutores feita pelo locutor, que agora consegue alcançar um nível de precisão nunca antes visto (Empoli, 2019).

Considera-se também que o locutor se posiciona a partir do espectro político da extrema direita brasileira, com um viés negacionista e anticientificista, que embasa os discursos do ex-líder do executivo. Também se utiliza de recursos estilísticos e lexicais para conferir uma entonação positiva frente ao enunciado produzido, sempre repetindo fatos e dados que legitimem uma visão de mundo que esteja em assonância para com as assertivas proferidas pelo chefe do executivo, buscando sensibilizar seu auditório por meio da criação de uma atmosfera de melhora na situação da pandemia.

Como principal foco do enunciado pode ser citado, a suposta cura da covid-19 por meio do uso da hidroxicloroquina, o conspiracionismo contra setores da política nacional e também da mídia tradicional em especial à rede Globo como manifestação do comunismo midiático e o Supremo Tribunal Federal como manifestação da corrupção responsável por prejudicar o Brasil como um todo. E também a ideia de que a pandemia havia se tornado uma forma de renda para uma parcela da população.

A partir desse ponto, torna-se necessário mobilizar os conceitos e paradigmas expostos nos capítulos dois e três da investigação como forma de buscar encontrar a ressonância das vozes sociais expostas no enunciado e compreender produção de sentidos almejada pelo seu locutor.

Logo após o início da pandemia de covid-19, em março de 2020, mais especificamente no dia 3 de março de 2020, se iniciaram os estudos clínicos com a Cloroquina e hidroxicloroquina como forma de tratar a doença.

No dia 13 de março de 2020, James Todaro e Gregory Rigano²⁹ lançam um rascunho em formato Google Docs., com informações acerca da eficiência da hidroxicloroquina³⁰. Dias depois da postagem do rascunho, no dia 19 de março, o então

²⁹ James Todaro é um médico, mais conhecido por suas atividades envolvendo criptomoedas, já Gregory Rigano é um advogado, com atividades também relacionados à blockchain e criptomoedas.

³⁰ Informação retirada da matéria “As Raízes do ‘hype’ da Cloroquina”. Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/questao-de-fato/2020/03/25/raizes-do-hype-da-cloroquina>. Acesso em: 1 ago. 2021.

presidente dos Estados Unidos Donald Trump adere a ideia do uso do medicamento e afirma em uma coletiva de imprensa que o FDA, agência reguladora de medicamentos dos EUA, irá apressar a produção de cloroquina em larga escala como política de saúde frente à covid-19. No mesmo dia, o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro, em uma atitude que visava a imitar a postura do líder norte-americano, assevera em uma *live* que já existe um medicamento promissor no tratamento da doença, referindo-se à cloroquina.

No dia 20 de março de 2020 o autor francês Didier Raoult publica um artigo afirmando a eficácia da cloroquina e da hidroxicloroquina na redução da carga viral da covid-19. Esse artigo seria descartado posteriormente por não atender aos padrões científicos almejados pela comunidade acadêmica.

Por conseguinte, o enunciado analisado insere-se cronologicamente no momento inicial da pandemia, ressoando a postura adotada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e pelo ex-presidente norte-americano Donald Trump. Para além dos discursos oficiais em que o ex-chefe do executivo defende abertamente o uso do medicamento como forma de combater o vírus da covid-19, também se criou uma ampla campanha desinformativa que buscava legitimar o posicionamento de Bolsonaro e também ampliar positivamente, os possíveis efeitos do medicamento.

Como forma de demonstrar os enunciados que geraram a atividade responsiva que produziu o enunciado da amostra, torna-se necessário trazer um trecho do pronunciamento³¹ oficial de Jair Bolsonaro no dia 8 de abril de 2020. Nele, o ex-presidente exalta o poder de cura da hidroxicloroquina e defende a tese de que, ser contrário ao medicamento é o equivalente a ser contrário à saúde e a vida:

Ser presidente da República é olhar o todo, e não apenas as partes, não restam dúvidas que o nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas. Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias, que perderam seus entes queridos nessa guerra que estamos enfrentando, tenho a responsabilidade de decidir sob as questões do país de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da Nação. Todos devem estar sintonizados comigo. Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente. Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos. O governo federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração. Espero que brevemente saíamos juntos e mais fortes para que possamos melhor desenvolver o nosso país. Como afirmou o diretor geral da Organização Mundial da Saúde, cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos. Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar o seu pão de cada dia. As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a

³¹O pronunciamento pode ser acessado na íntegra em: https://www.youtube.com/watch?v=WLn8Dh_DhRA

própria doença. O desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte. Com esse espírito, instruí meus ministros. Após ouvir médicos, pesquisadores, e Chefes de Estado de outros países, passei a divulgar, nos últimos 40 dias, a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial. Há pouco, conversei com o doutor Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que, não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a História como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. (BRASIL, 2020, Transcrição Minha)

Ao perceber os enunciados trazidos pelo ex-presidente no pronunciamento oficial, e a maneira como ele mobiliza os fatos de forma a adequá-los a sua visão de mundo, fica evidente a necessidade de se considerar tal pronunciamento no processo de análise e interpretação da amostra, dado que, o ato de separá-los tornaria inviável sua compreensão em uma perspectiva dialógica.

O excerto da amostra se inicia com a interjeição “**Acabou**” repetida duas vezes, na primeira vez a grafia da palavra conta com a letra “**U**” repetida sete vezes, ambas as palavras foram escritas em maiúsculas e finalizadas com ponto de exclamação. O fato de o início do enunciado ter optado por suprimir o sujeito da oração (o que acabou?) Demonstra uma construção narrativa que apela para a curiosidade dos receptores, que se sentem compelidos a ler o conteúdo do enunciado para descobrir o que acabou, essa construção lexical somada ao fato de estarmos em uma pandemia de nível global reforça a curiosidade, posto que, a pressuposição mais óbvia acerca de algo que acabou no dia 11 de abril de 2020 remete diretamente à pandemia.

O uso de letras maiúsculas e pontuação exclamativa também denotam o uso de estratégias voltadas para o engajamento dos leitores, o enunciado “**ACABOU**” repetido e finalizado com a exclamação chama e prende a atenção por insinuar uma ideia de novidade positiva.

No segundo trecho analisado: “**Notícia saída agora do forno**” percebe-se o protagonismo do termo “notícia” como sujeito, essa articulação reflete uma intencionalidade de enfatizar a importância do seu conteúdo, bem como o de construir a ideia de que a notícia é algo que surge de forma finalizada, não dependendo de autores e produtores repletos de subjetividade, mas sim uma materialização inscrita da verdade.

O uso de uma expressão popular atrelada à culinária e que foi adaptada de forma metafórica para denotar o caráter de novidade ao escrito demonstra a tentativa do locutor de empregar estratégias discursivas que tornem o excerto mais próximo público geral.

O fato de a oração possuir apenas cinco palavras e ser finalizada com ponto final reflete uma forma comumente utilizada na comunicação em redes sociais e aplicativos de mensagens, em que a entonação e as pausas são realizadas de forma arbitrária pelo locutor, como forma de ilustrar de forma categórica a maneira com que lê o próprio enunciado.

A terceira frase “**Todo mundo torcendo!**” Reflete um posicionamento axiológico do locutor, dado que, pressupõe que todos os indivíduos que receberem o enunciado possuem o mesmo posicionamento frente à realidade. O fato de o locutor articular uma assertiva totalizante como essa, revela uma intencionalidade em moldar um maniqueísmo evidente no enunciado, na medida em que, os indivíduos que “não estiverem torcendo” seriam, portanto contra a vida, e a favor da pandemia. Essa escolha lexical revela uma característica típica da desinformação, ao inserir elementos apelativos de coerção social que visam forçar o leitor a concordar com seu ponto de vista. Nesse caso também a entonação nos é dada, tanto pelo conteúdo temático da oração impondo esse maniqueísmo, quanto pelo ponto de exclamação em seu final. Também a estratégia para tornar o enunciado mais próximo do público pode ser percebido pelo emprego de “**torcendo**” uma vez que tal ato nos remete a ação de ansiar por uma determinada vitória, o que amplia ainda mais o maniqueísmo entre quem apoia e quem discorda.

O próximo trecho consiste na utilização de um argumento de autoridade: “**Jornalista Elisa Robson escreveu: O FDA...**” o uso do embasamento de um especialista, no caso uma jornalista, visa conferir legitimidade às informações trazidas, e demonstrar que a informação é embasada pelo campo médico e científico. O enunciado traz ainda uma mensagem que busca justificar a interjeição inicial do enunciado, que previa o fim da pandemia, posto que, a agência regulamentadora de medicamentos dos Estados Unidos aprovou o uso da hidroxiclороquina em “**todos**” os pacientes com a doença, tal ideia pressupõe que o medicamento não somente é eficaz como também é capaz de livrar a humanidade da doença.

Em seguida, expõe-se mais um argumento de autoridade, dessa vez do CEO da empresa farmacêutica previamente citada, a Novartis. Nessa oração, o locutor afirma que o CEO já “**tem em mãos os resultados de pesquisas que a hidroxiclороquina mata o vírus**”, ao ressoar o enunciado do CEO de uma gigante farmacêutica como a Novartis, a intenção obviamente é a de conferir a legitimidade esperada ao enunciado, outro fato importante a ser considerado nessa oração é que o trecho “**já tem em mãos os resultados**”, apesar de pressupor a ideia de imediatismo, permite a inserção de uma

característica muito utilizada na desinformação, a de evitar a correta colocação do enunciado dentro de uma linha temporal no processo histórico, dotar o enunciado com uma data é sacrificar a possibilidade de reciclá-lo no futuro, e acabar fixando uma data para seu ostracismo.

Outro fator essencial para ser percebido nessa oração, é a escolha do verbo que representa a ação da hidroxicloroquina frente ao vírus: **“O CEO da Novartis anunciou que já tem em mãos os resultados de pesquisas que comprovam que a hidroxicloroquina mata o vírus”**. Essa escolha lexical não consiste em uma arbitrariedade aleatória do locutor, mas sim uma determinação pensada, principalmente quando se considera o caráter combativo do auditório pretendido da mensagem. A ideia de substituir o verbo “curar”, por matar, possibilita o locutor representar muito bem sua visão de mundo e a forma como uma determinada parcela da sociedade, que é ideologicamente vinculada a ele apreende o real.

A próxima oração serve como um argumento de legitimação da oração anterior: **“Tanto que a empresa vai doar 130 milhões de doses”**, a ideia de que a empresa farmacêutica Novartis vai, espontaneamente doar essa quantidade de doses reflete, em um primeiro momento, o comprometimento da empresa com a saúde pública, mas em um nível mais profundo de análise, percebe-se a premissa de que, se uma gigante do ramo farmacêutico vai realizar essa doação, essa ação somente pode estar embasada em critérios técnicos e científicos que asseveram a eficácia desse tratamento.

Já o uso de números como forma de embasar um argumento é uma estratégia discursiva muito utilizado como forma de distorcer a realidade e enganar o público, em sua obra *Os números (não) mentem: como a matemática pode ser usada para enganar* (2012) o matemático e jornalista Charles Seife explica a forma como os números podem ser um acréscimo valioso em um enunciado desinformativo, de acordo com o autor (2012, p. 8) os números podem ser o fator culminante para conferir legitimidade a um enunciado falso ou fantasioso.

Nesse sentido, a intencionalidade fica evidente com as **“130 milhões de doses”**, uma vez que, o locutor não traz nenhuma outra informação que complemente tal assertiva. Não se sabe para quem a Novartis realizou a doação, nem qual a capacidade de cura referente à essa quantidade de medicamento, a única real proposta é encher os leitores com uma torrente de dados e números que sirvam somente como atrativo figurado dentro do enunciado.

A próxima oração possui uma característica muito semelhante à anterior e também requer a percepção das teorias de Seife acerca da distorção propiciada pela matemática, a ideia de que: **“O custo médio do medicamento no mundo é de US\$ 4,65 por mês”** revela uma vagueza de informações inconfundível da desinformação, a oração não traz mais informações acerca das bases reais desse valor, nesse caso não se assinala se esse custo de produção é baseado em uma contagem por pessoa, se os valores variam conforme a moeda corrente, e como uma linha de produção de medicamento em larga escala consegue produzir esse medicamento por um valor tão baixo.

Posteriormente, percebe-se que a utilização desse número, em específico dentro do arcabouço retórico do enunciado revela a intenção de inocular a sua temática essencial, a de que existe uma conspiração em curso, que pressupõe um grande complô entre as elites globais, a mídia, os partidos opositores e as grandes empresas farmacêuticas para lucrar com a pandemia.

Essa premissa é confirmada ao se analisar a próxima oração, **“Ou seja, tudo indica que a solução vai chegar bem antes do que muita gente gostaria”**, as escolhas gramaticais e lexicais que formam essa oração retomam o início do enunciado, contrapondo a ideia de que **“Todo mundo”** está torcendo (pelo fim da pandemia), nesse ponto o locutor revela a premissa com que formula o maniqueísmo em seu enunciado, ou seja **“Todo mundo”** está torcendo pelo fim da pandemia, os únicos que não estão torcendo são justamente aqueles que lucram com a doença.

Nesse ponto do enunciado, se aprofundam os posicionamentos axiológicos do locutor frente à realidade, assim ele planeja a atitude responsiva de seu auditório pautado na premissa de que o horizonte temático desse auditório apreende o real de uma maneira similar à sua, considerando que a defesa do uso do medicamento é a única solução real que leva ao fim da pandemia. Ao pensar nessa configuração discursiva é preciso relembrar as assertivas de Empoli (2019) quando considera que a desinformação é uma ferramenta que visa a erradicação dos opositores, portanto, fica evidente a cadeia de pressuposições que move tal enunciado, uma vez que, quem não está torcendo pela hidroxicloroquina está contra a vida e a favor do lucro.

O enunciado também visa esmaecer, em um primeiro momento, quem são essas pessoas que gostariam que a solução demorasse, a estratégia busca iniciar a construção do que, posteriormente, será um argumento completo contra supostos agentes que trabalham em favor da covid-19.

A próxima oração trabalha com adjetivos específicos, que visam a engrandecer o potencial de cura da hidroxicloroquina, e evidenciar o caráter crucial que a medicação possui frente ao enfrentamento da pandemia e a cura da covid-19. O uso do adjetivo “**decisiva**” em: “**Talvez seja, inclusive, decisiva para reverter o cenário apocalíptico previsto para as próximas semanas...**” denota uma passagem do tom que o locutor emprega para transmitir sua mensagem, se no início, o enunciado estava embasado em argumento de autoridade de terceiros e frases mais impessoais, agora a opinião do locutor com relação ao uso do medicamento começa a aparecer, o fato de se empregar o adjetivo “**decisiva**” demonstra a carga ideológica que o locutor projeta em seu uso, dado que, algo decisivo pressupõe algo que vai “definir”, nesse caso, o futuro da pandemia e da própria humanidade.

O uso dos termos “**cenário apocalíptico**” reflete o tom escatológico que o locutor busca imprimir à realidade atual, essa argumentação serve como uma estratégia que contrapõe a salvação, no caso o uso da hidroxicloroquina, com um suposto fim do mundo causado pela pandemia.

A partir desse ponto, o locutor assume completamente seu posicionamento ideológico em prol das assertivas de Jair Bolsonaro e o grupo político e social que representa, uma vez que, a defesa da medicação já havia sido realizada, agora o locutor busca caracterizar quem são os agentes responsáveis por apoiar a pandemia em prol de um suposto lucro.

Na oração seguinte, o locutor formula uma constatação: “**O fato é que, desde o começo, o coronavírus foi usado politicamente. Portanto, para muitos agentes políticos (tanto os que militam em partidos, quanto os que estão no comando de Instituições como OMS ou nas redações dos jornais) as notícias acima são, na verdade, um desastre.**”, essa constatação não se trata de um questionamento acerca do posicionamento de determinados indivíduos frente à pandemia, mas uma asseveração invariável. Dessa forma, o locutor consegue produzir linhas fronteiriças bem definidas entre o ex-presidente Jair Bolsonaro, que já defende o uso da medicação há 40 dias, com os indivíduos que se contrapõe ao seu uso. Assim, o locutor tece um argumento *sine qua non* que relaciona intrinsecamente todos aqueles que duvidam do ex-presidente e da eficácia do medicamento, com agentes mal-intencionados que lucram com a pandemia e com o sofrimento alheio.

Em seguida, o locutor finalmente cita nominalmente todos aqueles que julga serem responsáveis pela continuidade da pandemia, e pela negação da cura com a

hidroxicloroquina, são eles: **“tanto os que militam em partidos, quanto os que estão no comando de Instituições como OMS ou nas redações dos jornais”**. Essa é uma argumentação que visa a permitir ao ex-presidente da República, e seu grupo ideológico, monopolizar, no escopo da desinformação, as narrativas acerca da pandemia, dado que, são negadas as opiniões das Instituições nacionais (o Estado ocupado pelos representantes eleitos dos partidos políticos), das Internacionais (A organização Mundial da Saúde) e a mídia tradicional como um todo (o jornalismo factual em si). Com essa negação sobra somente a narrativa de Jair Bolsonaro, tal estratégia é citada na obra de Empoli (2019) quando reafirma que é um comportamento comum dos ciberpopulistas se posicionar contra tudo e todos, sempre afirmando que sua percepção do real é a única válida e verdadeira.

Ainda nesse trecho é preciso assinalar a forma como o locutor utiliza o termo **“desastre”**, ao definir como esse suposto grupo de agentes mal-intencionados irá reagir a um fim próximo da pandemia. Essa escolha lexical define mais um aspecto da maneira como o locutor inocula o maniqueísmo em seu enunciado, na medida em que, enquanto os apoiadores do ex-presidente consideram a pandemia como um **“desastre”**, seus opositores consideram seu fim, e conseqüentemente, o fim do seu lucro, como **“desastre”**.

O próximo trecho retoma as assertivas propostas, de que existe uma conspiração em curso e que os agentes (OMS, políticos e mídia) buscam esconder da população a cura por meio da hidroxicloroquina. Nesse momento, o locutor retoma a ideia de que tais agentes lucram com a pandemia: **“para os que querem continuar lucrando”** e que se aproveitam do **“pânico e desespero”** da população para alcançar seus objetivos políticos e pecuniários. Pressupondo que tais agentes pensam da seguinte maneira: **“A cura não pode chegar tão rapidamente assim!”**, tal argumento retoma a articulação da ideia de que única maneira possível e viável para negar o potencial de cura da medicação é lucrando com a doença.

O locutor finaliza o enunciado trazendo um argumento de autoridade pautado na religião: **“Mas, se Deus quiser, já chegou”**, valendo-se dos vínculos religiosos dos interlocutores para reafirmar o mesmo argumento exposto anteriormente, ou seja, ir contra o uso da hidroxicloroquina não é somente ir contra a razão, contra o presidente da República e os melhores cientistas do mundo, é também ir contra Deus, nesse ponto fica evidente a manifestação da voz social da extrema direita que expressa sua visão de mundo totalizante e que consegue englobar a perspectiva de todo um grupo ideológico.

Por fim, com letras maiúsculas, encontra-se a mensagem “**DIVULGUE AGORA**”, característica muito comum na desinformação, que visa ampliar o alcance e o engajamento de um determinado conteúdo. Esse modo de ação também é passível de ser analisado pela ótica do Círculo de Bakhtin, uma vez que, os locutores pressupõem que o enunciado sempre é produzido considerando o horizonte ideológico e temático de seu auditório, bem como suas ações responsivas frente a ele. Portanto o uso dos dizeres “**DIVULGUE AGORA**” nos remete à tática de marketing conhecida como Call to Action, onde o locutor não somente pressupõe a ação responsiva do interlocutor, como também cria um percurso a ser seguido para interagir com o enunciado. É essencial lembrar que tal comando imperativo “**DIVULGUE AGORA**” é uma forma de finalizar os argumentos apelativos que compõe o enunciado como um todo.

Dentro desse universo metodológico, torna-se preciso ressaltar o potencial científico da investigação dos enunciados como substrato para a compreensão de recortes específicos da realidade objetiva. Posto que, mesmo consistindo em algo singular e único, o enunciado carrega consigo toda a carga histórica e ideológica que consegue refletir e refratar os posicionamentos axiológicos dos sujeitos que integram a cadeia dialógica do discurso.

Como principal objetivo da interpretação do enunciado, pode-se destacar o fato de que, tal ação consegue ampliar os contextos presentes, nesse caso em específico pode demonstrar as cargas subjetivas e ideológicas que recobrem os signos utilizados como forma de veicular a mensagem. Essa ampliação de contextos ocorre, pois, diferentes vozes sociais são descobertas dentro do enunciado, revelando as intencionalidades e perspectivas ideológicas que se encontram em camadas internas, esmaecidas pela dimensão verbal e pelo conteúdo temático.

É somente a partir da compreensão da relação dialógica entre a carga ideológica e as diferentes vozes que formam o enunciado que se pode compreender os efeitos de sentido pretendidos com sua enunciação. Essa relação pode ser interpretada quando se consideram simultaneamente o texto e contexto, sempre levando em consideração a premissa de que, a interpretação não busca esgotar os sentidos do enunciado com parâmetros totalizantes, mas inserir-se dentro da cadeia dialógica do discurso como um posicionamento responsivo frente a eles.

O princípio fundamental a ser considerado, antes da tomada de quaisquer posicionamentos acerca da presença do fenômeno da bivocalidade dentro do enunciado, com a voz social da extrema direita enunciada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro sendo

estilizada pelo discurso desinformativo, é a consideração acerca da proximidade entre o pronunciamento oficial ocorrido no dia 8 de abril de 2020 com o aparecimento da amostra no dia 11 de abril de 2020.

Tal proximidade reforça a hipótese de que a desinformação funciona como uma estratégia discursiva que amplia o alcance e os sentidos propostos pelos pronunciamentos oficiais do ex-presidente. Nesse sentido, é primordial ressaltar que, sempre que Jair Bolsonaro se manifesta, seja em suas redes sociais, seja em pronunciamentos oficiais como o citado, ele se manifesta a partir da sua posição ocupada como chefe de Estado, portanto seus argumentos são legitimados pelo fato de ser uma figura de autoridade dentro do campo político e social brasileiro. Por conseguinte, a investigação sempre considera seus posicionamentos discursivos como partindo de um argumento de autoridade máxima dentro da sociedade brasileira, e nunca como um civil.

Toda a construção de sentidos proposta, tanto no pronunciamento quanto na amostra analisada denotam um mesmo objetivo, que é percorrido de formas distintas pelos dois enunciados, que, ressoam a mesma voz social. Esse objetivo consiste em cristalizar a ideia de que Jair Bolsonaro e o grupo ideológico a que pertence são os únicos capazes de deter a pandemia, entretanto são impedidos de agir dessa forma por agentes mal-intencionados que lucram com a pandemia.

O primeiro fator de aproximação ocorre ao analisar que ambos os enunciados buscam legitimar o uso do medicamento (hidroxicloroquina) como a salvação do Brasil frente à pandemia. A dimensão verbal da primeira amostra denota a importância de se legitimar o uso da hidroxicloroquina por meio do uso de argumentos de autoridade, nesse caso a jornalista Elisa Robson e o CEO da Novartis.

No pronunciamento do ex-presidente, a mesma estratégia discursiva é utilizada ao mencionar que: **“Após ouvir médicos, pesquisadores, e Chefes de Estado de outros países, passei a divulgar, nos últimos 40 dias, a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial. Há pouco, conversei com o doutor Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro”**. Assim, percebe-se que o uso da hidroxicloroquina como cura para covid-19 é o resultado de uma ampla pesquisa realizada pelo ex-presidente, que, supostamente consultou diversos especialistas na área, o argumento, portanto visa legitimar essa

conduta ao associá-la ao campo médico e científico. Entretanto, ao analisar o contexto geral, percebe-se que a conduta de Bolsonaro buscava replicar as ações tomadas pelo então presidente norte-americano Donald Trump³², que também apoiava o uso do medicamento.

Entretanto, a defesa irrestrita da hidroxicloroquina funciona como uma justificativa em ambos os enunciados para a estruturação dos sentidos pretendidos, a premissa de que existe uma conspiração em curso que impede o ex-presidente de salvar a população com o medicamento.

O enunciado da amostra deixa subentendido que os opositores desse modo de ação não agem contra a jornalista, ou contra o CEO da empresa individualmente, mas sim, contra o ex-presidente da República, os agentes descritos (OMS, políticos e mídia) são os mesmos constantemente elencados como inimigos da nação pelo próprio Jair Bolsonaro³³.

Nesse sentido, é essencial denotar uma característica citada por Empoli (2019), ao mencionar o modus operandi dos ciberpopulistas, que conseguem pinçar determinados conteúdos e temáticas dos discursos de seus opositores, de forma a instrumentalizá-los dentro do seu próprio discurso, fora de contexto, para legitimar seus argumentos.

Essa característica pode ser notada no trecho: **“Como afirmou o diretor geral da Organização Mundial da Saúde, cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos”**, a fala em seu contexto inicial indicava que a pandemia possuía particularidades inerentes à localização geográfica. Já o ex-presidente a utiliza como forma de atacar o isolamento social e as medidas básicas de prevenção da doença propostas pela própria OMS.

Dessa forma, toda a construção do enunciado da amostra é feita de forma a ressoar as assertivas de Bolsonaro, que busca legitimar a visão de que a sua prática é diametralmente oposta à adotada pelos governadores: **“Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos”**.

³² É comum notar ações performáticas que visam copiar a conduta do líder norte-americano Donald Trump por parte de Jair Bolsonaro, essa prática foi analisada na reportagem: <https://oglobo.globo.com/politica/coronavirus-nas-redes-bolsonaro-imita-discurso-de-trump-na-crise-sanitaria-24345653>

³³ As críticas contra esses três grupos foram feitas de maneira sistemática durante toda a pandemia (e mesmo no período anterior à ela): <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/06/18/bolsonaro-volta-a-criticar-oms-e-diz-que-entidade-nao-acerta-nada.ghtml>; <https://veja.abril.com.br/politica/grande-problema-do-brasil-e-a-classe-politica-diz-bolsonaro/>; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/ataques-a-imprensa-avancam-no-brasil-aponta-relatorio-bolsonaro-lidera-em-ofensas.shtml>

Desde o início da pandemia convencionou-se uma dualidade entre as práticas adotadas pela grande maioria dos governadores, que buscava se adequar aos parâmetros sanitários básicos para a contenção da pandemia, e o *modus operandi* de Jair Bolsonaro, que insistia na falsa dualidade entre empregos/ou vidas: “**As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença. O desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte**”. Essa dualidade estava alicerçada sobre a ideia do uso da hidroxicloroquina como uma salvação contra a doença, o que justifica as escolhas temáticas realizadas pelo locutor da amostra.

Entretanto, é preciso ressaltar que essa defesa constituía apenas uma forma, não somente estilizar a voz da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro na desinformação, mas também de ampliá-la, por conseguinte, confirma-se a hipótese de que os discursos da desinformação relacionados à pandemia constituem um alargamento contextual do horizonte discursivo de Jair Bolsonaro e de seu grupo ideológico, tudo que não pode ser dito em um pronunciamento oficial, tais como as acusações diretas contra partidos, indivíduos, e Instituições são inseridos nos enunciados desinformativos.

Portanto, percebe-se que a desinformação adentrou o arsenal retórico do ex-presidente durante a pandemia como uma forma de comunicação direta com o grupo radicalizado que estabiliza seu governo. Somente esse grupo, que tem acesso irrestrito aos enunciados desinformativos, possui a capacidade responsiva necessária para a decodificação completa dos sentidos intrínsecos subentendidos dentro de seus pronunciamentos. Uma vez que, os grupos de mensagens e as redes sociais funcionam como uma espécie de Pedra de Roseta para compreender a real dimensão discursiva dos enunciados do grupo ideológico habitado por Jair Bolsonaro.

4.2 Segunda Amostra

A segunda amostra a ser analisada consiste em uma mensagem enviada 478 vezes, por 341 usuários diferentes, e apareceu em 171 dos grupos analisados, sua primeira aparição foi no dia 9 de maio de 2020, ela ocupa a primeira posição no ranking de mais compartilhadas no relatório temático acerca do tratamento precoce:

Figura 5: Amostra 2

TOP 1ª MENSAGEM

Bomba sujeira.... *Fiscalização da* *Polícia Federal ...* *O governador Rui Costa recebeu só num primeiro momento 370.000.000.00 milhões do governo federal para o combate à Covid 19 no estado, mas não publicou no portal da transparência só publicou 45.000.000.00 milhões ontem o Presidente publicou no DOU da união e declarou que os governadores irão ser fiscalizados que já foram identificados desvio de milhões na compra de descartáveis pela bahia, Ceará, Amazonas, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e outros estados do sul do Nordeste ...TODOS ...JÁ COMEÇOU A CAÇA,..... A *Polícia Federal* vai pra cima, só em São Paulo foi 627.000.000.00 milhões o *((DORIA))* declarou que recebeu 87.000.000.00 milhões.... * E O RESTANTE... A POLICIA FEDERAL QUER SABER ONDE ESTÁ O RESTO.... * *O PICO SERÁ EM MARÇO. O PICO SERÁ EM ABRIL. O PICO SERÁ EM MAIO. O PICO SERÁ EM JUNHO.* *-MANDETTA, GOVERNADORES, PREFEITOS, CONGRESSO, STF E A MÍDIA PODRE ...VÃO PROS QUINTOS...!* "Quer dizer que: - *Prenderam todos em casa;* - *Não deixam vocês trabalharem;* - *Acabaram com a liberdade de ir e vir de todos nós;* - *Fizeram acordo com as concessionárias de telefonia para saber onde cada um está;* - *Estão impedindo que repassem mensagens para mais de uma pessoa pelo WhatsApp;* - *Soltaram todos que foram presos em segunda instância;* *Quem não foi solto nesta, estão sendo soltos agora, de corruptos a ladrões de rua;* - *Estão endividando o país para nos empobrecer de vez;* - *Estão usando a cloroquina na rede privada, mas não na rede pública;* * Estão prendendo os trabalhadores.... * - *Jornalistas, parlamentares, governadores, prefeitos, juízes do STF e outros podem falar o que quiserem, menos o Presidente da República, este não!* * E você, o que está fazendo?* *Batendo panela?* *Vendo a Globo e a CNN?* *Quando é que você vai se dar conta que já roubaram teu emprego, tua liberdade, tua privacidade, teu direito de livre expressão, tua segurança, teu futuro, enfim, já estamos numa ditadura...* *Basta derrubarem ... O PRESIDENTE Bolsonaro para virarmos uma Venezuela."* Lembro mais uma vez o que disse o Terrorista *Zé Dirceu,* condenado a mais de 30 anos de prisão: *"NÓS VAMOS TOMAR O PODER, QUE É DIFERENTE DE GANHAR ELEIÇÃO."* * ESTAMOS PERDENDO TUDO, MAS COMO *OTÁRIOS*, *CONTINUAMOS ACEITANDO O QUE A MÍDIA FALA! DESLIGUEM* *A TV....!!!* *PARA VIRARMOS* *VENEZUELA SÓ FALTA A* *ECONOMIA FALIR* * * *Estou copiando e colando pra poder enviar pra mais cinco* * Repassem pra mais 5... em 20 minuto todo o Brasil estará sabendo... *

Essa amostra reflete a forma como um determinado grupo ideológico compreende a maneira como os governadores conduziram a pandemia, e também a forma como tecem teorias acerca de um grande complô contra o povo brasileiro e contra o ex-presidente Jair Bolsonaro. Nesse sentido, é interessante denotar a forma como a dimensão verbal do enunciado retoma as temáticas tratadas na amostra anterior, que datam de mais ou menos um mês antes do surgimento do presente enunciado.

Essa retomada se dá por um aprofundamento acerca das conjecturas acerca da conspiração a nível nacional para acabar com o Brasil e derrubar o ex-presidente. Entretanto, nesse enunciado, a ênfase é muito mais agressiva, pautada por argumentos

que difamam pessoas públicas, e usam uma ampla gama de adjetivação para demonstrar os sentimentos do locutor frente aos supostos conspiracionistas.

Dando continuidade ao panorama contextual exposto na primeira amostra, as grandes diferenciações presentes agora são as duas demissões de dois ministros da saúde diferentes do governo Bolsonaro. Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, que saíram nos dias 16 de abril e 15 de maio respectivamente, o motivo da saída de ambos é o mesmo, a discordância com o ex-presidente Bolsonaro em relação ao uso indiscriminado da Cloroquina e hidroxicloroquina, bem como divergências com relação ao isolamento social e as medidas básicas de prevenção contra a covid-19.

Dentro desse recorte temporal, o Brasil já passava dos 10 mil mortos pela doença e o lockdown já havia sido implementado em pelo menos 3 estados de forma geral e em várias cidades de maneira individualizada. Essa medida havia se tornado a tônica da disputa entre Jair Bolsonaro e os governadores, o ex-presidente afirmava que o Lockdown, além de não demonstrar eficácia contra a transmissão do vírus, ainda estava asfixiando a economia do Brasil.

Nessa amostra, também o estilo utilizado para criar o enunciado apresenta parâmetros comuns na construção gramatical e lexical empregada na veiculação de mensagens em aplicativos como o WhatsApp. A variação entre maiúsculas e minúsculas bem como o emprego de pontuação exagerada demonstram a maneira como a entonação do enunciado é conduzida, permitindo ao locutor enfatizar os aspectos que julga essenciais.

Também os parâmetros gerais empregados para a criação de enunciados desinformativos se repetem na mesma ordem da primeira amostra. Pode-se elencar alguns aspectos gerais que denotam seu caráter desinformativo, tais como o uso indiscriminado de maiúsculas e minúsculas, pontuação excessiva com intenção de demonstrar a entonação do locutor, erros básicos de grafia e concordância verbal, argumentos de autoridade embasados em informações duvidosas, maniqueísmo evidente entre o locutor e o grupo ideológico que representa ante um outro grupo antagônico que é demonizado por meio da narrativa construída, tom apelativo somado à comandos no imperativo que visam ampliar o alcance da mensagem.

Nesse momento, mais voltado para a descrição, as semelhanças com a primeira amostra são evidentes e permitem a compreensão acerca da forma como os enunciados

analisados dialogam entre si, evidenciando o fator dialógico exposto pelo Círculo de Bakhtin que assevera a noção de que (BAHKIN, 2014) as vozes reverberam a produção de sentidos e ressaltam os fios ideológicos que tecem os enunciados, na medida em que as temáticas mobilizadas demonstram ampla semelhança entre si.

Por conseguinte, é necessário frisar que a esfera de produção desse enunciado também engloba autores que, de maneira espontânea ou incentivada teciam narrativas que contrariavam o posicionamento de cientistas e especialistas acerca da pandemia, e encorajavam atitudes contrárias ao consenso mundial acerca das medidas de proteção contra a covid-19. Nesse enunciado, entretanto, o tom predominante é o de revolta contra as atitudes dos governadores, da mídia e do Supremo Tribunal Federal, que supostamente buscam colapsar a economia brasileira.

É preciso lembrar novamente que a esfera de produção utiliza como embasamento os pronunciamentos e *lives* realizados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, como forma de legitimar seus argumentos e tecer seus enunciados, em uma investigação que visa compreender a forma como os discursos foram influentes durante a pandemia, e qual a relação direta entre as manifestações discursivas do ex-chefe do executivo com os desdobramentos da pandemia no Brasil.

A esfera de circulação desse enunciado está restrita às redes sociais e aplicativos de mensagens, seu alcance total não pode ser mensurado uma vez que, atravessa uma série de problemáticas de ordem subjetiva e somente pode ser compreendida quando analisada no contexto histórico de produção e circulação.

Nesse sentido, é essencial apontar que esse enunciado apareceu em vários formatos, e várias mídias, demonstrando uma estratégia discursiva essencial para a fixação da desinformação no imaginário coletivo da população. Essa repetição constante é instrumentalizada dentro da arena de embate pelos sentidos como forma de demonstrar que esse posicionamento é enunciado muitas vezes por diferentes autores e repetido em outros aspectos. Esse enunciado foi veiculado também no Facebook em outro formato, mas com informações praticamente idênticas³⁴.

A esfera de recepção desses enunciados retoma as assertivas propostas na primeira amostra por pressupor, desde a criação, um auditório composto por interlocutores que

³⁴ A postagem foi realizada no Facebook pelo perfil de um político, a diagramação é exatamente a mesma (não será postado aqui o link por conta de possíveis violações do uso de imagem).

ressoem as assertivas contrárias ao isolamento social, adeptos do espectro político representador por Bolsonaro, e ávidos para encontrar os culpados pela crise sanitária provocada pela covid-19.

Esse fator reforça a ideia de que, os posicionamentos político-ideológicos dos indivíduos não refletem uma dimensão singularizada dos enunciados, mas sim, a forma paradigmática como se relacionam entre si. A percepção ressoa os postulados de Medviédev quando afirma que: “uma coletividade possuidora de percepção ideológica cria formas específicas de comunicação social” (2012, p. 53). Essa característica específica revela também que as diferentes formas de percepção ideológica são a tônica que impulsiona os embates pelos sentidos no campo da linguagem.

A estruturação do enunciado, com uma abundância de pontuação e exclamações, bem como a repetição do símbolo (*) como forma de demarcar as pausas e acentuar a entonação refletem uma organização estilística singular, quase como se o locutor buscasse representar o equivalente verbal à falta de fôlego, remetendo à ideia de que veio (literalmente correndo) contar essa novidade aos interlocutores.

As escolhas gramaticais e lexicais demonstram a intenção de transmitir uma mensagem, valendo-se do completo abandono das regras gramaticais da língua padrão, escrevendo da mesma forma que pretendia que o enunciado fosse lido, denotando pressa para comunicar a mensagem.

Novamente aqui, a situação comunicacional ideal prevista pelo locutor é a de alcançar exatamente o auditório pretendido, que irá agir da forma responsiva esperada frente ao enunciado, não somente compartilhando, mas também fortalecendo a crença nesse tipo de enunciado.

Nessa amostra, também, o locutor se posiciona dentro do espectro político da extrema direita brasileira, com um viés negacionista e anticientificista que embasa os discursos do ex-líder do executivo, trazendo tratamentos ineficazes e posicionamentos contrários aos paradigmas científicos aceitos até o momento. Se utiliza de recursos estilísticos e lexicais para conferir uma entonação positiva frente ao enunciado produzido, buscando mobilizar seu auditório contra o grupo de pessoas que supostamente busca lucrar com a pandemia e desestabilizar o ex-presidente da República.

Como principal foco do enunciado, pode-se citar a construção da ideia de que o Brasil está sendo saqueado pelos governadores, e que eles, a mídia e o Supremo Tribunal Federal conspiram juntos para derrubar Jair Bolsonaro, quebrar a economia e transformar o Brasil em um país similar à Venezuela.

Nessa amostra em especial, o enunciado que visa servir como substrato comparativo à interpretação e consequente análise da presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro constitui-se de uma live postada no Youtube no dia 06 de maio de 2021 e do pronunciamento oficial do ex-presidente ocorrido no dia 24 de abril de 2020. Entretanto, a live em questão possui 44 minutos de duração, o que impossibilita o trabalho de inserir uma possível transcrição total de seu conteúdo. Portanto, a metodologia empregada nesse caso visa, na seção interpretativa, analisar trechos da live e do pronunciamento de forma comparativa com a amostra, buscando assinalar variâncias e invariâncias, bem como o fenômeno da bivocalidade e a estilização da voz social da extrema direita enunciada pelo ex-líder do executivo.

O enunciado se inicia da seguinte forma: “***Bomba Sujeira...***”, a falta de sentido geral das palavras iniciais funciona como uma forma de chamar a atenção dos leitores, o uso das reticências após a palavra sujeira sugere que a explicação acerca do sentido pretendido com essas palavras irá vir em sequência, a palavra “**Bomba**” utilizada aqui no sentido figurado busca ressaltar que o conteúdo da mensagem será bombástico, explosivo, expressão utilizada para caracterizar algo que é extraordinário ou fora do comum. Já a palavra “**sujeira**” busca complementar o sentido trazido pela palavra “**Bomba**”, sabe-se que o conteúdo do enunciado é bombástico, portanto, propõe-se a discorrer acerca de uma suposta sujeira e que a informação é uma novidade extraordinária. Ao analisar mais a fundo o enunciado como um todo, percebe-se que a “sujeira” mencionada é referente a um suposto esquema de corrupção milionário envolvendo os governadores, a mídia, partidos políticos e o Supremo Tribunal Federal durante a pandemia.

Em seguida se insere o primeiro argumento de autoridade: “***Fiscalização da *Polícia Federal...***”, aqui nota-se a intenção do locutor em utilizar a Polícia Federal como uma Instituição que embasa as ideias propostas ao longo do enunciado, o efeito de sentido imediato dessa utilização é a de construir a ideia de que não é o locutor que faz acusações acerca da corrupção dos governadores durante a pandemia, mas sim a Polícia Federal, durante uma investigação oficial. Dessa forma, diminui-se drasticamente a

capacidade do interlocutor de contrapor os argumentos presentes no enunciado, dado que, a sua construção apresenta um argumento institucional de legitimidade.

Outro fator essencial a ser debatido acerca desse trecho é o uso constante e repetitivo do (*) asterisco, essa estratégia discursiva denota uma diferenciação para com a Amostras 1 e, mesmo, em relação à desinformação como um todo. Nesse sentido, a pesquisa pode somente apontar duas hipóteses acerca do seu uso, em primeiro lugar, o símbolo pode estar associado à sua significação gramatical, que indica uma relação intertextual com outro conteúdo, embora esse método seja utilizado de maneira rudimentar e somente valendo-se do apelo atrativo do símbolo, pode ser que sua utilização tenha sido exatamente instrumentalizada de maneira a chamar mais a atenção do leitor.

Outra hipótese que pode ser abordada é a de que esse símbolo é utilizado como uma estratégia de busca dentro do Google.com, quando inserido na barra de pesquisa ele funciona como um substituto para palavras desconhecidas em uma determinada frase³⁵. A estratégia possui um duplo sentido, uma vez que, pode ter sido empregada no percurso contrário, ou seja, ampliar o alcance do enunciado por inserir símbolos que o caracterizam e ampliam seu escopo de alcance dentro do algoritmo de busca de Google.

O trecho seguinte cita nominalmente alguns governadores que o locutor enquadra como corruptos: **“O governador Rui Costa recebeu só num primeiro momento 370.000.000 milhões do governo federal para o combate à Covid 19 no estado, mas não publicou no portal da transparência só publicou 45.000.000.00 milhões ontem o presidente publicou no DOU da união e declarou que os governadores irão ser fiscalizados que já foram identificados desvio de milhões na compra de descartáveis pela bahia, Ceará, Amazonas, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e outros estados do Sul do Nordeste ...”** a principal acusação sinaliza a ideia de um grande desvio das verbas direcionadas pelo governo Federal para a prevenção contra a pandemia de covid-19. Essa acusação é a temática principal do enunciado como um todo, tanto o início buscando ressaltar o caráter extraordinário do conteúdo, quanto os argumentos posteriores que inserem um rol de teorias conspiratórias acerca do contexto social brasileiro, e que funcionam como argumentos que buscam ressaltar a corrupção e a decadência moral desse grupo citado.

³⁵ Por exemplo, pode-se pesquisar “Sonho de uma noite de * - William Shakespeare” e o mecanismo irá encontrar a obra correta mesmo sem a palavra “verão”.

Essa escolha temática distancia-se de uma arbitrariedade, ou mesmo um oportunismo momentâneo frente ao momento histórico imediato vivido, e serve como estratégia discursiva para reforçar o maniqueísmo criado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, entre a forma como conduziu a pandemia e a forma proposta pelos governadores.

Essa criação de polos somente foi possível, na medida em que, todos os fios ideológicos que sustentavam o discurso de Bolsonaro foram constantemente reforçados por uma quantidade exorbitante de discursos desinformativos que ressoavam as assertivas do ex-líder do executivo.

Dentro do trecho, o argumento utilizado para incriminar o governador da Bahia Rui Costa (PT) e o governador de São Paulo João Dória (PSDB) são os mesmos, e partem da premissa de que ocorreu um desvio milionário das verbas destinadas pelo governo Federal para o combate à covid-19: **“*O governador Rui Costa recebeu só num primeiro momento 370.000.000 milhões do governo federal para o combate à Covid 19 no estado, mas não publicou no portal da transparência só publicou 45.000.000.00 milhões...”**, no caso de São Paulo os números são ainda maiores: **“ A *Polícia Federal* vai pra cima, só em São Paulo foi 627.000.000.00 milhões o * ((DÓRIA))* declarou que recebeu 87.000.000.00 milhões...”**. Em ambas as argumentações se percebe novamente a construção de um argumento pautado por números que legitimem o ponto de vista do locutor.

Dentro desse panorama contextual, é preciso ressaltar que ambos os governadores citados eram antagonistas declarados de Jair Bolsonaro, Rui Costa por ser do Partido dos Trabalhadores, partido constantemente atacado pelo ex-presidente e João Dória, que apesar de ter sido um aliado na vitória de Bolsonaro em 2018, tornou-se um inimigo do bolsonarismo, principalmente depois do surgimento da pandemia de covid-19.

Assim, o principal foco do enunciado é o de contrapor a conduta de Bolsonaro com relação à pandemia, frente à corrupção irrestrita criada pelos governadores. Dessa forma, constituem-se dois grupos específicos, aqueles a favor da corrupção e que concordam com os governadores, e aqueles que são “honestos” e concordam com Bolsonaro.

Outra característica importante a ser notada no trecho é a forma como a Polícia Federal é instrumentalizada, como sendo uma ferramenta do ex-presidente para acabar com a corrupção, em diversos trechos o locutor deixa transparecer a maneira combativa com que encara a atuação do órgão, revelando que a Polícia virou uma espécie de agência

de segurança particular do ex-presidente, nos trechos: **“ontem o Presidente publicou no DOU da união e declarou que os governadores irão ser fiscalizados”**; **“A *Polícia Federal* vai pra cima,”** e **“E O RESTANTE...A POLÍCIA FEDERAL QUER SABER ONDE ESTÁ O RESTO...”**, demonstram a forma como o locutor cria a noção de que a Polícia Federal é um órgão completamente alinhado com o ex-presidente da República, e que trabalha incansavelmente contra a corrupção e contra o grande complô armado por agentes mal-intencionados contra Bolsonaro.

Essa percepção advém, tanto da proximidade do ex-presidente com as classes militares de maneira geral, quanto das várias manifestações de apoio proferidas pela classe com relação à Bolsonaro.

Percebe-se que o enunciado inicia uma série de argumentos conspiracionistas que servem como embasamento e legitimação do argumento principal (o embate entre o ex-presidente e os governadores), tais argumentos valem-se de trechos de desinformações comumente compartilhadas durante o período.

Por conseguinte, pode-se relacionar tais argumentos com os marcos que norteiam a investigação, uma vez que sustentam a assertiva de Bakhtin (2014), que compreende que os enunciados são intrínsecos ao processo dialógico de linguagem e, portanto, sempre respondem seus antecessores e antecipam seus sucessores. Assim, pode-se compreender perfeitamente os fios ideológicos que tecem as narrativas acerca da pandemia e suas consequências considerando o momento histórico de sua enunciação.

Por consequência, os enunciados sempre devem ser analisados da maneira como postula Bakhtin (2011, p. 371), posto que: **“sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro nem o último. Ele é apenas um elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”**. Assim, os trechos demonstram apenas um elo na cadeia da comunicação dialógica, e asseveram a necessidade de compreender a forma como o espectro ideológico que lhe confere forma percebe a realidade, e ressoa suas vozes sociais dentro do discurso acerca da pandemia.

O primeiro trecho a evidenciar essa característica problematiza as projeções dos cientistas acerca da pandemia, bem como traz nominalmente os grupos e indivíduos considerados culpados pelo caos durante a pandemia: **“* * O PICO SERÁ EM MARÇO. O PICO SERÁ EM ABRIL. O PICO SERÁ EM MAIO. O PICO SERÁ EM JUNHO. * *-MANDETTA, GOVERNADORES, PREFEITOS, CONGRESSO, STF E A MÍDIA PODRE ... VÃO PROS QUINTOS...! ***. A primeira característica

estilística a ser evidenciada no trecho é o emprego das letras maiúsculas, que denotam a entonação empregada pelo locutor, bem como a ideia de que tais palavras remetem à gritos ou, ao menos um tom de voz mais elevado, revelando um sentimento de raiva impresso no texto.

Esse sentimento diz respeito ao fato de que esse grupo de indivíduos e grupos citados, propositalmente privaram os indivíduos de sua liberdade em prol de um suposto aumento exponencial no número de casos de covid-19. O fato de a doença ser algo novo para o campo médico e científico, e o coeficiente de acerto de uma previsão acerca de uma doença pouco estudada possuir uma ampla margem de erro³⁶ não interessa ao locutor, sua assertiva somente considera que tais equívocos são intencionalmente orquestrados como forma de endividar o país e derrubar o ex-presidente.

O grupo de pessoas citado pelo locutor: **“MANDETTA, GOVERNADORES, PREFEITOS, CONGRESSO, STF E A MÍDIA PODRE”** não evidenciam apenas um amplo conflito entre o ex-presidente da república e todas as instâncias do poder institucionalizado no Brasil (executivo, legislativo e judiciário), como também incluem a mídia criando um universo bipolarizado que ressalta uma característica primordial dos ciberpopulistas citada por Empoli (2019), onde esse tipo de líder não permite meio termo, e sempre posiciona-se frente à tudo e a todos como forma de reforçar a ideia de que a sua visão da realidade é a única possível.

Por conseguinte, a estratégia discursiva da amostra consolida a figura de Bolsonaro como a única fonte de verdade e razão dentro do contexto da pandemia para seus apoiadores. Os efeitos desse tipo de discurso maniqueísta, durante uma crise sanitária desse porte são incalculáveis, uma vez que, o grupo radicalizado que o apoia realiza ações performáticas que se enquadram na forma de apreensão do real imposta pelo ex-líder do executivo.

O trecho termina com o locutor mandando esse grupo de agentes mal-intencionados ir para o **“QUINTO DOS...”**, a palavra **“inferno”** foi suprimida propositalmente pelo locutor como forma de poupar sua audiência da palavra, como uma

³⁶ Para compreender melhor as projeções: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/04/pico-da-pandemia-entenda-os-cenarios-no-brasil-e-como-o-isolamento-afeta-projecoes-sobre-o-coronavirus.ghtml>

regra de etiqueta moral que busca evadir-se do uso de expressões e palavras de baixo calão.

O próximo argumento está pautado na premissa de que, esse grupo citado anteriormente, com ênfase para os governadores e prefeitos, é responsável pelo cerceamento da liberdade de circulação dos brasileiros: “***Prenderam todos em casa;*** - ***Não deixam vocês trabalharem;*** - ***Acabaram com a liberdade de ir e vir de todos nós***”, essa noção é embasada na ideia de que, a adoção de medidas restritivas como o isolamento social e o lockdown são artimanhas de um determinado grupo de agentes mal-intencionados que visa lucrar com o endividamento e consequente colapso da economia brasileira.

É interessante perceber o verbo utilizado no primeiro trecho: “**prenderam**”, essa escolha é realizada pelo locutor como forma de reforçar a ideia de que as decisões acerca do isolamento social e do lockdown não foram tomadas de maneira coletiva e democrática pela população, mas sim, impostas por parte do poder executivo, a mesma parcela acusada no enunciado de lucrar com a pandemia.

O trecho seguinte retoma as asserções de Jair Bolsonaro analisadas na primeira amostra que criam a falsa dicotomia entre empregos versus vidas, nela o ex-líder do executivo ressalta que as consequências da prevenção à covid-19 não podem ser mais danosas que o próprio efeito do vírus, sempre citando o desemprego, a miséria e a fome como consequências diretas das políticas de isolamento e lockdown aplicadas pelos governadores. Nele, o locutor emprega uma construção lexical e semântica que transmite a ideia de que o direito de trabalhar foi tolhido dos cidadãos brasileiros por prefeitos e governadores: “**Não deixam vocês trabalharem**”.

No último trecho analisado percebe-se o emprego do pronome da primeira pessoa do plural “**nós**”, como forma do locutor em se inserir junto ao seu auditório pretendido, nesse caso portanto, prescinde-se da formalidade da escrita em terceira pessoa para demonstrar que o locutor está unido ao seu grupo na defesa do ex-presidente, e justamente por isso, sua indignação e raiva (demonstrados na entonação e no emprego das maiúsculas) é tão válida, na medida em que ele também teve a sua “**liberdade de ir e vir**” negada.

Os próximos trechos a serem analisados trazem três argumentos pautados em desinformações que já circulavam nas redes sociais, a construção geral de sentidos

pretendidas com a inserção desses argumentos é a de embasar a estruturação arquitetônica da conspiração que atinge os brasileiros honestos e o ex-presidente da República. A dimensão verbal desses trechos visa evidenciar o nível organizacional e tecnológico empregado por esses agentes mal-intencionados em seu projeto de destruição nacional.

O primeiro trecho: **“Fizeram acordo com as concessionárias de telefonia para saber onde cada um está; *”**, funciona como uma resposta direta ao fato de que alguns governadores e prefeitos começaram a utilizar a função de localização dos celulares para rastrear aglomerações durante a pandemia³⁷. Essa metodologia foi adotada pelos governantes como forma de prevenir grandes aglomerações de indivíduos, que podiam acelerar a taxa de transmissão da covid-19, sentido esse, muito diferente do tom distópico utilizado pelo locutor como forma de embasar a noção de que pessoas que estivessem trabalhando seriam presas.

O próximo trecho diz respeito a uma crítica direta ao Supremo Tribunal Federal e a sua decisão de soltar todos os indivíduos que foram condenados em segunda instância, essa prática foi adotada pelo Ministro Marco Aurélio de Mello no dia 19 de dezembro de 2018 como forma de libertar todos aqueles que não finalizaram todos as etapas do processo de julgamento. Entretanto, diferente do conteúdo presente no trecho, as solturas não seriam realizadas de maneira irrestrita, mas sim, passando por todo um processo legal e, também, considerando o nível de periculosidade apresentado pelos detentos³⁸.

Em ambos os trechos analisados percebe-se a forte inclinação com que o locutor tece seus argumentos, de forma a expor aos interlocutores uma ideia de que existe conspiração que intenta semear o caos e a desordem no Brasil, seja pela vigilância e prisão dos cidadãos honestos que tentam trabalhar, seja pela soltura de todos os presos, condenados em segunda instância. Tal argumento é finalizado logo em sequência no trecho: **“Estão prendendo os trabalhadores...”**, que demonstra a maneira com que retoma as assertivas propostas anteriormente, concluindo a finalidade do rastreo de celulares.

O próximo argumento utilizado pelo locutor diz respeito à liberdade de expressão: **“Jornalistas, parlamentares, governadores, prefeitos, juízes do STF e outros podem**

³⁷ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/08/governo-de-sp-usa-dados-de-celulares-para-localizar-aglomeracoes.ghtml>

³⁸ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/19/marco-aurelio-mello-determina-soltura-de-todos-os-presos-com-condenacao-apos-2a-instancia.ghtml>

falar o que quiserem, menos o Presidente da República, este não!". A primeira característica a ser ressaltada diz respeito às escolhas estilísticas empregadas na construção do trecho, que conseguem revelar os posicionamentos axiológicos do locutor frente à realidade. Percebe-se que a palavra "**juízes**" aparece em minúscula, enquanto as palavras "**Presidente da República**" aparecem em maiúscula, essa escolha, longe de ser arbitrária, revela o posicionamento do locutor, que, mesmo sabendo que tanto o ex-presidente quanto os juízes ocupam posições de destaque e poder na sociedade brasileira, somente o ex-presidente merece ser tratado com letras de destaque.

O conteúdo temático do trecho novamente retoma a percepção de que existe uma conspiração em curso, que visa suprimir a voz do ex-presidente e monopolizar a narrativa acerca da pandemia por parte de grupos de agentes mal-intencionados, tal percepção cria a falsa equivalência de que todos os discursos acerca da pandemia são equivalentes. Portanto a voz do ex-presidente estaria sendo cerceada somente por motivações políticas e ideológicas, como forma de privar a população da verdade sobre a realidade e assim conseguir consumir seu objetivo de destruir o Brasil.

Em seguida, o locutor muda a forma de comunicação e adota um tom apelativo, que visa engajar seu auditório com relação às informações expostas anteriormente, toda a parte final do enunciado é composta de argumentos que visam causar emoções negativas nos interlocutores, como forma de demonstrar tudo que está sendo feito pelo grupo citado anteriormente (governadores, prefeitos, STF e mídia) para destruir o Brasil, dessa forma o locutor estrutura o enunciado de forma a realizar perguntas aos interlocutores.

Entretanto, todas as perguntas são retóricas, essa atitude é conduzida de forma a ressaltar características consideradas óbvias para o locutor, e que devem ser aceitas como integralmente verdadeiras pelo seu auditório. Dessa forma, quando cita: "**Quando é que você vai se dar conta que já roubaram teu emprego, tua liberdade, tua privacidade, teu direito de livre expressão, tua segurança, teu futuro, enfim, já estamos numa ditadura...**" o locutor busca elencar tudo que o grupo de agentes mal-intencionados já tirou da população, o efeito de sentido pretendido aqui é a criar a ideia de que tudo já foi retirado da população, o que mais faltaria então para que o povo se revolte contra esse grupo? Tal construção visa retomar o questionamento efetuado pelo locutor anteriormente: "**E você? o que está fazendo? * * Batendo panela? * * Vendo a Globo e a CNN?**".

Esse trecho mostra a forma como o locutor instrumentaliza todas as críticas que teceu ao longo do enunciado, roubaram o emprego, ou seja, o isolamento social e o lockdown proposto pelos governadores e prefeitos trouxe o desemprego. A liberdade também foi roubada por essas ações governamentais, que privam os indivíduos de ir e vir de maneira livre. A privacidade foi tolhida uma vez que os governadores controlam sua localização por meio do seu celular. O direito de livre expressão é negado posto que, dentro do enunciado, esse conceito é compreendido como o direito de ressoar as assertivas enganosas e distorcidas do ex-presidente da República acerca da pandemia. A privação da segurança é equivalente a soltura de todo o sistema carcerário brasileiro, tal qual o enunciado busca demonstrar. E, finaliza com a privação do futuro, a maior característica com caráter valorativo dentro do trecho, que intenta demonstrar que esse grupo de indivíduos anteriormente expostos tem como projeto político e social a destruição do Brasil para todos os cidadãos honestos.

A assertiva final do trecho: **“enfim, já estamos numa ditadura”** não busca demonstrar uma perspectiva conformista no sentido de que: já que estamos em uma ditadura não há nada para se fazer, mas sim, evidenciar aos interlocutores a real situação do Brasil, tencionando gerar engajamento e revolta em seu auditório.

O próximo trecho serve como um ultimato aos interlocutores, ao demonstrar que, a despeito de já estarmos em uma ditadura, ainda existe esperança, concentrada na figura do ex-Presidente da República: **“Basta derrubarem ... O PRESIDENTE Bolsonaro para virarmos uma Venezuela.”** Esse argumento reforça o posicionamento axiológico do locutor frente ao campo político e social brasileiro, deixando evidente suas preferências políticas e ideológicas. Ao analisar a dimensão verbal do trecho percebe-se que ele funciona como alicerce aos questionamentos retóricos e os fatos elencados anteriormente, retomando todos os fatores negativos presentes na realidade brasileira, e contrapondo toda a corrupção e violência imposta pelos governadores à liberdade e a honestidade de Jair Bolsonaro.

Esse argumento também serve para cristalizar a imagem do ex-presidente como último bastião da liberdade, da resistência e da honestidade contra uma onda de corruptos e depravados que buscam sistematicamente assaltar o país e empobrecer a nação. Tal recurso argumentativo possui forte caráter valorativo dentro do auditório que percebe tais assertivas como verdadeiras, uma vez que, o tom do trecho é altamente escatológico, não

se trata mais de uma mera dicotomia esquerda contra direita, PT contra PSDB, mas sim o futuro do país. O uso desse tipo de argumento consegue explicar muito da recente radicalização de uma parcela da população brasileira no entorno da figura de Jair Bolsonaro.

A instrumentalização do recurso apelativo: “**virarmos uma Venezuela**” retoma uma temática amplamente utilizada dentro do horizonte temático da parcela bolsonarista da população. O argumento serve como parâmetro de comparação direta e equivalente com o modo de governo de um país controlado pela esquerda e considerado uma ditadura comunista. Esse parâmetro associa esse tipo de governo com fome, miséria, desigualdade social, além de violência, repressão e diminuição dos direitos civis.

Essa argumentação é comumente utilizada pelo ex-presidente da República³⁹ como fator de caracterização do que o Brasil não pode se tornar. Dessa maneira, quando o locutor diz que já estamos em uma ditadura, e que o último fator que resiste à transformação do Brasil em um país análogo à Venezuela é a manutenção do ex-presidente em seu cargo, a real intenção é associar todo o grupo anteriormente citado (governadores, prefeitos, STF e mídia) com a extrema esquerda e denotar que o modo de ação desse grupo é o mesmo do governo Venezuelano, e portanto, as cenas que marcaram a última década na Venezuela irão, forçosamente, se repetir no Brasil com a queda de Bolsonaro.

Este argumento vale-se da função apelativa, gerando inferências relativas ao movimento de privação de liberdade e destruição econômica imposto pelo grupo de agentes mal-intencionados, para então conseguir impor um governo ditatorial que irá acabar de vez com o Brasil.

O trecho seguinte cita nominalmente outro personagem muito utilizado pelo discurso desinformativo ligado ao ex-presidente da República: “**Lembro mais uma vez o que disse o Terrorista *Zé Dirceu*, condenado a mais de 30 anos de prisão; *NÓS VAMOS TOMAR O PODER, QUE É DIFERENTE DE GANHAR ELEIÇÃO.**”. A primeira característica a ser evidenciada acerca do trecho é o uso do adjetivo “**terrorista**” para caracterizar a figura política de José Dirceu, nesse sentido, esse adjetivo funciona

³⁹https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,852372/brasil-nao-pode-virar-uma-venezuela-dizem-bolsonaro-e-guedes-a-toff.shtml

como um signo ideológico imerso em toda uma gama de significações negativas ligadas à sua figura.

Primeiramente, existe o fator histórico que liga a atuação de José Dirceu como líder de movimento estudantil durante a ditadura militar com terrorismo. Também o fato de ele ser um dos fundadores do Partido do Trabalhadores incrementa a visão do locutor ao ligá-lo com a ideia de terrorismo. Entretanto, a principal motivação do uso do adjetivo advém do fato de que o político brasileiro realmente disse a frase citada no enunciado “**É uma questão de tempo pra gente tomar o poder**⁴⁰”, a despeito da leve diferença na construção do enunciado, o sentido permanece o mesmo. Tal declaração foi extremamente criticada pela classe política e pela sociedade como um todo, passando a instrumentalizar os argumentos dos setores da política e da sociedade ligados à extrema direita brasileira como forma de comprovar que o Partido dos Trabalhadores possui um plano de ação para tomar o poder no Brasil de maneira antidemocrática.

Para além da crítica direta à José Dirceu, o interessante a ser evidenciado nesse trecho é a forma como o locutor constrói seus argumentos de maneira a conduzir à compreensão de seu auditório por meio da estruturação de uma linha de raciocínio que induz inferências nos interlocutores, relacionando todos os fatores negativos elencados anteriormente com o fato culminante de o Partido dos Trabalhadores e, conseqüentemente, a esquerda, tomar o poder.

Esse raciocínio serve como substrato ao locutor para amarrar os fios ideológicos mobilizados durante todo o enunciado, dessa maneira, pode-se criar fronteiras bem delimitadas que dividem o grupo liderado por Jair Bolsonaro, e sustentado pela honestidade e civilidade, contra um outro grupo ideológico, personificado na figura de José Dirceu e composto por todos os grupos e indivíduos citados anteriormente, que defendem os ideais políticos da esquerda e adotam os métodos repressivos, violentos e antidemocráticos quando ascendem ao poder.

Em uma análise mais apurada das características estilísticas do trecho, percebe-se o emprego de letra maiúscula na palavra “**Terrorista**”, o que nos remete às análises anteriores com a diferenciação entre os ‘**juízes**’ em minúscula e o “**Presidente da República**” em maiúscula. Entretanto, nesse caso, o emprego de maiúsculas e minúsculas

⁴⁰ Frase foi dita durante uma entrevista ao jornal El País: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/24/politica/1537815456_213002.html

não está relacionado com as características valorativas percebidas pelo locutor e sim, como uma forma de destacar a palavra, reforçando sua entonação e demonstrando que a construção de sentidos pretendida somente pode ser alcançada por aqueles que leem e compreendem José Dirceu como um terrorista.

Também o emprego de letras maiúsculas em toda citação de José Dirceu é instrumentalizado de forma a ressaltar o caráter absurdo das palavras do político, nesse ponto o locutor retoma o caráter argumentativo retórico dos trechos anteriores ao evidenciar o trecho com as maiúsculas, como se o emprego desse recurso estilístico fosse uma forma de mobilizar seu auditório ao mostrar contra o que exatamente o ex-presidente Bolsonaro está lutando.

O trecho final do enunciado também é construído inteiramente com letras maiúsculas, novamente em uma tentativa de evidenciar a importância de seu conteúdo: **“ESTAMOS PERDENDO TUDO, MAS COMO *OTÁRIOS*, * CONTINUAMOS ACEITANDO O QUE A MÍDIA FALA! DESLIGUEM * *A TV...! * * PARA VIRARMOS* * VENEZUELA SÓ FALTA A * * ECONOMIA FALIR* *”**.

Nesse trecho, novamente o locutor vale-se de uma construção lexical que abrange o locutor dentro da coletividade pretendida, isso ocorre ao empregar o verbo “**estar**” na primeira pessoa do plural, essa construção suprime o pronome (nós) e coloca o locutor junto ao seu auditório. Dentro dessa lógica, não são somente eles que perdem tudo, mas sim, Nós. Essa característica é uma estratégia discursiva empregada para aproximar o locutor e seus interlocutores, dado que, todos os argumentos citados anteriormente não somente atingem o auditório como também o próprio locutor, dessa forma, pode-se acrescentar um verniz de imparcialidade no enunciado ao reafirmar que tais asserções não estão sendo utilizadas apenas como forma de apoiar um determinado lado do espectro político e ideológico, mas sim como forma de protesto ante à violência cometida por agentes mal-intencionados contra a população brasileira como um todo.

O trecho: **“ESTAMOS PERDENDO TUDO”** também funciona de forma remissiva ao restante do enunciado, uma vez que, tal dimensão verbal recobra todos os fatores negativos elencados até o momento (corrupção, privação de liberdade, destruição da economia e do futuro), dessa maneira, o locutor pretende arrematar a estrutura ideológica do enunciado de forma a inocular o sentimento de revolta ante essa organização de mundo.

Na parte seguinte percebe-se novamente a intenção de engajar o seu auditório ao utilizar o adjetivo pejorativo **“OTÁRIOS”**, dentro da construção do enunciado, o adjetivo, apesar de utilizado no sentido pejorativo, serve como ferramenta para demonstrar que o modo de ação das pessoas está equivocado, e que, essa metodologia de ação somente pode ser corrigida se os interlocutores passarem a seguir os comandos citados pelo locutor.

Nesse sentido, é importante ressaltar a ambiguidade contida no trecho. Dado que, o locutor insere-se junto ao auditório por utilizar o verbo **“ESTAMOS”** na primeira pessoa do plural ele não poderia ser um **“OTÁRIO”** por continuar agindo de maneira errada **“ACEITANDO TUDO QUE A MÍDIA FALA”** e, ao mesmo tempo, conhecer um modo de ação correta que faça seu comportamento superar o estado de **“OTÁRIO”**. Tal discrepância evidencia o projeto ideológico defendido pelo locutor, por demonstrar que, a despeito das escolhas lexicais serem instrumentalizadas de forma a homogeneizar locutor/auditório, a realidade é que o locutor se encontra situado em uma outra posição, que supera àquela ocupada pelo auditório, e que somente pode ser alcançada pela aceitação irrestrita do enunciado. Também pode-se perceber o emprego do recurso de inserir-se no auditório é empregado pelo locutor ao conjugar o verbo **“continuar”** na primeira pessoa do plural. O horizonte temático pretendido com essa afirmação atende às asserções propostas anteriormente pelo enunciado ao caracterizar a mídia como um dos grupos de agentes mal-intencionados responsáveis pelo projeto de destruição do país.

O trecho seguinte serve como um complemento à ideia de aceitação passiva do conteúdo da Mídia Tradicional: **“DESLIGUEM * *A TV...!”**, a asserção do enunciado ao impor um comando no imperativo, somado ao fato de a mensagem se encontrar em letras maiúsculas, denota, não uma suposta raiva com relação ao auditório, mas antes um nível extremo de indignação com a alienação sofrida pelos indivíduos que continuam acreditando no veículos de mídia tradicionais.

O ato de colocar um trecho com uma ordem imperativa, de como o auditório deve se portar frente à algum aspecto da realidade é recorrente nos enunciados, todo o tom de sua construção demonstra um locutor mais enérgico que o da primeira amostra, que pretende inserir um tom escatológico como função apelativa, denotando que o futuro do Brasil está intrinsecamente ligado à aceitação do enunciado pelos interlocutores.

Por fim, o locutor retoma a ameaça articulada anteriormente como forma de ressaltar sua veracidade e importância: **“PARA VIRARMOS* *VENEZUELA SÓ FALTA A* *ECONOMIA FALIR”**. Assim, o locutor consegue novamente inocular as motivações ideológicas que estruturam todo o enunciado, de uma forma que instrumentalizam todos os argumentos expostos até o momento.

O trecho que encerra o enunciado segue os parâmetros comuns à desinformação com a inserção da função apelativa, buscando engajar seu auditório e ampliar o alcance da mensagem: **“Estou copiando e colando pra poder enviar pra mais cinco * * Repassem pra mais 5... em 20 minuto todo o Brasil estará sabendo...”**.

Para além da construção estilística que instiga o compartilhamento da mensagem, pode-se perceber uma remissão a um trecho anterior: **“Estão impedindo que repassem mensagens para mais de uma pessoa pelo WhatsApp”**. Essa construção indica que o locutor propositalmente inseriu o complemento do trecho final, para lembrar aos interlocutores que a única razão pela qual é necessário **“copiar e colar”** a mensagem é porque o grupo de agentes mal-intencionados, que busca privar os cidadãos de sua liberdade de expressão impediu o uso irrestrito do recurso de compartilhamento de mensagens no WhatsApp.

Também é interessante evidenciar o caráter totalizante do encerramento do enunciado, se o auditório se engajar e realmente compartilhar a mensagem, tal como pede o locutor em **“20 minuto todo o Brasil estará sabendo”**, essa asserção representa a forma como o locutor apreende a própria realidade, entendendo que, a única razão plausível para um cidadão não compartilhar a mensagem seria o fato de não conhecê-la, articulando assim um argumento totalizante que pressupõe a veracidade irrestrita dos fatores narrados.

Como forma de identificar os principais fios ideológicos que movimentam o enunciado e, possivelmente, ressoam a voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro em seu interior, tornou-se necessário isolar alguns matizes ideológicos específicos que permitem a comparação equivalente com os discursos do ex-Presidente da República a serem utilizados.

O primeiro tópico a ser avaliado é a crítica aos governadores, tanto no tange à corrupção, quanto às práticas relativas ao enfrentamento da pandemia como um todo, incluindo o isolamento social e o lockdown.

Posteriormente, passa-se para o tema mais ideológico do enunciado, que tece conjecturas acerca de um suposto grupo de agentes mal-intencionados composto por líderes partidários, prefeitos, governadores, ministros do Supremo Tribunal Federal e também a mídia tradicional como um todo, que buscam corroer as bases econômicas do Brasil e colapsar sua economia.

Também os subtemas identificados, relativos às desinformações menores, tais como o cerceamento da liberdade de expressão e a soltura dos condenados em segunda instância também serão levados em consideração.

Por fim, a temática central a ser comparada é a premissa de que existe uma conspiração em curso no Brasil, que envolve todas as esferas do poder político brasileiro e também alguns setores da sociedade civil, que estão organizados para derrubar o ex-presidente e transformar o Brasil em algo análogo à Venezuela.

É importante observar as características dos dois enunciados utilizados de forma comparativa à amostra 2, o primeiro refere-se a um pronunciamento oficial realizado no dia 24 de abril de 2020 que trata da demissão do ex-ministro da justiça Sergio Moro, e o segundo uma live realizada no dia 6 de maio de 2021, quase um ano após o surgimento da segunda amostra.

Por consequência, é imprescindível ressaltar a mudança estilística das amostras entre um enunciado e outro, no primeiro, por se tratar de uma cerimônia orquestrada para ser solene, o tom do ex-presidente, bem como o assunto tratado são extremamente formais e sérios.

O segundo enunciado, por se tratar de uma live, e não de um pronunciamento oficial, demonstra uma mudança de tom do ex-presidente, que é muito mais ameno e informal, e, mesmo que o conteúdo seja aberto ao público, e Jair Bolsonaro ainda se utilize de sua posição como chefe do executivo para realizá-la, o auditório pretendido é o grupo radicalizado que o apoia.

O pronunciamento⁴¹ foi realizado no Palácio do Planalto na companhia de todos os seus ministros, alguns familiares e apoiadores, sua duração foi de quarenta e seis

⁴¹ O texto do pronunciamento na íntegra pode ser acesso em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-pronunciamento-de-bolsonaro-depois-da-saida-de-moro/>

minutos e, na maior parte do tempo a temática foi a demissão de Sergio Moro como ministro da justiça.

Já a live foi realizada em uma sala de reuniões, que tem como fundo estantes com livros, também estão presentes na live uma tradutora de LIBRAS que transmite o conteúdo em Língua Brasileira de Sinais, e também Pedro Guimarães⁴² que, na época era ex-presidente da Caixa Econômica Federal, a live durou aproximadamente quarenta e quatro minutos.

Também é imprescindível ressaltar que, a despeito da infinita variedade de temas abordados, tanto no pronunciamento do dia 24/04/2020 quanto na live realizada no dia 06/05/2021, a investigação preza pelas características específicas que consigam mobilizar os mesmos fios ideológicos presentes na amostra 2, envolvendo os argumentos que contrapõe o ex-chefe do executivo à determinados grupo, tais com o STF, políticos de esquerda e veículos de mídia tradicionais.

A primeira abordagem interpretativa nesse sentido busca ressaltar as semelhanças entre o pronunciamento analisado e a segunda amostra, denotando a possível presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro em seu interior, evidenciando a presença do fenômeno da bivocalidade. Nesse quesito, o pronunciamento demonstrou poucas características similares uma vez que a totalidade de sua execução foi a de legitimar o posicionamento de Jair Bolsonaro frente às atitudes de Sergio Moro no momento de sua demissão.

Entretanto, algumas características valorativas do discurso de Jair Bolsonaro ainda ressoam as principais facetas ideológicas e suas consequentes visões da realidade: **“Nós botamos um ponto final nisso. Isso foi muito caro para mim. Poderosos se levantaram contra mim e é uma realidade. É uma verdade. Eu estou lutando contra o sistema, contra o establishment. Coisas que aconteciam no Brasil praticamente não acontecem mais...”** (BRASIL, 2020). Aqui, percebe-se uma construção sutil do argumento ferozmente defendido na amostra, na medida em que o ex-presidente também se considera como o último bastião de liberdade que se impõe contra a totalidade de um sistema corrupto. Assim, percebe-se que a mobilização de sentidos é a mesma da amostra, a de ressaltar o fato de que o espectro político habitado por Jair Bolsonaro é o único que

⁴² Pedro Guimarães saiu do posto após um escândalo envolvendo acusações de assédio sexual: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/04/bolsonaro-diz-que-guimaraes-foi-afastado-da-caixa-e-em-seguida-se-corrige-ele-pedi-afastamento-ta.ghtml>

ainda possui valor moral e honestidade. Ainda dentro desse aspecto, é preciso retomar a hipótese já debatida anteriormente de que a desinformação funciona como uma estratégia discursiva que amplia o alcance e os significados dos pronunciamentos do ex-presidente, nesse sentido, tudo que não pôde ser verbalizado oficialmente⁴³ é então inserido no discurso desinformativo, que alcança, majoritariamente o público alvo visado pelo próprio ex-presidente.

Em um trecho seguinte, o ex-presidente contextualiza quem seria o real antagonista de sua atuação como chefe do executivo e, conseqüentemente, quem é contra o combate à corrupção: **“E me desculpem a modéstia [sic]: em grande parte pela minha coragem de indicar um time de ministros comprometido com o futuro do Brasil. Continua não sendo fácil, mas pode ter certeza que hoje em dia eu conto com muitos parlamentares dentro do Congresso Nacional que já comungam dessa tese. De vários partidos, exceto os da extrema-esquerda porque o que eles querem, no final das contas, é roubar a nossa liberdade. No que depender de mim, não medirei esforços para que isso não aconteça...”**. (BRASIL, 2020). Nesse trecho percebe-se que o ex-presidente instrumentaliza seus argumentos de maneira a reforçar sua percepção maniqueísta acerca da realidade, em um primeiro momento disserta acerca de seu time de ministros e o compromisso dos mesmos com o futuro do Brasil, em seguida relata que alguns membros do Congresso Nacional comungam com essa visão de mundo, para em seguida citar que: **“exceto os da extrema-esquerda porque o que eles querem, no final das contas, é roubar a nossa liberdade”**, nesse sentido está construído o argumento principal do ex-presidente, que se pauta na divisão entre o grupo honesto integrado por ele e o grupo corrupto composto pelos partidos de esquerda.

Ao analisar comparativamente ambos os enunciados, é interessante denotar a maneira como a dimensão verbal dos enunciados encontra signos idênticos em sua construção de sentidos, nos dois casos projeta-se o **“roubo da liberdade”** como uma tática consolidada por um grupo de agentes mal-intencionados. E, nos dois casos, esse grupo é liderado pela esquerda, seja nos **“partidos”** citados no pronunciamento, seja com a figura de José Dirceu na amostra.

⁴³ Ataques diretos à Instituições como o STF e o Congresso Nacional, bem como acusações sistemáticas à Mídia e a indivíduos específicos podiam extrapolar o tom controlado pretendido por Bolsonaro nesse pronunciamento.

Assim, toda a mobilização dos fios ideológicos pretendida com a amostra denota seu percurso de construção de sentidos, evidenciando que todos os fatores elencados indicam uma tentativa de ruir a economia brasileira por parte desse grupo, que já está em ação dentro do campo político e social brasileiro.

No trecho seguinte o ex-presidente faz uma inferência indireta às práticas de isolamento social e lockdown mencionadas na amostra: **“Nunca pedi para blindar ninguém da minha família. Jamais faria isso. Agora, eu lamento que aquela pessoa que mais tinha que defender dentro de uma legalidade... teve um clima, sim, pesado com o senhor Ministro na última reunião de ministros onde cobre dele na frente de todos os ministros que ele tomasse uma posição sobre a prisão e algemas usada contra mulheres na praia. Mulheres em praça pública, como de Araraquara. ...”** (BRASIL, 2020). Aqui, o ex-presidente cita um acontecimento específico que o fez apelar para a interferência de Sérgio Moro.

Esse caso remete à prisão de uma mulher que estava sentada em uma praça desrespeitando o lockdown imposto na cidade de Araraquara⁴⁴, nesse vídeo a mulher em questão desacata oficiais da Guarda Municipal que a questionam acerca do motivo de estar desrespeitando as medidas protetivas contra a covid-19. No vídeo a mulher aparece afirmando que o coronavírus é um “circo” armado pela imprensa comunista com a intenção de implantar uma ditadura comunista liderada pelo Partido dos Trabalhadores no Brasil.

Assim, a amostra consegue instrumentalizar tudo que o ex-presidente disse de forma contida durante o pronunciamento, ao afirmar que intercedeu pela mulher presa em Araraquara, ele manda uma mensagem clara acerca do seu posicionamento sobre o isolamento social e lockdown. Ressoando assim as assertivas presentes na Amostra ao afirmar que medidas básicas de enfrentamento à pandemia são em realidade um cerceamento da liberdade dos cidadãos brasileiros.

O trecho seguinte retoma a temática acerca do método de ação dos governadores: **“A minha vida, as minhas ações, muitas vezes, elas são de 1 arrebento de explosão. Eu não posso admitir cercear o direito de ir e vir de quem quer que seja. E a lei que fala sobre isso no caso de pandemias é alguém comprovadamente infectado. A decisão dessas medidas coercitivas cabem aos respectivos governadores e prefeitos.**

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abH-5gmm0jw>.

Assim decidiu o STF. E uma vez decidido não cabe a mim questionar mais...” (BRASIL, 2020). Aqui todos os culpados são nomeados, tal qual na amostra.

O percurso de construção de sentidos é extremamente similar ao da amostra ao asseverar que existe um processo de cerceamento da liberdade dos indivíduos, e que essa prática foi implantada por prefeitos e governadores e legitimada pelo Supremo Tribunal Federal.

Por fim, o pronunciamento traz o posicionamento exato de Jair Bolsonaro acerca da ação dos governadores na pandemia: **“Prefeitos, alguns governadores, em cima disso estão cometendo tremendos absurdos e o governo federal tem que se posicionar. Tem que pressionar o STF, entrar com ações. E quem tem que fazer isso? O presidente ou o ministro da pasta responsável. Isso incomoda a ele. É o ministro lamentavelmente desarmamentista...”** (BRASIL, 2020).

Aqui o fato de o ex-Ministro Sergio Moro preferir não interferir nas ações dos prefeitos e governadores causa um grande incomodo no ex-presidente da República, a partir de tais asseverações percebe-se inicialmente um descontentamento com Moro, mas também pode-se perceber que Bolsonaro cria um posicionamento axiológico com relação ao método de ação dos prefeitos e governadores durante a pandemia, temáticas essas que serão recobradas e ampliadas no enunciado da segunda amostra.

A partir desse momento, é preciso analisar comparativamente o enunciado da segunda amostra com a live escolhida para a investigação. A escolha dessa live em específico não ocorre de maneira arbitrária, mas sim reflete uma escolha pautada por duas razões específicas. Em primeiro lugar, o fato de a live ter sido gravada aproximadamente um ano após o surgimento da amostra, possui caráter valorativo que demonstra a forma como essa amostra passou a integrar a cadeia dialógica do discurso, e de que forma foi respondida pelos enunciados que o sucederam.

Em segundo lugar, é preciso destacar que a live em questão aborda todas as temáticas presentes na Amostra, em alguns casos utilizando termos idênticos ou crucialmente similares, o que possui uma potencialidade imensa em denotar a presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro dentro da amostra.

Também por prescindir da formalidade de um pronunciamento oficial, esse formato de vídeo transmitido pelo ex-presidente traz uma organização lexical muito próxima da utilizada para construir o enunciado da amostra.

A primeira temática abordada pelo ex-presidente na live diz respeito ao desemprego: **“2:12: Quem tá sofrendo muito com o desemprego é o informal... é o informal. Esse é difícil recuperação. Agora tem muita gente que, que o seu comércio foi fechado por ordem de governador, não foi minha não, de governador. Se você então tá desempregado, quer reclamar de alguém, tem todo direito, agora, foi o teu governador do estado que fecho o comércio, ou o teu prefeito quem fecho o comércio. Que te obrigou a ficar em casa”** (BRASIL, 2021).

Aqui as temáticas amplamente abordadas na segunda amostra são retomadas em sentido quase integral, expia-se a culpa pelas mortes e pela crise econômica para então apontar um culpado, o mesmo culpado que os pronunciamentos do ex-presidente, e também o discurso da desinformação já vinham construindo ao longo de todo o ano. Assim, os reais culpados pelo desemprego e pela situação econômica atual do Brasil são os governadores e prefeitos, que agiram com clara intenção de colapsar a economia.

É interessante observar o verbo empregado pelo ex-presidente: **“obrigou”**, ao utilizar esse recurso verbal, busca-se a associação direta com os parâmetros impostos pela amostra que criavam uma relação intrínseca entre prefeitos, governadores e o grupo de agentes mal-intencionados que buscava roubar a liberdade dos cidadãos no Brasil.

O ex-presidente também mobiliza seu discurso combativo contra outro grupo mencionado dentro da amostra: **“3:49: Todo sábado e domingo eu dou uma volta ai dou um passeio de moto em Brasília, e conseguimos sair despistando a imprensa, porque a imprensa só vai pra atrapalhar. Se fosse pra mostrar coisas que tão acontecendo, como as pessoas tão vivendo, como essa pessoa perdeu o emprego...** (BRASIL, 2021).

Aqui a imprensa adquire o mesmo significado que aquele construído ao redor da **“mídia”** citada na amostra, sendo conceituada pelo ex-presidente como um grupo de pessoas que visa somente prejudicar sua imagem e distorcer a realidade. Essa conjunção de sentidos adentra a cadeia dialógica do discurso como uma construção que visa demonizar o jornalismo factual como tendencioso e parcial, sempre buscando acabar com a reputação do ex-presidente da República.

Dado isso, percebe-se que a presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro na amostra denota que a mídia possui um papel preponderante na manutenção da alienação da população brasileira. Assim, quando o locutor da amostra tece comandos imperativos que visam afastar o seu auditório do jornalismo factual “**GLOBO, CNN**”, o real objetivo é demonstrar que tais veículos de mídia possuem uma relação simbiótica com o grupo de agentes mal-intencionados que busca destruir o Brasil.

O trecho seguinte novamente busca relacionar a privação da liberdade com o método de ação dos prefeitos e governadores: “ **6:30: Então ninguém pode ser contra o artigo 5º da Constituição, agora, porque eu tô falando isso, porque tem alguns governadores, alguns prefeitos, que estão fazendo isso. Será que tá na hora de eu fazer isso aí? Baixar um decreto, pra garantir, por exemplo, o direito de ir e vir do cidadão?** (BRASIL, 2021).

Aqui novamente percebe-se a relação entre o enunciado da desinformação e a live, ao propor que a ação de prefeitos e governadores é inconstitucional. Essa premissa ressoa também o pronunciamento analisado previamente, posto que, o argumento que sustenta o espectro ideológico protagonizado por Bolsonaro pauta-se na premissa de que isolar a população durante uma pandemia é o equivalente a uma medida ditatorial totalitária que restringe as liberdades mais básicas do ser humano.

Também é preciso evidenciar que, a real construção de sentido por trás desses enunciados é a de associar as práticas de isolamento social e lockdown com uma suposta conspiração para derrubar o ex-presidente, colapsar a economia e tomar o poder. Tal construção pode ser percebida pela maneira como o ex-presidente se utiliza de recursos remissivos que a todo momento associam o desemprego e a crise econômica com a política de prevenção à covid-19.

O trecho seguinte traz um trecho muito debatido dentro da amostra: “**11:38: Aqui, rapidamente, a esquerdalha que gosta tanto de elogiar a Venezuela. Parabéns, aí, subiu o salário mínimo da Venezuela: 4 dólares, mais ou menos 23 reais aí, 22 reais, o salário mínimo na Venezuela, não sei porque o único gordo da Venezuela é o Maduro.** (BRASIL, 2021). Aqui o ex-presidente traz um exemplo de quanto vale o salário mínimo da Venezuela como forma de instrumentalizar seus argumentos acerca da sua percepção sobre governos de esquerda em geral.

O uso da Venezuela como parâmetro geral de fracasso da esquerda no campo político e social sempre foi amplamente utilizado, especialmente por Bolsonaro, e o fato desse trecho constar em sua live reforça a perspectiva de que a sua utilização dentro da amostra ressoa um tema recorrente da voz social da extrema direita e de sua forma de apreender a realidade.

O próximo passo de Bolsonaro é ironizar a atuação da CPI da pandemia e inocular suspeitas acerca de supostos esquemas de corrupção envolvendo governadores durante a pandemia: **“18:48: Atenção aí Ministro, guarda essas frases aqui que mais matou gente na pandemia no Brasil: Frase do Presidente Jair Bolsonaro, e botou várias frases lá, sabe qual seria minha resposta? Prezado senador, excelentíssimo senador, frase não mata ninguém, o que mata é desvio de recurso público que o seu estado desviou”**.

A maneira como o ex-presidente conduz o foco discursivo de seu enunciado demonstra a relação intrínseca que existe entre seu discurso e a desinformação, o ato de minimizar os efeitos destrutivos de sua atuação da pandemia e deslocar o campo de embate para o tema genérico “corrupção” denota a maneira como essa temática adentra o escopo do discurso desinformativo. Também, aqui a ideia é tornar o debate mais “pragmático” excluindo fatores subjetivos, tais como as atitudes responsivas dos cidadãos frente ao modo de ação do ex-chefe do executivo em prol de fatores reais, tais como o roubo e desvio de dinheiro público, realizado pelos governadores e prefeitos, sob a suposta premissa de “**salvar vidas**” durante a pandemia.

A acusação direta a um parlamentar, associando o desvio de verbas especificamente a um “**estado**” demonstra a forma como o discurso do ex-presidente é crucialmente similar ao adotado pela amostra, uma vez que, mais uma vez embasa a tese de que existe uma conspiração em curso que visa derrubá-lo e, posteriormente, destruir o Brasil.

O trecho seguinte articula uma suposta relação entre o ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e a Rede Globo: **“ 30:57: Nosso querido marqueteiro da Globo: Mandetta disse que a vacina poderia ter começado em novembro, Mandetta disse. É isso mesmo?... Que poderia ter começado em novembro a vacina. Só que a primeira pessoa a ser vacinada no mundo, não foi em novembro, foi em dezembro, dia 8 de dezembro, do Reino Unido, que é fabricante da vacina, tão... ser ministro**

da saúde de fora é fácil... é fácil o Mandetta é aquele cara que condena a cloroquina, e fala o que pra você? Fica em casa, quando você tiver sentindo falta de ar (imita falta de ar) se vai pro hospital, pra fazer o que? Pra toma o que? Se não tem nenhum remédio comprovadamente científico. Pra ser intubado, esse é o protocolo do Mandetta”.

Mandetta é um dos agentes citados nominalmente como protagonista no processo de destruição do Brasil, no enunciado da amostra o locutor inclusive manda o ex-Ministro **“PROS QUINTOS...”** denotando a forma agressiva como encara a figura de Mandetta. Dentro da live, Bolsonaro busca associar a figura do ex-Ministro com a Rede Globo, outro grupo notório por agregar a antipatia Bolsonarista. Essa escolha do ex-presidente reflete a forma como busca construir inferências muito similares às propostas pela amostra, na medida em que, o grupo conceituado parte do pressuposto de gerar o caos a partir da pandemia para enfraquecer a economia brasileira.

Dessa forma, ao desacreditar a perspectiva do ex-Ministro da saúde acerca da temática, Bolsonaro infere que todo o seu posicionamento está contaminado pela sua associação secreta com o grupo de agentes mal-intencionados caracterizado dentro da amostra.

Por fim, o último trecho a ser utilizado comparativamente com a amostra remete novamente à Venezuela: **“39:40: Eu vou dar auxílio emergencial de 600 reais eternamente, pessoal vota nele, fizeram na Venezuela isso aí, um país riquíssimo, em ouro, em petróleo, olha a desgraça que tá”**. (BRASIL, 2021). A primeira característica de caráter valorativo a ser destacada no trecho remete ao fato de que, a despeito da crítica do uso de políticas sociais com função eleitoral, Jair Bolsonaro, pouco mais de um ano depois da realização da live, adotou a mesma prática que, segundo o mesmo, resulta em **“desgraça”**⁴⁵.

Novamente aqui, a Venezuela é tida como parâmetro geral de corrupção e destruição social e política, sempre amparada pelo argumento que associa o modo de ação com partidos de esquerda. O fato de o ex-presidente mobilizar esse argumento duas vezes dentro da live demonstra como essa temática possui forte caráter valorativo, intrínseco ao horizonte temático de seu auditório. Tal argumento, também aparece duas vezes dentro

⁴⁵ Mais informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/com-bolsonaro-congresso-promulga-pec-que-amplia-beneficios-em-ano-eleitoral.shtml>

da amostra, e a construção de sentidos é idêntica e remete à ideia de que, ao adotar as práticas do grupo de agentes mal-intencionados, vinculados à esquerda política, o resultado direto é a criação de um contexto perfeito para a transformação do Brasil em um país análogo à Venezuela.

De maneira geral, percebe-se que ambos os enunciados utilizados comparativamente possibilitam a compreensão acerca da presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro dentro da amostra, comprovando novamente a hipótese de que a desinformação serve como instrumento retórico de mobilização dos fios dialógicos que tecem as narrativas acerca da realidade objetiva dentro do grupo radicalizado de apoiadores do ex-presidente da República.

Conclusão

Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega... A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam.

José Saramago – Ensaio sobre a Cegueira

Para produzir uma síntese que consiga caracterizar os aspectos desenvolvidos dentro da análise, torna-se necessário elencar o percurso teórico e metodológico aplicado como forma de alcançar os objetivos propostos. O primeiro tópico a ser problematizado, diz respeito à utilização dos parâmetros conceituais do Círculo de Bakhtin como forma de instrumentalizar uma análise dialógica, que pretende compreender a amplitude da capacidade de ação dos discursos dentro do universo social brasileiro.

Entretanto, esse argumento se utiliza do contexto brasileiro como uma premissa de análise que visa compreender, em realidade, o porte do discurso desinformativo dentro da atualidade, denotando assim a maneira como esse discurso possui potencial de transformar de maneira radical as relações sociais e a forma como os indivíduos se organizam de maneira geral.

Destarte, tal problematização está alicerçada sobre a ideia de que o discurso desinformativo constitui a maior mudança ocorrida na comunicação humana desde as suas primeiras conceitualizações, ainda na antiguidade grega. Esse argumento é defendido partindo da ideia de que, desde o embate entre os filósofos gregos e os sofistas, a premissa básica da comunicação humana estava pautada nos mesmos argumentos que são propostos pelo Círculo de Bakhtin, em que o locutor, durante o processo de composição de seu enunciado, já possui informações valorativas acerca do horizonte temático de seu auditório, o que permite a construção de um enunciado que consiga potencializar suas temáticas considerando os prognósticos acerca das atitudes responsivas por parte desse auditório.

Entretanto, a partir dos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, tornou-se possível acumular uma quantidade gigantesca de dados acerca de cada indivíduo singularmente. Dessa maneira, gigantes da tecnologia, bem como outros grupos de agentes maliciosos, têm acesso a um banco de dados completo acerca dos seus usuários, que pode ser rudimentarmente equiparado a um diário, com todas as informações possíveis acerca de um indivíduo.

Esse cenário permite que, qualquer um que tenha acesso a esses dados, preveja de maneira quase exata⁴⁶ o comportamento dos usuários, seus anseios, desejos, vontades e medos. E é exatamente a partir desses dados que se instrumentaliza à desinformação, uma vez que, pela primeira vez na história da comunicação humana, os enunciadores possuem uma noção mais aprimorada acerca dos desejos dos usuários e dos contornos arquitetônicos do seu horizonte temático que os próprios indivíduos.

Essa proposição é amplamente comprovada ao longo da investigação, uma vez que o percurso da instrumentalização das teorias acerca da desinformação, bem como a análise das amostras, evidencia que o discurso desinformativo se tornou uma verdadeira ferramenta de distorção da realidade, que permite inocular conceitos, fatos e ideologias à intencionalidade dos locutores. Essa ferramenta consiste em uma cisão com o paradigma da racionalidade científica ocidental, dado que, permite que existam, não mais opiniões e visões de mundo diferentes, mas sim, uma ampla divergência nos fatos, e isso constitui o propulsor que permite que um determinado grupo de indivíduos justifique a pandemia de covid-19 como um grande complô arquitetado por um determinado grupo que busca, por exemplo, destruir o Brasil e tomar o poder.

Também, ao que tange ao segundo capítulo e a utilização dos conceitos do Círculo de Bakhtin como forma de realizar uma Análise Dialógica do Discurso acerca da desinformação, o posicionamento adotado durante toda a investigação pretende contribuir para compreensão do real e de analisar a situação social no Brasil, bem como o impacto dos discursos durante a pandemia, permitindo a produção de uma análise dialógica que integre o contexto em que está inserida.

Assim, ao trazer conceitos e problematizações acerca da desinformação, pode-se compreender como seu funcionamento permite a agentes políticos arrebanhar indivíduos

⁴⁶ Para mais informações acerca do potencial destrutivo da coleta de dados ver: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39535650>

e fortalecer a radicalização de grupos por meio de discursos que destoam da realidade objetiva.

Essa temática conseguiu alcançar muito dos pressupostos pretendidos, ao permitir a compreensão acerca da forma como o populismo atualmente, possui uma relação simbiótica com o roubo de dados e as mídias sociais e aplicativos de mensagens. E que a condição de existência de governos como o de Jair Bolsonaro é exatamente a existência de grupos radicalizados que consumam a sua visão dos fatos e a propaguem como se fosse a realidade objetiva.

Também é preciso denotar a forma como toda a investigação ocorreu de forma dialógica, uma vez que, foi o corpus de análise, no caso as amostras, que delimitaram os parâmetros conceituais e teóricos a serem instrumentalizados para sua análise. Assim, foram as amostras que mobilizaram os conceitos do Círculo de Bakhtin, e também os conceitos acerca de desinformação que melhor pudessem confirmar a hipótese que iniciou a investigação, focado no processo em que tais discursos foram influentes durante a pandemia.

Ao lançar luz às análises realizadas referentes às amostras de desinformação, algumas visões conclusivas podem ser elencadas. Inicialmente é preciso ressaltar que a investigação estava pautada em duas hipóteses principais, a primeira diz respeito à averiguação acerca da presença da voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro nas amostras de desinformação. Já a segunda diz respeito à instrumentalização da desinformação dentro do arsenal retórico do grupo ideológico protagonizado pelo ex-presidente, como forma de ampliar as temáticas abordadas em pronunciamentos e lives.

Ambas as hipóteses se mostraram verdadeiras no escopo de análise, uma vez que a voz social da extrema direita enunciada por Jair Bolsonaro, considerada como a forma de veiculação da voz social de todo um grupo, foi encontrada nas duas amostras, bem como a ampliação de temáticas abordadas pelo ex-presidente em pronunciamentos e lives também pôde ser percebida com a retomada da construção de sentidos empreendida pelo ex-presidente, sendo constantemente ampliada com recursos estilísticos e temáticos que ressoam as posições que o ex-chefe do executivo não pôde assumir de maneira integral em seus discursos.

Tal confirmação leva a algumas conclusões gerais a respeito da relevância da investigação dentro do contexto brasileiro na pandemia. Em primeiro lugar, precisa ser

retomada a noção de que o discurso de Jair Bolsonaro não consiste na visão de mundo e opinião de um civil, mas sim a de um chefe de estado, a mais alta posição hierárquica que pode ser ocupada por um indivíduo dentro da organização política e social brasileira. Dado isso, não somente os pronunciamentos oficiais, como também todo e qualquer modo de ação adotado pelo ex-presidente ressoam como atos que moldam o entendimento dos cidadãos brasileiros acerca da pandemia e da própria realidade.

Nisso, fica claro que, a despeito da frágil tentativa de Bolsonaro em se eximir da culpa ao afirmar “**que frases não matam**”, a realidade é que toda a população brasileira teve acesso ao comportamento do ex-chefe do executivo frente à pandemia, e sua metodologia negacionista levou à atos responsivos por parte dos cidadãos, o que potencializou a circulação do vírus, semeou dúvidas com relação à comunidade científica e aos especialistas em geral, incentivou o uso de medicamentos comprovadamente ineficazes, reduziu à taxa de adesão à vacinação e também alargou de maneira exponencial a polarização política, corroendo os alicerces da democracia e da civilidade no Brasil.

Todo o percurso percorrido pela investigação demonstrou que os discursos não são manifestações individuais e imersas em objetividade, mas sim reflexos do contexto histórico e ideológico dos locutores. A partir disso, a análise consegue evidenciar os pontos de interseção entre a ideologia e o locutor, o que ressalta a participação ativa do espectro ideológico habitado por Jair Bolsonaro no processo de disseminação de informações falsas durante a pandemia de covid-19 no Brasil.

Ao analisar os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, fica evidente a maneira como a desinformação estiliza tais pronunciamentos como forma de aprofundar os pontos em que a o discurso se separa completamente da realidade objetiva. Assim, a desinformação funciona como uma estratégia discursiva para ampliar o alcance e dar acabamento as narrativas feitas pelo ex-presidente de forma a manter coesa sua base radicalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, H. N. et al. **Tweetocracia e o populismo 2.0 da direita**: o caso do Brasil. In: *ENCONTRO ANUAL DA ANPOC*, 43., out. 2019, Caxambu, MG. São Paulo, ANPOCS, 2019.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, [1967].

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARROS, Leticia Martins Monteiro de. **Notícias Vs. Notícias Falsas**: A perspectiva da Linguística Cognitiva. Dissertação (Mestrado em História), Niterói, UFF, 2018.

BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (org.). **Dialogismo**: Teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014.

CARDOSO, Gustavo et al. As Fake News numa sociedade pós-verdade Contextualização, potenciais soluções e análise. **Relatório Obercom**, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Brasiliense, 2004.

DERAKHSHAN, Hossein.; WARDLE, Claire. Understanding and addressing the disinformation ecosystem. **Workshop, Conference of Annenberg School for Communication**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2017.

DERAKHSHAN, Hossein.; WARDLE, Claire. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe report**, v. 27, p. 1-107, 2017.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da Abralin**. V.20, n° 2, p. 1-25, 2021.

DICTIONARY, Oxford. **Post-truth**. Disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/post-truth>, 2016.

DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Editora Dublinense, 2018.

EL-JAICK, Ana Paula. Pós-verdade, ficção, fake news. **Fragmentum**, n. 53, p. 41-57, 2019.

EL-JAICK, Ana Paula Grillo. Self news: a ficção que é a sua cara. **Gragoatá**, v. 25, p. 291-309, 2020.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Vestígio Editora, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias do círculo linguístico de Bakhtin. São Paulo. Ed.: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística II**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, Ática, 2006.

FILHO, Otavio Frias. O que é falso sobre fake news. **Revista Usp**, n. 116, p. 39-44, 2018.

GIACOMELLI, Karina; SOBRAL, Adail. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 10, p.1076-1094, 2016.

INTRONA, Lucas D.; NISSENBAUM, Helen. Shaping the Web: Why the politics of search engines matters. **The information society**, v. 16, n. 3, p. 169-185, 2000.

JACK, Caroline. Lexicon of lies: Terms for problematic information. **Data & Society**, v. 3, p. 22, 2017.

JÚNIOR, Eli Borges. What is the post-truth? Elements for a critique of the concept. **Brazilian journalism research**, v. 15, n. 3, p. 496-513, 2019.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Brasiliense, 2008.

LEAL, Bruno. Fake News: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos Combates pela História** – Desafios Ensino. São Paulo: Contexto, 2021.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de et al. Emergência de saúde pública global por pandemia de Covid-19: desinformação, assimetria de informações e validação discursiva. **Folha de Rosto**, v. 6, n. 2, p. 5-21, 2020.

MEDVIEDEV, P. N. **Método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2012.

MIGUEL, Jean. Coronavírus, bolsonarismo e a produção da ignorância. **Cientistas Sociais**, UNIFESP, 2020.

MULLIGAN, Deirdre K.; GRIFFIN, Daniel S. **Rescripting search to respect the right to truth**. 2018.

ORWELL, George. **1984**. Editora Companhia das Letras, 2009.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: **Slovo – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos**. v.1. Curitiba: Appris, 2011. pp. 79-98.

PAULA, Lorena Tavares de; SILVA, Thiago dos Reis Soares da; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 93-110, 2018.

POSETTI, Julie; MATTHEWS, Alice. **A short guide to the history of ‘fake news’ and disinformation**. International Center for Journalists, v. 7, n. 2018, p. 2018-07, 2018.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia** (São Paulo), p. 31-47, 2019.

SEIFE, C. **Os números (não) mentem: como a matemática pode ser usada para enganar**. Zahar, 2012.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, p. 239-249, 2020.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso-ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016.

SOUZA, Nayara Iris Silva. A disseminação de fake news no caso do coronavírus (COVID-19): uma análise discursiva. **Revista Memento**, v. 11, n. 1, 2020.

TESICH, Steve. (1992). **A Government of Lies**. The Nation. 1992.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.